

98
JUNHO/08

rascunho

O jornal de literatura do Brasil

curitiba, junho de 2008 • ano 9 • www.rascunho.com.br • próxima edição: 2 de julho

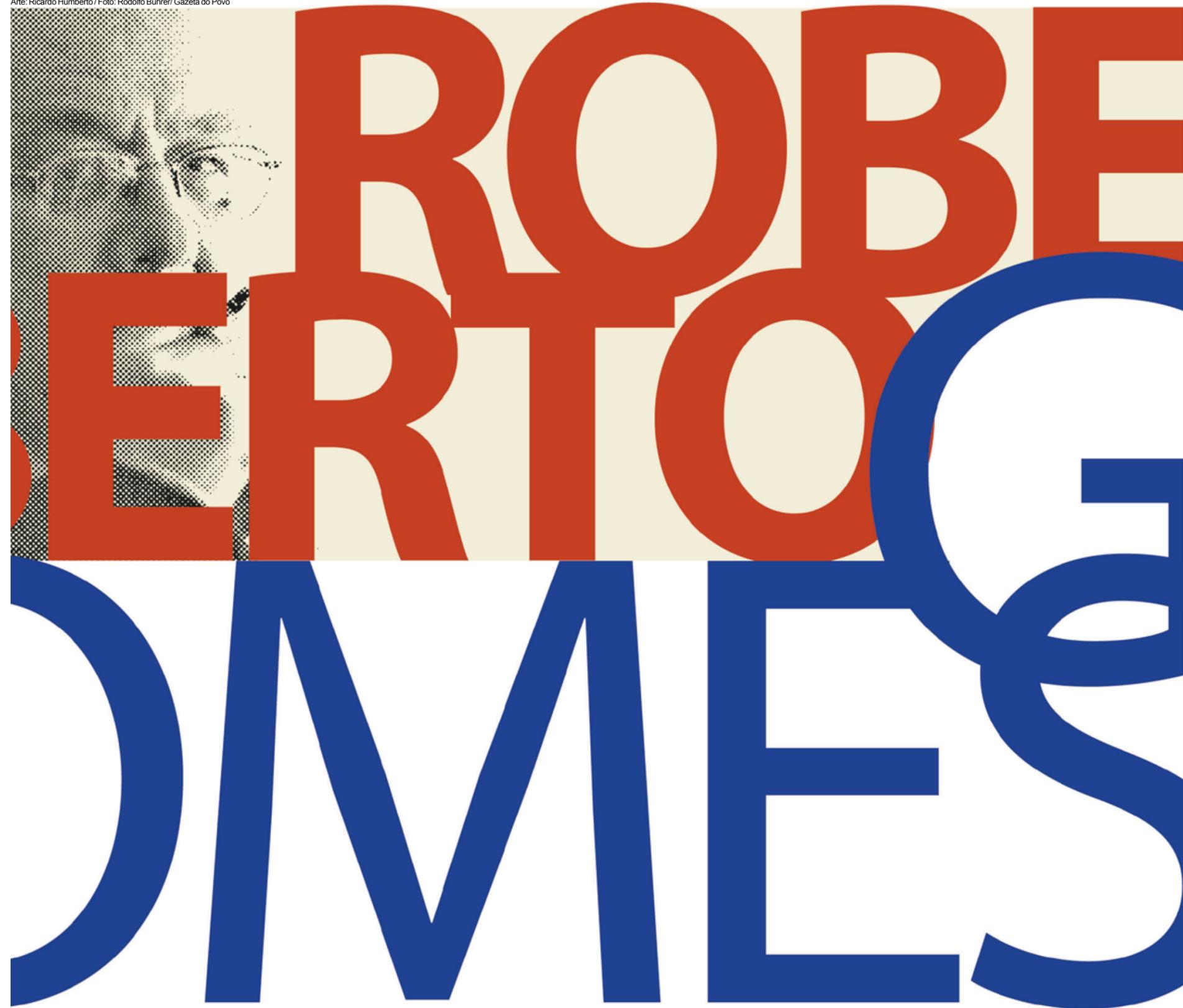


“É para isto que eu rezo literalmente, todo dia, antes de escrever: para que meu trabalho possa alegrar, divertir e esclarecer. Não tenho pretensões.”

NELSON MOTTA
Paio! Literário • 12/13

Matheus Dias/ Nume Comunicação

Arte: Ricardo Humberto / Foto: Rodolfo Bühner/ Gazeta do Povo



“Os livros editados [atualmente] são oportunistas na maior parte e algumas editoras têm tanto poder que inviabilizam a atividade de empreendimentos menores, de maior risco.”

ROBERTO GOMES • 4/5

CARTAS

rascunho@onda.com.br

VIDRAÇA

Livro em construção

O site da obra coletiva Livro de Todos (www.livrodetodos.com.br) já está no ar. Os internautas podem continuar a história iniciada por Moacyr Scliar. Até 16 de junho, as "páginas em branco" ficarão no ar diariamente, das 14h às 24h. Os textos recebidos ao longo do dia são avaliados, selecionados e editados por uma comissão editorial e passam a integrar a obra no dia seguinte, quando, então, o website volta a ficar disponível para novas contribuições. A edição e impressão do livro serão feitas pela Imprensa Oficial. O lançamento do livro acontece na Bial do Livro de São Paulo, entre 14 e 24 de agosto.

Prêmio SESC de Literatura

A edição de 2008 do Prêmio SESC de Literatura está com as inscrições abertas. Os escritores podem participar com apenas uma obra inédita em cada categoria — conto ou romance. As inscrições são gratuitas e podem ser feitas até 15 de agosto, nas unidades do SESC da cidade do participante. O edital do concurso pode ser conferido no site www.sesc.com.br. A última edição teve como vencedores Sergio Guimarães, com o romance **Zé, Mizé, Camarada André: notícia de Angola** e Maurício de Almeida, com o conto **Beijando dentes**.

MARCO JACOBSEN

LITERALMENTE

MARCO JACOBSEN



LANÇE DE DADOS

Escrevo para registrar minha alegria ao ver (e ler) a coluna *Lance de dados*, de Luiz Ruffato, na edição de maio do **Rascunho**. É um escritor e crítico muito competente. Tenho certeza de que vai enriquecer ainda mais o jornal, que já é excelente!

Sônia Barros • Santa Bárbara d'Oeste – SP

INDISPENSÁVEL

Em nome do Instituto Cultural Arte Brasil, parablenizo o **Rascunho**, que a cada edição se torna mais e mais indispensável para nossas oficinas de literatura com jovens de Londrina. As informações, críticas, entrevistas e sugestões de livros formam um panorama interessante e agradável nas oficinas de estudo e criação.

Aldo Moraes • Londrina – PR

NA COLEÇÃO

Acabo de assinar o **Rascunho**. Gostei muito e vou trabalhar no sentido de divulgá-lo em minha região. Sou colecionador assíduo de revistas literárias tais como *Coyote*, *Poesia Sempre*, *Orobóro*, *Inimigo Rumor*, *Autofagia*, etc., mas até então não assinava nenhum jornal com conteúdo cem por cento poético/literário, o que muito me agrada.

Carlos Alberto Muzille • Piraju – SP

FALE CONOSCO

Envie carta ou e-mail para esta seção com nome completo, endereço e telefone. Sem alterar o conteúdo, o **Rascunho** se reserva o direito de adaptar os textos. As correspondências devem ser enviadas para Al. Carlos de Carvalho, 655 - conj. 1205 • CEP: 80430-180 • Curitiba - PR. Os e-mails para rascunho@onda.com.br.

TRANSLATO

Eduardo Ferreira

Papel e desserviço da paráfrase em tradução

Paráfrase. Essa bem poderia ser uma boa definição para a palavra "tradução". Toda tradução tem muito de paráfrase, de explicação, de desenvolvimento a partir de um texto-base. Esforço para tornar o texto, originalmente obscuro, inteligível para o leitor-alvo. O tradutor, em geral, sofre de compulsão por explicar — há a preocupação de suprir lacunas que se abrem na passagem de um meio linguístico a outro, ou de uma cultura a outra.

O tradutor sofre da necessidade de explicar-se, forma de expiar a culpa atávica que o sujeita. Explica-se para o leitor, com paráfrases — às vezes mais longas que o recomendável —, com notas de rodapé, com introduções e posfácios, com orlhias, com o que estiver à mão. Explica-se para os críticos, especialmente em caso de tradução da "grande obra literária" — protegida dos críticos, sempre objeto dos maiores cuidados, cuidada que é como obra-de-arte. É como deve ser. Explica-se para si mesmo, no escuro da sala iluminada apenas pela luz trêmula da tela: era preciso explicar, parafrasear, arredondar o texto, deixá-lo apetecível, degustável — enfim, consumível.

Paráfrase pode ser sinônimo de má tradução. Texto que se enrola sobre si mesmo, descendo em

espiral rumo aos fundos de gaveta das editoras (ou, em casos de maior obstinação, rumo às prateleiras mais baixas das livrarias, primeiro, e, por fim, dos cantos sombrios dos sebos). Texto que não se sustenta sem o original, que parece implorar a presença deste. Tradução, enfim, insegura, irresoluta — à qual falta a força dos textos bem construídos, que se sustentam por si, que podem ser lidos independentemente daqueles que lhes deram origem.

É esta a medida decisiva de uma tradução: poder ser lido como novo original. Texto que estabelece verdadeiro padrão para toda uma geração. A tradução definitiva, enfim, pelo menos para determinar época, para determinar língua. Tradução que prescinde da paráfrase como muleta, mas que a usa, sim, se necessário, como recurso estilístico ou como solução tópica. Paráfrase que não ofusca o paralelismo (ou mesmo a concisão relativa) do texto em face do original. Dizer tanto (ou mais) com o mesmo.

A concisão — por oposição à paráfrase — pode ser outra marca do texto bem traduzido. Evitar traduzir com duas palavras o que se pode fazer com uma. Extrair sentidos novos de palavras velhas. Forçar a relação etimológica para pro-

duzir efeitos estilísticos que, quem sabe, o bom leitor (ou eventual crítico) saberá identificar, e mesmo reconhecer. Tensionar a estrutura sintática da língua-alvo para nela recriar toda a desenvoltura, toda a criatividade do original. Tudo isso sem provocar a sensação de estranhamento repulsivo. Pelo contrário: incitando a surpresa agradável, o deleite na leitura, pela novidade, pela virtuosa violação de regras que projeta a evolução da língua.

Para quebrar a regra, é preciso primeiro conhecê-la. Não se trata de meramente decalcar palavras e estruturas do original, a esmo, mas de cinzelar, na massa informe da tradução literal, um texto que saiba a invenção — com estilo adequado à estética corrente (e, se possível, com olhar no horizonte, à estética futura).

O tradutor, mais que qualquer artista, precisa ter um quê de antena da raça. Precisa, de certa forma, prever tendências, adivinhar para onde caminha a língua, sintonizar-se com as frequências mais elevadas de sua cultura, de seu meio, de seu instrumento de expressão. Precisa, talvez, apostar mais na concisão que na paráfrase, apontando o surgimento de estruturas novas, de neologismos. Explicar menos e sugerir mais. ☛



o jornal de literatura do Brasil

fundado em 8 de abril de 2000

ROGÉRIO PEREIRA
editorÍTALO GUSSO
diretor executivo

ARTICULISTAS
Affonso Romano de Sant'Anna
Eduardo Ferreira
Fernando Monteiro
Flávio Carneiro
José Castello
Luiz Bras
Luiz Ruffato
Rinaldo de Fernandes

ILUSTRAÇÃO
Marco Jacobsen
Oswalter Urbinati
Ramon Muniz
Ricardo Humberto
Tereza Yamashita

FOTOGRAFIA
Cris Guancino
Matheus Dias

SITE
Gustavo Ferreira

EDITORIAÇÃO
Alexandre De Mari

PROJETO GRÁFICO
Rogério Pereira / Alexandre De Mari

ASSINATURAS
Anna Paula Sant'Anna Pereira

IMPRESSÃO
Nume Comunicação
41 3023.6600 www.numa.com.br

Colaboradores desta edição

Álvaro Alves de Faria é jornalista, poeta e escritor. Autor de mais de 40 livros, incluindo romances, novelas, ensaios, volumes de crônicas e de entrevistas literárias, além de peças de teatro. Em 2003, reuniu toda sua poesia em *Trajatória poética*.

Carlos Eduardo de Magalhães é escritor. Autor de *Osujeito ao lado*, *Mera fotografia* e *Os jacarés*, entre outros.

Carlos Quiroga é professor na Universidade de Santiago de Compostela, na Espanha. É autor de *G.O.N.G. — mais de vinte poemas globais e um prefácio esperançoso*; *Periferias*; *A espera crepuscular*, *O regresso a arder*, entre outros.

Davino Ribeiro de Sena é diplomata. Autor de *Castelos de areia*, *O jaguar no deserto*, *Expedição*, entre outros.

Fabio Silvestre Cardoso é jornalista.

Francisco Pipio é poeta, contista e sociólogo. Publicou os livros de poemas *Asas do entardecer* e *As cidades*.

Francisco Verobe é jornalista.

Jonas Lopes é jornalista.

Lúcia Bettencourt é escritora. Ganhou o I concurso Osman Lins de Contos, com *A cicatriz de Olimpia*. Venceu o prêmio Sesc de Literatura 2005, com o livro de contos *A secretária de Borges*.

Luiz Bras é escritor e ensaísta. Autor de vários livros, entre eles *Bia Olhos Azuis* e *A última guerra*, mantém, em parceria com Tereza Yamashita, o blogue *Achados e Perdidos*: <http://terezaeluiz.blogspot.com>

Marcio Renato dos Santos é jornalista e mestre em literatura brasileira pela UFRP.

Mariana Ianelli é jornalista e poeta. Autora de *Almádena*, entre outros.

Maurício Melo Júnior apresenta o programa *Leituras*, na TV Senado.

Nana Martins é jornalista.

Paulo Krauss é jornalista. Autor de *Fedato*.

Rafaella Lemos é especialista em literatura.

Raimundo Carrero é escritor, jornalista e professor de criação literária. Publicou, entre outros, *Somos pedras que se consomem*, *As sombrias ruínas da alma*, *Sombra severa*, *O amor não tem bons sentimentos*, entre outros.

Rodrigo Gurgel é escritor, crítico literário e editor de *Palavra*, suplemento de literatura do Caderno Brasil do Le Monde Diplomatique (edição virtual).

Sérgio Rodrigues é escritor e jornalista. Mantém o blog sobre literatura *Todoprosa*: www.sergiorodrigues.ig.com.br. É autor, entre outros, de *As sementes de Flowerville*.

Severo Brudzinski é diretor teatral, dramaturgo e escritor. Em 2005, lançou a novela *Os amores e mortes de Gustavo Carbel*.

Vilma Costa é doutora em estudos literários pela PUCRJ e autora de *Eros na poética da cidade: aprendendo o amor e outras artes*.

Whisner Fraga é escritor, autor de *As espirais de outubro* e *O livro dos verbos*.

rascunho

é uma publicação mensal da Editora Letras & Livros Ltda. Rua Filastro Nunes Pires, 175 - casa 2 CEP: 82010-300 • Curitiba - PR (41) 3019.0498 rascunho@onda.com.br www.rascunho.com.br

tiragem: 5 mil exemplares

Paio Literário
palco de grandes idéias

12 de junho, às 20h

MARCO LUCCHESI

A PRIMEIRA MULHER é uma ampla mistura de amor, literatura, morte, memória, suspense, crítica político-social, ética



A primeira mulher
Miguel Sanches Neto
Record
335 págs.

VILMA COSTA • RIO DE JANEIRO – RJ

A primeira mulher, de Miguel Sanches Neto, é um romance cuja trama, recheada de acontecimentos surpreendentes, pode nos tornar um tanto perplexos quanto aos caminhos de leitura a seguir. O autor em entrevista apresenta-o, entre outras coisas, como um romance *quase policial*. A trama instiga a leitura pela via do suspense através de elementos que vão se incorporando, pouco a pouco, no tom enigmático que adquire. Um menino desaparecido há anos, uma mãe atormentada e candidata em evidência sofrendo ameaças, chantagens, seguranças, eminências pardas, armas, riscos de morte, imprensa sensacionalista e manipuladora, atentados, negociações e falcaturas são componentes da ficção policial, sem dúvida. Entretanto, esse aspecto limita-se a um *quase* na medida em que muitas outras questões submergem dessa trama, secundarizando o papel de detetive amador do protagonista, lançando-o numa outra direção. É amador sim, não só na função de detetive que lhe é atribuída pela ex-namorada, mas no sentido etimológico da palavra. *Ama* as mulheres, a literatura, a vida e nelas transita, perde-se, busca-se em labirinto. O seu caráter de amador o distancia bastante do tradicional detetive movido, predominantemente, pela racionalidade científica, colecionador de pistas, observador de uma estrutura lógica, na qual os elementos da trama se encadeiam e levam à solução definitiva de um enigma, como: onde se encontra o corpo? Qual a causa do crime? Quem é o assassino?

É quase policial como muitas narrativas contemporâneas, tem muitos elementos de suspense, entretanto, esses são meios de garantir a narratividade de um amador em sua conturbada afetividade. O suspense é um dos fios desse tecido textual, mas não tem um fim em si mesmo, não pretende o grande desfecho de soluções acabadas. Neste sentido, é quase. Não porque fique devendo, mas porque é mais que isso, outros fios sustentam a trama e ganham importância, tanto na constituição da temática amorosa, quanto na discussão da linguagem que experimenta dizer o indizível. Este aspecto talvez seja o de maior relevância, pois parece se constituir enquanto sintetizador dos diversos eixos temáticos. O texto literário pensando a literatura e sua linguagem, portanto, com enfoque metaficcional, possibilita uma discussão do processo de produção, sua fisionomia de *ensaio*, tentativa, experimento, arte, artifício. Ao mesmo tempo em que a estrutura narrativa segue um fluxo contínuo, dentro de uma via realista factual, sofre fragmentações tanto na sua linearidade temporal, que discutiremos mais adiante, quanto na sua caracterização enquanto gênero literário.

Oito fragmentos numerados de um poema cortam o texto em prosa e com esta diálogo. Tudo indica tratar-se de uma manifestação lírica do professor de literatura que considera o poema como “uma versão autoral do *Cântico dos cânticos* bíblico”, batizada por ele de *Jardim em chamuscas*. Avalia, ainda: “era uma reflexo de minha vida erótica variada e sem sossego”.

Questionamento

O texto, montado a partir de uma narrativa sobreposta à lírica ou entrelaçada a ela, oferece uma discussão do fazer literário para além de uma tipologia de gênero. Prosa e verso convivem no mesmo espaço de papel e tinta da ficcionalidade. Se ainda estão separados por séculos de definições e especificidade, hoje, essas fronteiras são porosas e permitem o trânsito de uma forma a outra, uma ligação mais estreita entre os vários tipos de textos. *Jardim em chamuscas* é uma versão profana e contemporânea do cântico de Salomão adaptada para o romance, no sentido de enfatizar a temática amorosa em suas variedades e desassossegos e, ao mesmo tempo, questionar os gêneros fixos e a literatura em vários aspectos. Para garantir a ficcionalidade do texto, outros recursos e tipos de textos vêm corroborar para a construção da narratividade, poesia, crônica, crítica e tudo mais que for preciso. Miguel Sanches Neto realiza, de certa forma, nesse romance e em livros anteriores, suas inquietações de intelectual múltiplo da contemporaneidade. Poeta, crítico, cronista, professor, romancista, homem do seu tempo enfim, com seus vazios e suas certezas provisórias. “Mas prosa e poesia se interpenetram nos meus textos. O último capítulo do romance *Chove sobre minha infância* foi escrito como um poema. E os poemas de *O olvidado vivo* foram escritos como prosa aforística”, afirma.

Carlos Eduardo, em *A primeira mulher*, se diz fascinado pelo “amor de Salomão e Sulamita”. A partir da estrutura do poema que separa a voz de cada amante por estrofes, ou grupos de estrofes, ele avalia que o fato de o “casal está a um tempo junto e separado, sugere a mobilidade do amor, que não se realiza como união plena entre os amados, mas

O texto, montado a partir de uma narrativa sobreposta à lírica ou entrelaçada a ela, oferece uma discussão do fazer literário para além de uma tipologia de gênero. Prosa e verso convivem no mesmo espaço de papel e tinta da ficcionalidade.

como um encontro que se revela desencontro, uma satisfação insatisfatória, um diálogo que súbito vira monólogo”. A incompletude do ser que, segundo George Bataille, impulsiona o homem para o encontro erótico é, em si, a busca obsessiva por uma plenitude impossível, mas sempre perseguida. Não estaria a busca pela expressão através da literatura e das artes em geral ligada a esse movimento de mobilidade do amor e dos sentidos?

No romance essa relação é sugerida através de um enredo relativamente simples, embora a gama de fios condutores e eixos temáticos torne a trama complexa. O professor de literatura é convocado por uma ex-namorada de juventude a lhe prestar assessoria no momento crítico em que se encontra. Solange, a primeira mulher candidata a prefeita da cidade, ameaçada por chantagens, sem ter em quem confiar, solicita a Carlos Eduardo (Edu) proteção e serviço de investigador da secreta rede que contra ela conspira. Um filho desaparecido em menino, fato que justifica sua luta e sua ascensão, retorna como ameaça de chantagem. O fato, em si, não ser muito convincente não tem relevância. O que importa é a contextualização do mundo da política institucional e suas redes de corrupção e interesses, mundo este em que o protagonista se vê mergulhado e cuja vivência anterior nos livros e na literatura lhe é inútil.

O professor acaba envolvido pela mulher que no passado havia escolhido casar-se com outro, mais bem sucedido socialmente. Paralelo a isso se encontra Lírian, aluna e namorada, muito jovem que parecia ser como tantas outras. À margem de sua vida afetiva conturbada estava dona Ilza, a mãe amorosa e abnegada em sua vida simples, moldada pelas cultura e estética televisivas, bem distante dos interesses literários do filho.

Chave de leitura

O romance vem organizado em três capítulos, intitulados, respectivamente, *Segunda*, *Terceira* e *Primeira*, esta desordem numérica sugere uma chave de leitura, já que não deve estar aí à toa. Para bom entendedor o erro é pista, a pista é falsa, os caminhos se bifurcam a se perderem de vista. Cada uma dessas partes são subdivididas por subcapítulos, estes mantêm uma seqüência relativamente linear, no que se refere ao tempo, com predominância do presente narrativo. As reminiscências e as conexões com o passado, entretanto, volta e meia, sobressaem como elementos integrantes do discurso. Voltam como lembranças de um tempo fantasma que povoa o presente e não o deixam seguir seu curso natural. Solange evoca vinte anos de juventude deixados para trás mas dos quais Edu não consegue se livrar. Preso em suas redes, reproduzindo como um D. Juan, a insaciável e, portanto, compulsiva sedução de jovens alunas. A lembrança dessa juventude escapa com os anos por entre os dedos. Lembranças, afinal, são como outra face da memória: o esqueci-

o autor

MIGUEL SANCHES NETO nasceu em Bela Vista do Paraíso (norte do Paraná), em 1965. É autor, entre outros, de *Chove sobre minha infância*, *Um amor anarquista* e *Venho de um país obscuro*. É colunista do jornal *Gazeta do Povo* e mora em Ponta Grossa (PR).

trecho • a primeira mulher

A manhã me surpreendeu sem o que fazer. Desde o reencontro com o passado, meus hábitos sofreram uma suspensão perigosa. Perdera totalmente a vontade de ler. Jornais, revistas e livros, abertos uns, outros intocados, permaneciam esquecidos pelos cômodos. Mesmo com tanta leitura pela frente, eu mal conseguia folhear o jornal. Foi impossível pensar na chantagem que Solange estava sofrendo, pois me faltava um ponto de partida.

Com a faxina de fim de ano, não restava em casa muita coisa que pudesse matar minha fome. Talvez fosse o caso de descer e pedir algo na padaria da esquina. Olhei a confusão geral e achei que deveria impor alguma ordem antes de sair.

mento. Às vezes, chegam-lhe diálogos inteiros. Outras, só visualiza o vazio. Da senhora Ribas Fonseca e seus saltos altos... “não tinha memória, apenas notícias”. Isso porque “a memória fazia suas escolhas”. Walter Benjamin, em fragmentos de *Rua de mão única*, comenta: “Nunca podemos recuperar totalmente o que foi esquecido... O choque do resgate do passado seria tão destrutivo que, no exato momento, forçosamente deixaríamos de compreender nossa saudade”.

Apesar disso tudo, a perda de sentido dessa saudade só se processa com o choque do resgate destrutivo desse passado, transcendendo o esquecido, resgatando o recalçado, mesmo quando isso é impossível totalmente. É entre esse passado revisitado no presente vazio de sentido que transita o personagem. O amor retomado na primeira mulher já se efetua num corpo maduro e numa vida tão impenetrável e não partilhável quanto à de juventude. Esgotada a possibilidade de reviver os dias mortos no corpo dessa mulher, o corpo de Lírian perde o sentido de réplica da juventude descartável e ganha atributo próprio de mulher, como chance do personagem “ficar no presente não como um foragido mas, sim, como contemporâneo daquele corpo”. Além de tudo isso, o narrador do romance não nos deixa esquecer que “a primeira mulher de um homem é sempre a mãe... o jardim ancestral... a terra... satisfação arcaica”. É, portanto, entre Solange, Lírian e dona Ilza que Carlos Eduardo busca um lugar para seu desassossego e sua falta de pertencimento.

Fora do centro

O país, a cidade, as letras, os corpos amantes e materno são territórios perseguidos, mas jamais plenamente habitados. “Raramente eu me sentia confortável no mundo...” Como se Carlos Eduardo, a exemplo do nosso outro Carlos, tivesse recebido a maldição do anjo torto. “Vai, Carlos! ser gauche na vida.” Curiosamente, Miguel Sanches discute isso em entrevista, partindo da sua vida pessoal para sua identidade paranaense. Se esta existe, afirma, “...deve estar na falta de pertencimento”. Avalia que “o paranaense é um homem que não pertence plenamente a um espaço... está sempre fora do centro, saudoso de um outro lugar...” Talvez o poeta de um modo mais amplo desde que foi expulso da República de Platão também já passasse por isso. O modernista brasileiro evoca seu desejo: “Vou embora pra Pasárgada”. O estrangeiro, de Albert Camus, citado no romance, problematiza essa questão. São tantos os exemplos que encontramos na vida e na literatura que somos obrigados a pensar que a questão da perda da territorialidade, do vazio existencial de pertencimento é hoje um constituinte do homem contemporâneo. Elemento que vem se radicalizando e tomando novas feições a cada dia, em cada obra artística ou literária, em cada indivíduo em particular, no momento em que os grandes projetos e as grandes ilusões totalizantes estão em xeque. É esse homem e o tempo em que ele vive, ou sobrevive, com todos seus delírios, sonhos, paraísos artificiais e infernos naturais que estão em discussão aqui.

Segundo o narrador, os espaços de poder estão corrompidos, inclusive a literatura, enquanto espaço institucionalizado. “A cidade está vazia...” como o homem que a habita, mas preenche de desejo de uma completude impossível. Não se trata aqui de um moderno romance de formação. Já não é mais possível o tempo linear do progresso, da ascensão linear de uma personalidade em ascensão que aprende a cada passo a liberdade e a totalidade de uma identidade fixa. O tempo é circular, do caos ao seio da terra, do seio da mãe, à perdação no mundo, numa falta de pertencimento radicalizada e sem remédio.

A primeira mulher mistura tudo isso, amor, literatura, vida, morte, memória, suspense, prosa, poesia, crítica literária, crítica político-social, ética e até didática. Os amores do protagonista e seus ensaios poéticos e literários possuem esse caráter erótico no sentido mais amplo, digamos mitológico. O fazer literário, neste sentido, vai além de uma forma, evoca conteúdos, simbologias e transitividade dos recursos expressivos, impossíveis de serem reduzidos ou *ensaiados* sem considerar essa mistura como uma poética, mais ampla do que simplesmente a disposição de versos. Relembrando Octavio Paz, em *Dupla chama: amor e erotismo*: “A relação entre erotismo e poesia é tal que se pode dizer, sem afetação, que o primeiro é uma poética corporal e a segunda é uma erótica verbal... A imaginação é o agente que move o ato erótico e o poético”. A poética é corporal não apenas pela tematização do corpo amado enquanto objeto de desejo e de encontro, enquanto fugaz território de pertencimento. O corpo do texto transfigura-se nesse objeto, incorpora e acolhe todas as formas como no enlace amoroso, pelo menos é o que pretende a erótica verbal que ganha corpo, movida pela imaginação criadora do bom poeta romancista *amador* de sua arte. ♣

A INVENÇÃO de uma poeta

No romance **JÚLIA**, Roberto Gomes recria literariamente o que teria sido a trajetória de Júlia da Costa

MARCIO RENATO DOS SANTOS • CURITIBA – PR

Caminho pela Alameda Júlia da Costa, aqui em Curitiba, e lembro que houve tempo em que sequer sabia quem teria sido a personagem que empresta o nome à rua, mas lembro que me perguntava: quem poderia ser Júlia da Costa? Paro num cruzamento, espero os carros que passam e logo estou, pedestre que sou, novamente em movimento e ainda me dou conta de que, de 1999 a 2002, participei de uma grande aventura editorial: a coleção *Brasil diferente*, idealizada por Miguel Sanches Neto, então diretor-presidente da Imprensa Oficial do Paraná. O projeto viabilizou a edição de centenas de títulos, de literatura à história, incluindo a impressão de *Poesia*, organizado por Zahid Muzart, com todos os poemas de Júlia da Costa (1844-1911) — a primeira mulher a se dedicar à poesia no Paraná.

O que me impressionou, em um primeiro momento, muito mais do que a obra, foi a trajetória de Júlia da Costa. Ela nasceu em Paranaguá (PR) e depois de alguns incidentes estaria em São Francisco do Sul (SC) — ambas cidades portuárias. Júlia, apesar do não facto material biográfico, se configurou como um ser dissonante em seu tempo: de origem humilde, era leitora, discutia política, publicava artigos em jornais, escrevia poesia e teve poemas aglutinados em livros. “Surge, surge, ó dia amado! / Com teu lúcido clarão / Vem recordar à minh'alma / A mais celeste afeição!”, eis um fragmento de *Vinte e dois de agosto*, uma de suas criações. Ela, já na cidade catarinense, se apaixonaria por um poeta e trovador conhecido por Benjamin Carvoliva, mas iria se casar com um homem prático, o presidente do partido conservador da região, o comendador Francisco da Costa Pereira.

Os caminhos e descaminhos de Júlia da Costa, durante algumas temporadas, me levaram a pensar em como algumas mulheres fazem opções equivocadas. Tinha a impressão de que ela, que a história insinua ter sido muito infeliz, teria sido vítima de um casamento de conveniência, condenada a suportar um sujeito três décadas mais velho apenas em troca de algum conforto, sombra e brisa da Baía da Babitonga. Júlia deixou a poesia no passado depois do casamento. Mas, então, como uma surpresa do destino, e do mercado editorial, chega este ano o romance *Júlia*, de Roberto Gomes, que reinventa literariamente Júlia da Costa. Independentemente do que possa ser factual e histórico, o livro consegue impor uma versão definitiva da personagem histórica, tamanha é a força narrativa e o resultado da obra enfim, sem dúvida, uma das mais bem-sucedidas realizações da história da literatura brasileira de todos os tempos.

As miragens românticas

Já estou em uma praça curitibana e entro num café. Entre um vinho e uma cerveja, escolho um café e lembro que preciso entregar a resenha e, apesar de já ter lido o livro, ainda não encontrei brechas de tempo para escrever. E *Júlia* tem muitas camadas. É um grande livro, mas não posso me valer apenas de adjetivos. O que chama atenção, entre tantos aspectos da obra, é como o autor conseguiu trabalhar a questão histórica. A narrativa traduziu as faces da monarquia da provinciana Santa Catarina do século 19 no personagem que se tornaria o marido de Júlia. Francisco da Costa Pereira, um português, chegou em São Francisco do Sul na condição de pé-rapado e foi logo apelidado de Chico Sumiço, devido à magreza. Mas acabou casando com uma mulher rica, enviuvou e se tornou um dos todo-poderosos da região sul. Posteriormente, ele escolheu Júlia e juntos atravessaram anos seguidos apesar da incompatibilidade: ele enfrentava o real; ela, delirava. Francisco da Costa Pereira morreu junto com o império, exatamente ele que era um de seus representantes. E, uma vez viúva, Júlia — nesta ficção de Roberto Gomes — não lamentou o tempo ao lado do comendador.

O romance relativiza o amor que não deu certo para Júlia da Costa. Benjamin Carvoliva, o sujeito por quem ela se apaixonou, e com quem não teve mais do que poucos momentos e uma ou duas noites de amor, ganha contornos do que, na realidade, são os pseudoartistas que por vezes acabam seduzindo mulheres ao longo da história, desde que o mundo e a arte existem. Carvoliva se apresentava, para Júlia, como a idealização de uma “existência plena”: era o “artista”, o indivíduo que lia, tocava violão e tinha, aparentemente, a sensibilidade que poderia viabilizar o paraíso na Terra. Mas o “poeta” não teve coragem de assumir Júlia, não enfrentou os desafios, as dificuldades e os impasses que inevitavelmente surgiriam, e surgiam. E, aqui neste café, lembro de que mesmo hoje, 2008, muitos Carvolivas surgem como miragens para muitas Júlias — os falsos artistas que parecem interessantes mas não passam de homens falhados (E como Curitiba está repleta de Carvolivas, e de tantas Júlias).

Roberto Gomes conseguiu, por meio da imaginação, preencher as lacunas (biográficas) a respeito do que poderia ter sido a existência de Júlia da Costa. E fez isso a partir de uma visão de mundo madura, mostrando que nada é o que parece. Os personagens são complexos; a trama, surpreendente e o enredo chega aos leitores sinalizando que foi algo longamente elaborado, maturado enfim ruminado e, então, escrito. Enfrentar Júlia da Costa, como ponto de partida rumo a uma fabulação, não deve, e não foi evidentemente, projeto fácil. E, como se afirmou nesta resenha, *Júlia* é, de fato, um grande romance; mas adjetivos não conseguem mostrar ao leitor a relevância deste livro — e por isso vou usar mais três parágrafos.

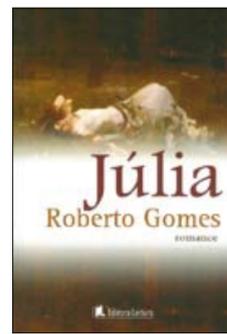
Poeta menor, vida maior

Peço mais um café espresso e abro *Júlia* em busca de algum fragmento para transcrever na resenha, a fim de compartilhar com os leitores e as leitoras do *Rascunho* um pouco da força da literatura de Roberto Gomes. Na página 58, leio: “(...) A mania (...) que Júlia tinha de sumir de casa, andar pelas ruas, sentar-se à beira da baía e ficar olhando para o horizonte sem que ninguém entendesse o que lhe passava pela cabeça”. Mas não seria nem será apenas uma frase que traduziria nem traduzirá a força da obra. E lembro agora que na década de 1980 meu pai foi resolver algum problema em São Francisco do Sul e, enquanto eu esperava, fiquei por horas a mirar a mesma baía que Júlia também mirava, mas naquele passado eu ainda não era leitor nem sabia da existência dela — e isso é uma resenha e não posso fugir do livro e me refugiar em reminiscências.

Enquanto bebo outro espresso aqui neste café curitibano, folheio *Poesia*, com toda a obra de Júlia da Costa, e quero encontrar motivos para elogiar a produção inventiva da autora. “Branco jasmim, és tão lindo / Entre aromas a sorrir, / Qual doce estrela formosa / Do céu no prado a fulgir!”. Isso parece literatura de qualidade duvidosa. “Em vão te chamo nos murmúrios vagos / Da doce brisa que fugindo vai; / A voz se perde na procela horrível / Que sobre os amores à notinha cai”. Talvez alguns membros da Academia Paranaense de Letras ou mesmo alguns jovens poetas curitibanos considerem esses versos poesia, mas não passa de desabafo metrificado e sem linguagem. “Ai! quanta inspiração, quanta saudade / Tu me acordas no peito adormecido, / Quando trinas de amor magas endeixas / da tarde ao declinar”. Este poema, dedicado a um sabiá, é tão ruim quanto a produção do superestimado poeta que Curitiba endeuou na década de 1980 e que até hoje gera epígonos — uma poesia fracassada.

Saí do café, caminho pra casa e daqui a alguns minutos terei de escrever a resenha sobre *Júlia*, de Roberto Gomes. Me encontro num impasse: a obra tem inúmeras nuances e a minha resenha ainda não tem nem um “esqueleto”. Preciso salientar, na resenha, que a vida da autora é muito mais interessante do que tudo o que ela escreveu. E isso se evidencia na obra de Roberto Gomes. O desfecho do romance é genial, e surpreendente, pois o leitor não se dá conta e, de repente, o texto revela que a protagonista morreu depois de ter ficado 11 anos trancada no primeiro andar do casarão onde viveu com o comendador — e ao ter mencionado o fato não me torno estraga-prazeres, uma vez que a linguagem do autor é imensamente superior a um comentário. A resenha, caras leitores, caras leitoras, é um gênero que não consegue dar conta, nem minimamente, do que é um livro: o que se escreve sobre uma obra é apenas recorte, fragmento, mero ponto de vista. Nada substitui a experiência da leitura, e há um grande livro à espera de quem espera uma experiência literária inesquecível: *Júlia*, de Roberto Gomes. ☘

“A crônica nos permite ser gostosamente irresponsáveis. Podemos falar de tudo, colocar tudo em questão, e conversar com um público que poucas vezes se aventura a ler livros.”



Júlia
Roberto Gomes
Leitura
318 págs.

O autor

ROBERTO GOMES nasceu em Blumenau (SC), em 1944. Duas décadas depois, migrou para Curitiba (PR). É formado em filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Atuou como professor na Universidade Federal do Paraná, de onde saiu aposentado em 1998. Foi o idealizador (e por oito anos diretor) da editora da UFPR. Debutou como escritor em 1977 com *Crítica da razão tupiniquim*, um ensaio ousado sobre o pensar brasileiro. Em 1979, publicou *Sabrina de trotoar e de tacape* (contos). No mesmo ano recebeu o prêmio de melhor escritor brasileiro, da UBE/SP, pelo romance *Alegres memórias de um cadáver*. Na década de 1980, abriu a Criar Edições que, já no século 21, teria o mérito de publicar *Como tornar-se invisível em Curitiba*, coletânea de crônicas de Jamil Snege (1939-2003). Roberto Gomes teve um livro de contos editado pela Record, *Exercícios de liodão*. Em 2001, publicou o romance *Os dias do demônio*. Quinzenalmente, publica crônica no suplemento *Caderno G*, do jornal *Gazeta do Povo*. Vive em Curitiba.

trecho · Júlia

Esquecer. Apenas esquecer. Perdoar, não, lembrou Júlia. Esquecer, perdoar jamais — era um dos ditos preferidos de dona Maria, que Júlia ouvira ao longo da vida a propósito de pequenos desaforos ou grandes maldades que a mãe fora obrigada a engolir. Esquecer. Não perdoar. Mas esquecer como? Perdoar o quê? Perdoar como? Seria possível perdoar sem esquecer ou esquecer sem perdoar? Não falar mais no assunto, fazer de conta que nada acontecera. Arrumar um motivo que explique o acontecido e perdoe a falta e o faltoso. Lembrar do desaforo sem lembrar de quem o cometera? Ou passar o resto da vida ruminando o passado, mordendo-se por dentro, atenta ao perigo de tudo pudesse se repetir? Não sabia como sair desta embrulhada confusa que herdara da mãe.



O AMOR seja como for

Roberto Gomes fala de **JÚLIA**, livro que o faz realizar mais um projeto: escrever um “romance de amor”

FRANCISCO VEROBE • CURITIBA – PR

O que vocês vão ler, leitores e leitoras do **Rascunho**, é o que meu pai me ensinou e o que eu sempre faço, ou procuro fazer: produzi a entrevista que gostaria de ter concedido. Se vocês vão ler Roberto Gomes a falar, levem em conta que procurei extrair dele tudo que eu teria dito se fosse ele, mas não sou, todos sabem. Também o que me guiou neste bate-papo foi tentar proporcionar ao leitor uma prosa como se fosse uma conversa da realidade. Roberto Gomes interagiu comigo a partir do lançamento de seu romance **Júlia**. Mas também falou, instigado por mim, sobre a sua faceta de editor e ainda a respeito de sua performance como cronista do mais importante jornal do Paraná, e um dos maiores do Brasil, a *Gazeta do Povo*. Ainda: eu poderia inventar a coluna “Rascunho-Caras”, ou “Rascunho-Contigo”, e revelar que Roberto Gomes, catarinense que é, tomava banhos de rio com Vera Fischer (sim, a original). Mas isso não cabe neste espaço. Boa leitura.

• **Júlia** traz como personagem central uma figura histórica do Paraná, assim como *Os dias do demônio* também tratou de uma questão histórica. Outros romancistas paranaenses também mergulharam em questões históricas. Miguel Sanches Neto aproveitou a Colônia Cecília; Domingos Pellegrini recriou a origem de Londrina e a passagem de Prestes pelo estado. Em sua opinião, cabe, também, aos romancistas, dar corpo, e mesmo recuperar, e ainda recriar fatos que a nossa historiografia não dá conta?

Eu evitaria falar sobre o que “cabe aos romancistas”, pois isso poderia dar a impressão de que proponho uma tarefa prioritária aos que escrevem, algo como uma condição sem a qual não se faz boa literatura. Na verdade, os romancistas, se têm uma obrigação, é a de contar boas histórias que sejam bem escritas, sejam elas baseadas ou não em fatos históricos. No caso do romance **Júlia**, encontrei sua história em meio a uma pesquisa mais ampla que fazia sobre o século 19, em especial em acontecimentos relacionados de um modo ou outro ao período em que ocorre a Revolução Federalista, 1893-1895, o que me ocupa há muitos anos. Lá pelas tantas, reencontrei — ou me dei conta — de que a história de Júlia Maria da Costa, poeta nascida em Paranaguá, em 1844, mas que viveu desde os seis ou sete anos, na ilha de São Francisco, em Santa Catarina, até morrer em 1911, era uma espécie de síntese de vários temas que atravessam o século 19. O auge e o declínio da monarquia, as lutas dos republicanos, o fim da escravidão, mas também o aparecimento de uma nova figura de mulher, que é o grande mérito e a grande desgraça de Júlia Maria da Costa. Sofreu o que sofrem os pioneiros, aqueles que vivem antes de seu tempo.

• **Antes desta pesquisa, Júlia já havia chamado a sua atenção?**

Júlia da Costa já havia chamado minha atenção anteriormente. Destas coisas quase inexplicáveis: sempre que encontrava um poema seu ou uma referência a seu nome, me passava pela cabeça que ali havia algo que merecia atenção. Me parecia uma vida cheia de significados. Mas só quando a situei no contexto do século 19 é que entendi a dimensão que poderia adquirir sua história pessoal. Contar a sua vida era falar de todo um período histórico, não só catarinense e paranaense, mas também brasileiro.

• **Mas voltando à primeira pergunta, não respondi ainda...**

É verdade que de uns tempos para cá alguns escritores radicados no Paraná publicaram livros inspirados em fatos históricos. Além dos romances do Miguel Sanches [**Um amor anarquista**] e do Domingos Pellegrini [**Terra vermelha**], há o de José Angeli [**A cidade de Alfredo Souza**], publicado em primeira edição — desastrosa editorialmente, infelizmente — na década de 1970 e que é um belo romance. Foi reeditado recentemente. Isso me parece muito bom. Uma das dificuldades que encontrei, ao escrever **Os dias do demônio** — entre 1977 e 1987 — foi a falta de referências literárias, de um caminho já explorado. Depois de ler tudo que havia sobre a revolta dos posseiros em 1957, no sudoeste do Paraná, depois de visitar algumas vezes a região e entrevistar vários dos participantes da revolta, eu me sentia incapaz de iniciar o romance. É que me faltava o tipo humano, suas vestes, sua linguagem, seus modos de agir e reagir, etc. Levei muito tempo até achar a chave da história, um épico caboclo, como disse um crítico. Ou seja, quando um romancista como o Tabajara Ruas ou o Luiz Antonio de Assis Brasil, no Rio Grande do Sul, escreve romances históricos, eles contam com um *background* que vem de longe, desde o romance regionalista

“Estamos fazendo neste momento alguma coisa desbravadora: transformar em ficção, em linguagem, a aventura humana que está escondida por detrás da vida em terras paranaenses.”

Rodolfo Bühner/ Gazeta do Povo

gaúcho, bem como da obra de Erico Verissimo, de Josué Guimarães, etc. Aqui, não havia esta tradição. É nisso que estamos trabalhando agora. Estamos fazendo neste momento alguma coisa desbravadora: transformar em ficção, em linguagem, a aventura humana que está escondida por detrás da vida em terras paranaenses.

• **Mas algo especial em Júlia, não é mesmo?**

No entanto, no caso de Júlia, esta terra é mais catarinense do que paranaense, o que, aliás, alimentou uma polêmica um tanto ridícula entre literatos do Paraná e de Santa Catarina lá pelos anos 1910, 1920. Seja como for, é uma história que, retratando o século 19, retrata de alguma forma tudo que se passa no resto do Brasil naquele período.

• **E o lance do amor? Poderia esmiuçar a questão do amor no romance?**

A origem deste romance — a origem literária, quero dizer — está neste encontro entre a minha curiosidade a seu respeito e um desejo que sempre alimentei de escrever o que poderia ser chamado de “romance de amor”. Me explico: eu alimentei, desde que comecei a escrever, entre outros projetos, três quase-manias. Um, era escrever uma sátira para retratar o Brasil: o resultado foi **Alegres memórias de um cadáver**. Depois, o projeto de escrever um épico; daí resultou **Os dias do demônio**. O terceiro destes projetos era o “romance de amor”. Eu gostaria de recuperar a arte de narrar uma grande paixão e as desilusões que costumam acompanhá-la. Neste sentido, a vida de Júlia da Costa foi um prato cheio.

• **Qual a sua avaliação sobre a Júlia poeta?**

Chama atenção em Júlia da Costa a qualidade de sua poesia. Não se trata de uma grande poeta, está claro, mas sua obra tem uma qualidade inegável, um refinamento raro, um domínio bastante elevado da composição poética e uma sensibilidade aguçadíssima. Num mundo em que a mulher era um ser de segunda classe, submissa ao mundo dos homens e vítima deste mundo, ela era ousada, independente, capaz de atitudes que eram tidas como extravagantes — por exemplo, pintar os cabelos, coisa que então só as prostitutas faziam, ou participar de polêmicas em jornais, igualando-se aos homens, com os quais discutiu temas da época — a escravidão, a república, a guerra do Paraguai, etc. Uma mulher com um espírito livre e indomável, que, no entanto, terminou vítima do grande sonho de um amor romântico, casada com um homem 30 anos mais velho do que ela e a quem não amava. Sem ter podido realizar seu sonho amoroso e sem ser amada, sua vida só poderia terminar em desgraça. Esta tragédia pessoal — que retrata a tragédia da mulher em geral no século 19 — é ao mesmo tempo a derrota e a grandeza da vida de Júlia.

• **Você idealizou a Criar Edições na década de 1980, que ficou desativada em meados dos noventa e que ressurgiu no século 21. Como está a sua paixão, que é atividade de editor?**

Editar é uma paixão e uma diversão antiga, mas acho que também nesta área já não há espaço para aventuras mais ou menos românticas. Hoje a situação editorial brasileira, se melhorou no que se refere à produção — toda feita em computadores, o que permite melhor qualidade e custos muito mais baixos — por outro piorou consideravelmente porque mudou o perfil das livrarias, da distribuição, dos livros editados e dos leitores. As livrarias pequenas e médias sofreram baixas enormes nos últimos anos — basta contar, em cada cidade, o número de livrarias que desapareceram. Ficaram as megastores, que vendem porcarias, só expõem best-sellers e auto-ajuda, e livros instantâneos, estes escritos por celebridades medíocres. As distribuidoras sumiram, perdem o papel que tiveram — não divulgam, só entregam pedidos. Os livros editados são oportunistas na maior parte e algumas editoras têm tanto poder que inviabilizam a atividade de empreendimentos menores, de maior risco. Sempre dissemos que a Criar Edições eram o “besouro voador”. Como se sabe, um besouro, segundo as leis da aerodinâmica, não pode voar. Mas voa. Hoje penso que os besouros já não podem voar.

• **E a sua atuação como cronista quinzenal aos domingos na *Gazeta do Povo*? Isso te ajuda enquanto ficcionista? Te dá retorno? De que tipo?**

Escrever crônicas quinzenais é algo que já faço, na *Gazeta*, há mais de onze anos. Fico impressionado com duas coisas. Uma, o diálogo com os leitores, que me escrevem e-mails, telefonam, me procuram, usam as crônicas em debates, em sala de aula, pregam nas paredes de faculdades e escolas, fazem circular entre amigos através de xerox ou anexadas a e-mails, etc. Outra, a quantidade de leitores que se alcança por meio do jornal e da internet, pois as crônicas estão disponíveis num site. É um número considerável de leitores, o que é um grande estímulo. Mas outro dado importante é que a crônica, tendo essa dupla natureza literária e jornalística, permite a discussão dos temas mais diversos, desde abordagens do cotidiano, dos fatos culturais, políticos, uma festa. Permite mesmo textos líricos e bastante sutis. Me parece que a crônica nos permite ser gostosamente irresponsáveis. Podemos falar de tudo, colocar tudo em questão, e conversar com um público que poucas vezes se aventura a ler livros. Mas, se não tem o hábito do livro, é capaz de apreciar um bom texto. Já são quase quatrocentos textos publicados e que já renderam um livro e até uma peça de teatro, *O amor, seja como for*, na qual reuni textos que falam dos desastres do amor. Foi encenada em Curitiba em 2007, pelo grupo Pé no Palco. ☛



MAURÍCIO MELO JÚNIOR • BRASÍLIA – DF

Há anos o problema da crescente incommunicabilidade inquieta a escritora Lya Luft. Foi o desejo de discutir o problema de maneira objetiva e direta que a levou a escrever as reflexões de seu livro de maior sucesso, **Perdas & ganhos**. Embora escudado na enorme aceitação pública, este primeiro debate não a satisfazia ainda. O tema se apresentava com fôlego para persistir num outro nível de seu palco, a ficção. Depois de seis anos sem publicar ficção — **Mar de dentro**, misto de histórias inventadas com reflexões, foi publicado em 2002 — Lya se debruça, com **O silêncio dos amantes**, em contos que outra coisa não faz senão discutir as conseqüências da incommunicabilidade.

O livro reúne vinte contos inicialmente pensados como um romance. Talvez por isso as narrativas estejam sempre voltando a temas como a loucura, a morte, as perdas. Também do ponto de vista narrativo, os contos passeiam por universos oníricos, mágicos, embora mantenham sempre um pé solidamente fixado no realismo. O fundamental é mesmo que a autora está de volta às suas antigas inquietações. E aí nos reencontramos com anões e pessoas comuns, todos marcados por incompreensões e resistências que levam às mais profundas misérias humanas.

Destas misérias a que mais se destaca é a morte. Morre-se muito nestes contos. Em praticamente todas as histórias se encontra um morto a dominar a existência dos vivos. Uma conclusão mais apressada pode até apontar para uma preocupação natural de uma escritora que há anos vem contabilizando perdas. Mas, como ela mesma anuncia, sua vida foi mais de ganhos e a reflexão sobre a morte vem dos princípios filosóficos enfeixados na tragédia grega, onde se morria para renascer em novas experiências.

Certamente vem daí o paralelo que a escritora traça entre a morte e o vôo. Logo no conto de abertura do volume, *A pedra da bruxa*, um menino simplesmente se deixa levar — pelo menos na visão da mãe — pelo desejo simples de se tornar pássaro. Sua morte não chega de fato a se realizar plenamente. E o jogo de dubiedade que Lya Luft desenvolve é fundamental para sua ficção. Ela não pretende criar regras ou determinar linhas de ação. Quer contar histórias e refletir sobre os medos e ousadias humanos.

Há outras metáforas para a morte no livro. A loucura e o preconceito são as mais visíveis delas. Alguns personagens vão definindo aos poucos em sua loucura até chegarem à morte real. Este definimento é uma espécie de fim suavizado pelo lirismo com que são descritos. Desde o pai que corre dos rios e mares por não aceitar seu chamado até a avó que volta a uma segunda infância na velhice plena. No caso específico dos dois personagens a morte lhes chega como uma fatalidade inevitável.

Morte violenta

Uma curiosidade é que em apenas um momento do livro, exatamente no conto que dá título ao livro — *O silêncio dos amantes* — a morte vem com violência. Um as-

Antigas INQUIETAÇÕES

Em **O SILÊNCIO DOS AMANTES**, Lya Luft volta a tratar das profundas misérias humanas

a autora

LYA LUFT começou sua carreira literária em 1980, aos 41 anos com a publicação do romance **As parceiras**. Publicou dezessete outros livros de poesia, crônica, contos, reflexões, além de romances e literatura infantil. Em 2003, publicou seu livro de maior sucesso, **Perdas & ganhos**. Formada em letras anglo-germânicas e com mestrado em Literatura Brasileira e Linguística Aplicada, traduziu autores consagrados, como Virginia Woolf, Günter Grass, Thomas Mann e Doris Lessing. Ganhadora de vários prêmios literários, desde 2004 assina a coluna *Ponto de Vista* na revista *Veja*.



O silêncio dos amantes
Lya Luft
Record
160 págs.

O livro reúne vinte contos inicialmente pensados como um romance. Talvez por isso as narrativas estejam sempre voltando a temas como a loucura, a morte, as perdas.

trecho • O silêncio dos amantes

Na verdade, desde aqueles dias em que alguma coisa o assustou e ele nunca mais entrou no rio — e até nos mudamos de lá para a cidade grande —, meu pai estava nos deixando. Foi enveredando por um labirinto de sua mente atormentada, ninguém sabia por que motivos: foi-se, longe, mais longe, e enlouqueceu. Nem os cuidados e o carinho de minha mãe, nem meu devotado amor, ajudaram em nada. Seus fantasmas eram mais fortes do que nós com nossa realidade banal.

RODAPÉ

Rinaldo de Fernandes

Qual o melhor, o livro ou o filme Benjamin?

Como responder à pergunta (e ela vem sempre, do senso comum ou não) que envolve o problema do *valor* da obra transposta para o cinema? Como responder à questão: o que é melhor, o livro ou o filme que adapta o livro? Claro está, pela proposta do teórico Brian McFarlane, que a explicação ao senso comum deve considerar que se tratam de dois sistemas semióticos distintos, e que portanto os objetos (o livro, por um lado; o filme, por outro) devem ser valorizados independentemente um do outro. Brian, ao que tudo indica, não está muito interessado no problema do valor como não está interessado na questão da “fidelidade” da obra filmica em relação à obra literária. Mas, e se persistir a pergunta: qual o melhor dos dois, o livro ou o filme? O que dizer no caso de **Benjamim**? Suponhamos que a resposta seja: o livro é melhor? Indago: que critério para avaliar isso?

A dissertação de mestrado *Em cartaz, Chico Buarque: a adaptação do romance Benjamin para o cinema*, de Mariana Mendes Arruda, defendida na Universidade Federal de Minas Gerais em outubro de 2007, não enfrenta esse problema, mas, por fazer uma descrição pertinente, rica, das duas obras, apoiando-se em teorias sólidas, termina nos dando condições para responder, pelo menos em parte, à pergunta. Na hipótese de uma comparação entre as duas obras para se aferir o valor das mesmas, e pelo que ficou exposto na pesquisa de Mariana, pode-

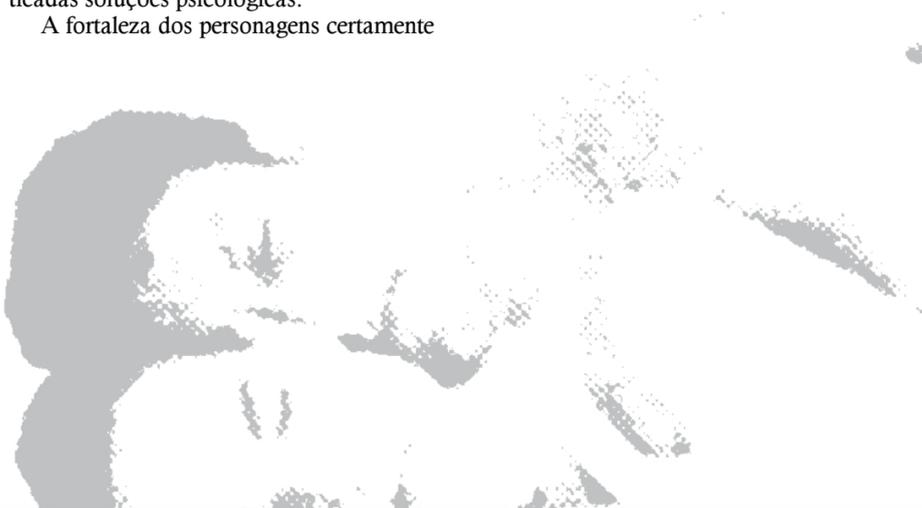
mos chegar a certas conclusões, sendo que a mais evidente talvez seja a seguinte: houve por parte de Monique Gardenberg, a cineasta, o aproveitamento de um *roteiro mais comunicativo*, que, portanto, permite ou facilita uma maior recepção do público. A cineasta cede às pressões do mercado (é a questão, citada pela mestranda, da “vulgarização” da obra literária feita pela obra cinematográfica, conforme a teoria de Gerard Genette), aproveitando esse roteiro mais comunicativo, com maiores facilidades? Parece que sim.

Comparemos alguns aspectos das duas obras: 1) o livro, como indica a mestranda, é construído em cima de “nebulosidades” do discurso do narrador; o filme é feito em cima de “certezas”, de claridades; 2) o Benjamin cinematográfico, visto de cara como um indivíduo decadente, com “o olhar pesaroso do envelhecimento”, é um tipo menos denso do que o protagonista do romance — e sabemos que, em narrativa moderna (literatura, cinema, etc.), há diferença entre um personagem que é tipo (ou seja, de atributos mais fáceis de serem reconhecidos pelo receptor) e outro que é denso; há diferença de fatura, de valor mesmo; o Benjamin de Gardenberg desliza mais para um tipo, para uma quase caricatura; o Benjamin de Chico é mais complexo. Aqui, portanto, se fôssemos aferir, a arte de Chico seria melhor avaliada do ponto de vista crítico; estaria mais afinada com os valores ar-

tísticos da modernidade, com o que se espera da construção do personagem moderno; 3) no livro há uma dúvida — e é algo narrado com a complexidade própria do narrador buarqueano — se Benjamin foi o responsável pela morte de Castana; no filme, como a própria mestranda descreve, “não há dúvida”, fica claro que foi ele. É mais uma das facilidades da diretora para tornar o roteiro comunicativo, para que não exija muito da mente do espectador; 4) quanto à personagem Ariela Masé — no romance o leitor fica em dúvida se ela é filha de Castana Beatriz (a dúvida, afinal, é do próprio Benjamin); no filme, há certeza, tanto que uma mesma atriz (Cléo Pires) representa as duas personagens — Castana e Ariela; mas a dúvida, no caso do romance, é um fator fundamental da construção do personagem de Benjamin — faz parte de seus devaneios, incertezas e, sobretudo, de sua busca de uma identidade própria, de uma imagem de si. A cineasta, como bem informa a mestranda, constrói uma Ariela “vingativa”, “cruel”, que “mata seus amantes”, distinta da “sonhadora e ingênua” personagem de Chico. Isto que faz a cineasta alterar muita coisa, pois transforma a personagem de trabalhadora suburbana em criminosa (talvez como forma de representar, mas de modo apelativo e, por que não dizer?, pouco criativo, a questão da violência na sociedade contemporânea); 5) conforme afirma a mestranda, “a

cineasta coloca em segundo plano o personagem-título do romance [Benjamim] e passa o protagonismo da história a Ariela”; e mais: um “romance político”, que evoca situações importantes de nossa história recente, envolvendo a ditadura militar, é transformado num filme “mais distante dos cenários políticos” e que tem “um cunho sensual, amoroso”, uma vez que sua narrativa se centraliza “nos relacionamentos amorosos do protagonista [Benjamim] com Castana e Ariela”. Essa “inversão ideológica” não deixa de parecer grave, comprometedora.

Enfim, a cineasta, como constata Mariana Mendes em sua pesquisa, acrescenta “catálises, índices e informantes que alteram a significação dos núcleos narrativos”. Bom, Mariana é muito elegante em seu texto. Evita julgar o valor das obras de Chico Buarque e de Monique Gardenberg. Sua maior preocupação é “pensar a [...] adaptação cinematográfica a partir dos ganhos extratextuais que ela nos proporciona e encontrar na obra de Gardenberg aquilo que o romance não apresentou”. Mas, e se, ao invés de “ganhos”, houve “perdas”? Eu diria, para finalizar, e enfrentando a questão do valor: as alterações, os acréscimos de Monique Gardenberg foram um pouco para pior. Num confronto entre os dois artistas, entre o escritor e a cineasta, a arte de Chico Buarque parece-me — por tudo o que frisei acima — de qualidade superior. ☛

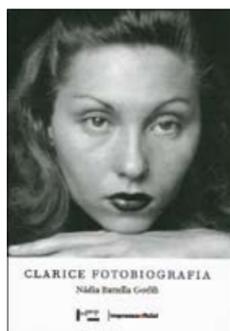


FOLHA DE ROSTO JOSÉ CASTELLO

A cortina luminosa

Por trás de cada fotografia de Clarice Lispector pode-se divisar uma mulher inquieta, um eterno mistério

Fotografias mostram, ou escondem? São espelhos luminosos, que desmascaram o Eu ou, ao contrário, superfícies embaçadas e traiçoeiras, que o dissimulam? Perguntas incômodas me vêm enquanto folheio **Clarice fotobiografia**, um livro assombroso de Nadia Battella Gotlib. Janelas



Clarice fotobiografia
Nadia Battella Gotlib
Edusp/Imprensa Oficial
656 págs.

sobre a alma de Clarice, ou cortinas de luz que, fingindo mostrar, mascaram?

São fotos magníficas. Começam com a imagem solene da ucraniana Mania Krimgold, futura Marieta Lispector, mãe de Clarice. Não, não se parece com ela, mas há alguma coisa no porte, e também no olhar perdido, que denuncia a filiação. Fotos de família, que se misturam a imagens de Kiev, a capital. Fotos históricas, de soldados, de multidões, ruas comerciais, fachadas, a reprodução metódica de documentos.

A chegada a Maceió. A mudança para

o Recife. Clarice pequena, em foto oval, entre as duas irmãs e os pais. Parentes, contraparentes, laços. A mãe morre. Um boletim escolar, a primeira carteira de identidade, a matrícula no colégio. A mocidade já no Rio de Janeiro. Nos retratos, os primeiros sinais mais nítidos da Clarice que conhecemos. Nas fotos de juventude, ela já olha para os lados, arredia ao presente, distante.

Adulta, trabalha no Departamento de Imprensa do Itamaraty. Em uma fotografia de gabinete, em outra nos jardins, uma terceira no museu da casa, Clarice refina o ar enigmático, de quem desvia os olhos e se abstrai. Nas primeiras fotos com o marido Maury, a felicidade ressurge. Também na clássica fotografia de formatura, de 1943. São momentos. Fotografada às vésperas da partida para Belém, onde o marido exercerá funções diplomáticas, a tristeza retorna. Não é uma tristeza ostensiva, dramática; é mais uma dor que se encolhe, uma mulher que, lentamente, se abstrai.

O casal se transfere para a Europa. De Argel, ela escreve para a irmã Tânia: "Nada tenho feito, nem lido, nem nada — sou inteiramente Clarice Gurgel Valente". A desfiguração se inicia. A força do impessoal, tema de muitos de seus relatos. Conserva a elegância, a beleza, mas já começam a se impor a melancolia e o alheamento. Nas

fotos sociais, só um sorriso protocolar, nada mais. Nos retratos mais íntimos, o espanto. Clarice mira o fotógrafo, faz a pose adequada, mas olha para dentro. A cortina de luz começa a descer.

Quando visita, com Maury, o vulcão Vesúvio, é pega de surpresa, olhando para trás, bela, mas estranha. Na temporada italiana, durante a qual Giorgio de Chirico pinta seu célebre retrato, um pouco de alegria, ainda que pálida, ressurge. Em Berna, "cemitério de sensações", o afastamento se adensa de novo. Limita-se a simular a felicidade — uma felicidade clandestina, que captará depois na escrita, felicidade ilegítima, quase ilegal, que não corresponde ao que de fato sente.

Tormenta interior

A amiga Bluma Wainer a fotografa em Paris, muito bela, mas com um olhar abstrato — olhar fatal que, em uma fotografia mágica, ela esconde com as mãos espalmadas sobre o rosto. Aqui e ali, na vida social, um sorriso (que parece sempre forçado). Há sempre um descaso, um esquecimento, um desvio, a atenção que se dirige para outro lado, para coisas que ninguém mais vê. A felicidade, agora intensa, retorna com o nascimento do primeiro filho, Pedro. O segundo filho, Paulo, nasce na temporada

de sete anos em Washington. Novo intervalo de alegria. Mas uma tormenta, contínua, se adensa em seu interior. Nadia Gotlib destaca as palavras do amigo Fernando Sabino: "Você está escrevendo como ninguém, você está dizendo o que ninguém ousou dizer".

Não é fácil de carregar. Na célebre fotografia em que está escrevendo, caneta prateada sobre o caderno, e sob ele uma mesa de luz, Clarice volta a denunciar, nos olhos quase fechados, a presença do insuportável. Na volta em definitivo para o Rio de Janeiro, já separada de Maury, aparece na foto clássica, tirada na praia do Leme, entre uma amiga e os dois filhos. Os olhos escuros, indecifráveis, mal escondem seu jeito obliquo de encarar o real. Mal disfarçam sua inapetência para a vida comum.

Está feliz, ainda assim, ao lado do amigo Sabino, ou quando posa com a máquina de escrever no colo. A alegria aparece, também, quando fala com leitores, dá entrevistas, autografa um livro. No avançar dos anos, contudo, o espanto aumenta. Ao lado do cachorro Ulisses, olhos cheios de dúvidas, justifica a frase que depois virou título de uma biografia: "Eu sou uma pergunta".

Quando, em Brasília, discursa para agradecer um prêmio, de olhos grossos, tensa, já não parece acreditar nas palavras. Em outra fotografia, a amiga Olga Borelli vigia a angústia que a leva a apertar com violência as mãos. A morte chega e Carlos Drummond a resume: "Clarice/ veio de um mistério, partiu para outro".

O livro, magnífico, tem mais de seiscentas páginas. O esforço de Nadia Gotlib é comovente. Mas virada a última página, a 652, as perguntas não só persistem, como se adensam. Onde está Clarice? O que Clarice via? O que queria Clarice? Perguntas que ela alargou, reverberou, gritou, sem nenhuma ilusão de responder. As fotografias de Clarice Lispector, sua beleza tensa, seu alheamento, sua perplexidade, apontam para coisas que não conseguimos ver. O que se vê só encobre o que Clarice Lispector é. Manto luminoso, que nos distrai e consola, enquanto a alma de Clarice ferve. ☛

Novos ou consagrados, todos os autores atestam a importância do Prêmio SESC de Literatura.

"O Prêmio SESC mescla a busca do rigor com a obstinação pelo novo. Abre caminhos, faz a literatura brasileira respirar."

José Castello
Crítico Literário

"Acredito que a maior dificuldade de um escritor é a divulgação. Daí a importância do Prêmio SESC de Literatura: é uma ótima oportunidade para o autor estreado apresentar sua obra ao grande público."

Maurício Fiorito de Almeida
Vencedor do Prêmio SESC de Literatura 2007
categoria Contos

INSCRIÇÕES ABERTAS ENTRE 15 DE ABRIL E 15 DE AGOSTO

Não perca a oportunidade de divulgar sua obra literária. Procure a unidade do SESC em sua cidade e veja como participar ou consulte o edital no site

www.sesc.com.br



SESC



capas dos títulos já publicados através do Prêmio

Duchamp

e o paradoxo do mentiroso

O farsante artista que tenta disfarçar sua mediocridade num irônico jogo verbal

Uma doutrina falsa não se pode contradizer, já que se baseia na convicção de que o falso é verdadeiro. (Goethe)

Mentir exige alguma habilidade. Há bons e maus mentirosos, e apesar do que dizem alguns pós-modernos, há bons e maus artistas. Diz o ditado que a “mentira tem perna curta”, pretendendo nos garantir que o mentiroso não vai longe, é logo desmistificado. Sabemos, no entanto, que isso não é bem verdade. Há mentiras que resistem por muito tempo. E, não entanto, são mentiras.

Um dos itens mais conhecidos da lógica e da sofística é o *paradoxo do mentiroso*. Como acreditar no mentiroso? Quando é que ele diz a verdade? Se alguém diz “eu estou mentindo”, tal afirmativa “só será verdadeira se o autor não estiver mentindo”. Ou como diz Lawrence Goldstein estudando conceitos-chaves da Lógica: “Considere o enunciado — ‘Este enunciado é falso’. Se ele é verdadeiro, então o que ele diz é verdade, a saber: que ele é falso. Se ele é falso, então uma vez que isso é exatamente o que ele declara a respeito de si mesmo, ele é verdadeiro. Logo, quer seja verdadeiro, quer falso, ele é tanto verdadeiro quanto falso”.

Daí, a crítica ficar indecisa e paralisada di-

ante de afirmações como essas do mentiroso paradigmático Marcel Duchamp: “Quanto mais convivo com artistas, mais convencido fico de que eles são uns farsantes depois que começam a ter um mínimo de sucesso”. Ai há um silogismo que pode ser assim desdobrado:

*Duchamp é um artista
Todo artista é um farsante quando tem sucesso
Duchamp teve sucesso
Logo, Duchamp é um farsante*

Mas se o farsante chama os demais de farsantes, então ele não é farsante? Ou será que é tão farsante que engana os farsantes exercendo uma metafarsa mais refinada que a dos seus parceiros?

E no mesmo texto, Duchamp, esse nosso dândi, histrião, sedutor e sofista, continua “todos os cachorros ao redor dos artistas são vigaristas”. Noutro texto ele vai dizer que “este século é um dos mais baixos na história da arte, mais baixo até que o século XVIII, quando não havia uma arte maior, mas apenas frivolidades”.

Então, pode-se perguntar: quando o “anartista” reconhecido responsável direto “por um dos mais baixos níveis da história da arte” diagnostica esse baixo nível, torna-se ele automaticamente absolvido de tudo o que fez?

Aqui, tirando os nós das contradições aparentes, chegamos a configurar o que em estudo chamei de *falso neutro*. O mentir sobre a mentira não torna a mentira necessariamente mais verdadeira. E até mesmo os melhores biógrafos de Duchamp, tanto Jean Clair, quanto Calvin Tomkins e Judith Housez, tiveram que admitir, em meio ao encantamento que o personagem lhes desperta, que ele é que abriu a entrópica “caixa de pandora” da modernidade. Mas não basta aceitar isso automaticamente. É necessário analisar o conteúdo dessa “caixa”, o que há dentro dela e o que ela abre ou entreabre. Estou enfim fazendo avançar a questão da *paralisia do conhecimento*. E por isso é instrutivo retomar também aquela conhecida frase de Goethe que tem algo a ver com o paradoxo do mentiroso. Dizia ele que “uma doutrina falsa não se pode contradizer, já que se baseia na convicção de que o falso é verdadeiro”¹.

Pois essa é exatamente a questão central nas afirmativas de Duchamp quando toma o falso pelo verdadeiro. Seus axiomas podem e devem ser desmontados, e não é se escondendo atrás da artimanha irônica que resistirão.

Lembremos que nosso mentiroso paradigmático dizia: “cada palavra que eu lhes digo é estúpida e falsa”. As pessoas ouviam ou liam isso e ficavam com o juízo

adormecido, tomando a frase simplesmente como humor. Tal tipo de pensamento encontra correspondência nos sofistas gregos, que diziam coisas como: “durante muito tempo me espantei com minha própria sabedoria e não acredito nela”. É engraçado. Mas Groucho Marx também era engraçado, mas nem por isso está nos livros de filosofia, e sim na história do humor. Teríamos, portanto, que começar a ler menos ingenuamente uma série de jogos verbais (engraçados e inócuos) que inundaram o pensamento da modernidade. E nisso Duchamp é de novo paradigmático, ao dizer tolices como essas, que alguns consideram como verdades magistrais:

*A idéia de julgamento deveria desaparecer.
Sou totalmente um pseudo.
Pode alguém fazer obras que não sejam obras de arte?
A palavra não tem a menor possibilidade de expressar alguma coisa.*

Por que nunca ninguém se interessou em examinar essas proposições? ☛

notas

¹ Lasky, Malvin J. “Utopia y revolution”. Fondo de Cultura Económica. Mexico 1985, p. 92.



Sesi Cultural.

A evolução da Indústria através da Cultura.

O Sesi Cultural é o programa criado pelo Sistema Federação das Indústrias do Estado do Paraná, através do Sesi - Serviço Social da Indústria, para levar cultura, em todas as suas formas, a indústria do Estado. Por meio do teatro, da música, dança e de uma série de outras manifestações artísticas, o Sesi Cultural estreita o vínculo entre a indústria, seus trabalhadores e suas famílias.

Ganham todas as partes: as empresas, com mais satisfação de seus funcionários e aumento na produtividade; os trabalhadores, com a melhoria da Qualidade de Vida, e a sociedade, com mais uma força dinâmica, apoiada na cultura.

O Sesi Cultural nasce com propostas inovadoras, baseadas, sempre, nos valores e na ética construídos pelo Sistema Fiep e pela marca Sesi. O programa, de dimensão estadual, estimula o cidadão a viver mais intensamente a cultura e, assim, resgatar seus valores e fortalecer o sentimento de cidadania.

Principais Objetivos:

- › Resgatar e fortalecer valores culturais do Paraná, através do meio sindical, industriário e comunitário.
- › Promover atividades culturais e o fomento à cultura paranaense.
- › Colaborar com a geração de trabalho, renda e desenvolvimento do Paraná, através de atividades culturais.
- › Incentivar e assessorar as empresas em projetos da área cultural.
- › Estimular o investimento em projetos através das Leis de Incentivo à Cultura.
- › Articular parcerias para a captação de recursos para o desenvolvimento de projetos culturais.



Principais Ações

São importantes projetos do Sesi Cultural:

Prata do Sesi - Valoriza os trabalhadores paranaenses, abrindo espaços para que mostrem sua arte e talento.

Quinta do Sesi - Toda semana, sempre às quintas-feiras, apresentações culturais nos cines-teatros Sesi.

Cine Teatro Sesi - Abre as salas de audiovisuais da estrutura do Sesi, em todo Paraná, para aproximar a indústria do cinema, teatro e os mais variados espetáculos.

Festival Estadual de Música - Uma oportunidade para os talentos da indústria paranaense na mais popular manifestação artística.

Empreendedorismo Cultural - São as oficinas culturais de música, literatura, teatro, cinema, artes visuais e dança, desenvolvidas com foco no empreendedorismo e buscando incentivar a interação destas atividades.

Assessoria Cultural - Oferece assessoria a Indústria Paranaense na área cultural.

Deixem entrar a luz

GOETHE E BARRABÁS, de Deonísio da Silva, é ma história sobre amizade, más escolhas e traição



Goethe e Barrabás
Deonísio da Silva
Novo Século
192 págs.

WHISNER FRAGA
RIBEIRÃO PRETO – SP

Durante suas aulas de literatura, ministradas em uma universidade do interior paulista, no fim dos anos 1990, o professor Deonísio da Silva freqüentemente pedia a seus alunos que resumissem a trama de determinada obra em uma única frase. Uma valiosa lição sobre síntese, que todo escritor deveria aprender. Se tal artifício fosse empregado para sumarizar o novo romance do escritor catarinense, **Goethe e Barrabás**, a sentença seria: uma história sobre amizade, más escolhas e traição.

Ao que parece, Goethe, pouco antes de falecer, pronunciou as seguintes palavras: “deixem entrar a luz!” Verdade ou não que o escritor alemão tenha proferido tal sentença, Deonísio imaginou uma improvável personagem a entregar a desejada claridade ao moribundo: Barrabás. Como todos os cristãos e alguns outros sabem, Barrabás foi aquele escolhido para ser libertado na Páscoa, no lugar de Jesus Cristo. Quem foi esse sujeito preferido pela multidão? Um discípulo de Judas, o Galileu, acusado do assassinato de um soldado romano em uma rebelião organizada para protestar contra os impostos abusivos cobrados por Roma. Não foi, aparentemente, nenhum monstro.

Para se fazer uma boa escolha, é necessário um conhecimento prévio das coisas que se vai escolher, das perspectivas, do contexto social, político e econômico e de outros fatores igualmente importantes. Aqueles que absolveram Barrabás não estavam a par de sua condição num império prestes a desabar e, portanto, fizeram uma péssima escolha, o que, entretanto, só foi constatado muito tempo depois de acontecidos aqueles eventos, que culminaram na crucificação da personagem mais discutida da história da humanidade.

Neste seu sétimo romance e margeando os sessenta anos, Deonísio está mais amargo. Aquele seu humor irônico, característica dos trabalhos anteriores, a veia histórica, o lirismo renitente, as encantadoras personagens femininas, ainda estão presentes, mas há uma angústia, uma aflição permeando as páginas desta sua nova obra, que a deixam mais madura e, por que não?, mais completa do que o romance anterior, **Os guerreiros do campo**.

Aliás, são oito anos de intervalo entre um livro e outro, o que foi benéfico para a narrativa, que está enxuta, poética, mais ousada e pode ser comparada com a de **Cidade dos pais** e **Avante soldados: para trás**, suas duas obras-primas. **Goethe e Barrabás** fala do cinquentão Barrabás, um homem casado e bem-sucedido, que chega ao outono da vida avistando todos os seus ideais ruírem em um mundo de más escolhas e traições por trinta dinheiros, em um país de política-gem e vaidades, de muitos holofotes e arte de qualidade incerta. Para apaziguar essa exis-

tência atormentada, aparece a jovem Salomé, com seu frescor, sua beleza, com seu amor autêntico, pronta para acolher o amado, qualquer que seja ele, pois o sentimento não necessita do objeto para existir ou para ser despertado.

Barrabás, ex-seminarista, escritor e professor universitário, trabalha em um texto sobre um prefeito corrupto que é assassinado, o Labíolo. Com figuras como esse político, Deonísio retrata também um pouco da história atual do Brasil, dos desdouros dos poderosos deste país, dos trambiques, do jeitinho para tudo e para tanto lança mão de uma narrativa

fragmentada, em que há vários narradores (e conseqüentemente muitos pontos de vista) — inclusive uma chinchila, a Lalá, cacos que, no entanto, vão compondo um magnífico vitral.

O autor aproveita também para homenagear os seus intelectuais preferidos. Pelas páginas de **Goethe e Barrabás** passeiam o poeta Hölderlin, na pele de um padre, Osman Lins, Jorge Amado, Caio Fernando Abreu e alguns outros mestres da literatura, mais ou menos esquecidos, injustiçados ou vendidos pelo alvoroço barulhento de novidades que pretendem ser antes marketing do que arte.

Resta a pergunta, que o leitor deve estar se fazendo: por que Deonísio da Silva, que já editou pelas grandes Siciliano e Girafa, decidiu lançar este seu novo romance pela nanica Novo Século? A resposta é simples: basta o leitor dar uma olhada na dedicatória do livro. Deonísio, fiel aos amigos, resolveu acompanhar seu editor de trinta anos, que se mudou para a pequena editora paulista. Ganhou uma edição muito bem cuidada, com um bonito projeto gráfico, que certamente lhe dará a certeza de ter feito uma boa escolha. Optar pela amizade nunca poderá ser ruim. ♣

**Linha Verde.
A avenida que
vai ligar Curitiba
e preservar a
natureza.**

A Linha Verde é a maior obra de transformação urbana dos últimos 20 anos em Curitiba. Uma grande avenida que vai ligar Curitiba de ponta a ponta, com 12 faixas, ciclovias, parques, novas linhas de ônibus e muita área verde.

Ao longo de todo o percurso da avenida, serão plantados 350 mil metros quadrados de grama, área equivalente a 43 Maracanãs. Além disso, 13 mil arbustos, 700 mil mudas de plantas ornamentais e mais 5,2 mil árvores. Curitiba vai ficar ainda mais verde.

Linha Verde. A avenida que vai mudar a sua vida em todos os sentidos.



A marca da solidão

No centro de **TODA PROSA II**, de Márcia Denser, está a instigante personagem Diana Marini

LÚCIA BETTENCOURT
RIO DE JANEIRO – RJ

Comentando recentemente a situação do mercado editorial, Márcia Denser fez uma análise desencantada do que se anda publicando no país: “Há uma oferta imensa, massiva, indiscriminada — fica difícil separar o joio do trigo, até porque atualmente é humanamente impossível ler tudo. Aquilo que Mirisola quis dizer com ‘profissionais qualificados no ramo que organizam antologias, escrevem de graça em jornais importantes do Paraná, dão workshops e oficinas literárias, lançam livros geniais toda semana na Mercearia São Pedro’ e que ao leitor parece piada, esculachos à parte, é a expressão da realidade, e o resultado é uma indigestão de maus autores e textos”.

Como se vê, a autora se deixa levar por uma onda de desânimo e, sem papas na língua, reparte conosco, como sempre fez, suas opiniões sarcásticas. Lamentando a “ausência de crítica especializada nos grandes jornais”, a multiplicação dos blogs que elimina o tempo de maturação e reflexão entre a escrita e a publicação, e, inclusive, permite que qualquer um publique seus textos sem o crivo das editoras; ela prossegue, nessa análise publicada na revista virtual *Cronópios*, apontando como um dos males atuais a “anomalia (ausência de regras) do campo literário determinada por uma mídia irresponsável, sem critério, autofágica, anômica ela própria”. E termina por revelar a aposta das editoras em tempos difíceis: “[O] editor da Record, Sérgio Machado (aliás, meu editor), disse que em tempos economicamente bicudos o mercado só aposta em livros que garantem um retorno líquido e certo, tipo memórias, biografias e reedições de autores famosos. Faz sentido”. Márcia, no texto em questão, escrevia para comentar o (re)lançamento das obras completas de Jorge Amado pela Companhia das Letras. Mas acabou sendo auto-referencial, pois **Toda prosa II** é uma reedição de obras já publicadas pela autora e que foram escolhidas por ela para figurar nesta antologia de nome ambíguo.

O mercado literário brasileiro, visto pelo ponto de vista de uma leitora voraz, é deficiente. Deixou esgotadas, durante anos, as obras de Dostoiévski e de Faulkner, por exemplo. Distribui sempre os últimos lançamentos e deixa os livros mais antigos fora de circulação. Os leitores brasileiros se tornaram assíduos em sebos, à procura de obras tais como **O presidente negro**, de Monteiro Lobato, que acaba de ser relançado, tão oportunamente, neste momento em que um afro-descendente (expressão tão distante do universo lobatiano) e uma mulher branca se enfrentam na disputa pela Casa Branca. Enquanto isso, o mercado atulha as estantes das livrarias com quaisquer lixos garimpados em feiras literárias estrangeiras, deixando sem espaço os trabalhos literários de crítica séria e acadêmica, disputados em fotocópias (ilegais, e daí?) nas reprografias universitárias. As reedições, que parecem surgir nos momentos de crise, aparecem para suprir uma demanda de um grupo fiel, que prefere ler a assistir ao BBB229. Saudamos, assim, a iniciativa que nos trouxe de volta autores que brilharam em décadas anteriores, e que se mantiveram vivos no imaginário de leitores que, sem saudosismos, percebem que sem as diferentes peças do mosaico o desenho literário nacional não pode se completar.

A frase de Mirisola, que a autora cita e com a qual concorda, pode ser verdadeiramente cômica, mas é falha na análise. Se os críticos se vêem obrigados a escrever de graça em jornais literários, se os escritores se vêem obrigados a dar workshops, se os lançamentos são todos encensados como “geniais”, mormente quando feitos em lugares da moda, o erro não está em quem escreve e ensina e publica, mas em outro aspecto de nossa realidade cultural. Talvez se deva ao fato de valorizarmos apenas os holofotes que ofuscam e atordam, e ignorarmos a luz própria que cada qual possa irradiar.

A volta da caçadora

Voltando à prosa de Márcia Denser, que não é toda mas é íntegra, este livro traz de volta a instigante Diana Marini, a Diana caçadora de outras épocas, que agora faz um balanço de suas escolhas no texto pungente de *O quinto elemento*. Uma quase novela se destacando entre os contos, com o subtítulo de *A história privada de uma mulher pública*, texto em primeira pessoa, confessional, revelador da irônica mirada com que a narradora contempla as escolhas feitas em sua trajetória como “persona”. Já na primeira parte do texto, acompanhamos sua descoberta de *sentido* através da literatura, e, conseqüentemente, de um futuro, que, atônita, vai perceber compartilhado pelo de Diana Marini, personagem que toma as rédeas de sua vida e passa a representá-la: “um não-eu, um eu-também”, a “face dominante”, que decide viver de literatura, decisão que se revelou “catastrófica, algo que ocorre fatalmente a alguém que se atribui poderes divinos, e quem ultrapassa o Métron”. Mas, tendo transgredido, tendo apostado todas as fichas na queda, a persona se desconstrói até que “EU” retorna, um eu que se torna taróloga, proficiente em esoterismo, eu que conhece a solidão do fracasso. “Diana Marini voltou a ser personagem de ficção, isto é, voltou para dentro com o rabo entre as pernas.” E as histórias que protagoniza nesta seleção revelam mais seu lado frágil e suscetível à dor que o lado em comum com as deusas “Ártemis, Astarté, Afrodite, Ishtar, aquelas deusas biscaites”. A Diana que aparece em *Cometa Austin*, em *Exercícios para o pecado*, *Sodoma de mentiras* e *Todos os amores* é aquela temperada pela Júlia das difíceis recordações do pai, dos desafios que demonstram a solidão de quem é sensível e reage com ímpeto autodestrutivo às dores maiores que o mundo e que aparece nas histórias *Adriano*, em *Memória de Álvaro Gardel*, *O último tango em Jacobina* e *Primeiro dia de aula*. Outra personagem aparece viva e pulsante nas histórias de Márcia: a cidade de São Paulo. Lugares, recantos, ruas e restaurantes, redações, apartamentos em edifícios decadentes e cobertos de pastilhas, a cada evocação, uma

materialização de um espírito que se assenhoreia de seus freqüentadores e lhes determina o comportamento. Ler (e transcrever) os fragmentos da cidade é tarefa a que se impõe essa narradora, com olhos nublados de dor e de álcool. Conhecendo seus descaminhos, Denser se aventura, construindo labirintos para perder-se e perdê-los. Imprimindo a marca de sua solidão a cada passo, a cidade se transforma numa paisagem humana: “então vi aquela muralha de corpos e bancos na minha frente”; atemporal: “o lusco-fusco é a atmosfera permanente desse bairro labiríntico fora do tempo”; e também mítica: “a cidade podia ser infinita porque a julgara apenas imensa não a cogitara simultânea, ilimitadamente agonizante”. Cenário perfeito para as histórias de “desejo e pó”, ou seja, sexo e morte. Outro tema explorado neste conjunto de histórias é o da passagem do tempo: um tempo sem ordem cronológica, que caminha para trás, e permite o vaivém etário das personagens, que ostentam sua juventude frente a amantes de muito mais idade. A consciência da passagem do tempo, a certeza da perda da juventude, o retorno a temas e palavras e personagens que se repetem, infinitos, simultâneos, agonizantes dão um novo sabor às narrativas, um travo amargo como uma resaca existencial. A impressão que fica nos leitores é a de que Diana Marini envelheceu. Mas, se a linguagem endureceu, cada vez mais ácida, a narradora não perdeu a ternura pegajosa de bêbada, que olha com olhos lacrimosos os outros falidos que a acompanham em sua peregrinação pelas ladeiras e parques da cidade. Diana já não é mais a “deusa biscaite” da juventude, é uma cobra no bote, analisando e aguardando o momento certo de atacar, ou de se espoljar na lama da autopiedade. Temerosa, ela se apresenta ladeada por quatro “cartas de recomendação”: orelha, quarta-capla, prefácio e posfácio, parecem dar a mão a uma dama trôpega que aparece mais uma vez no palco, numa performance que visa revelar, para as novas gerações, o encanto de uma era que, se ainda não totalmente desvanecida, se cristaliza num “horizonte de marcos. Ou cruzeiros”.

a autora

MÁRCIA DENSER nasceu em São Paulo, em 1949, orgulhando-se de ser descendente de Borba Gato bem como de um imigrante estabelecido no estado há mais de 150 anos. Paulo Francis escreveu: “Há no Brasil uma escritora que sabe escrever. Seu nome é Márcia Denser. Tem uma linguagem límpida, sem retoques, bem diversa desse pseudo-romantismo retórico que caracteriza boa parte da nossa ficção. Denser situa-se entre os raros criadores de linguagem, aqueles que têm algo de muito novo a dizer. Quanto aos outros, resta-lhes a rabeira da História”. Seu primeiro livro, **Tango fantasma**, de 1977, foi bem recebido pela crítica, assim como os seguintes: **O animal dos motéis** (1981) e **Exercícios para o pecado** (1984). Mas foi com seu quarto livro, **Diana Caçadora**, de 86, que ela atingiu o auge como escritora e foi apelidada de musa dark da literatura. Jornalista, publicitária e editora, também coordena oficinas literárias desde 1990. Suas obras estão traduzidas para o inglês e o alemão. Seus contos *O vampiro da Alameda Casabranca* e *Hell's Angels* participam da antologia organizada por Ítalo Moriconi, *Os cem melhores contos brasileiros do século* (2000). Ela também foi incluída por Flávio Moreira da Costa como autora de uma de *As cem melhores histórias eróticas da literatura universal* (2003).

trecho • Toda prosa II

Daí eu levantei e me vesti e disse sim, você fez o possível, amor meu, só que eu não programei não engendrei nada disso, foram os relógios da Paulista que marcavam o tempo ao contrário, estavam andando de costas, como se não se importassem para onde iam e sim onde estiveram, então encontrei aqui o cirquinho armado para amanhã, de forma que flagrei o destino 24 horas antes: estava marcado para esta noite, eu na frente do tempo. Sim, Marcos, muitos problemas, meus e teus, individualmente, não nossos, claro, claríssimo. Mas os problemas são como velhos aquecedores: funcionam muito bem até o dia em que explodem na tua cara. Tique-taque, tique-taque, tudo ia tão bem, tique-taque, tique-taque. E ele, você não arruma nada, não tem estrutura, joga tudo pela casa, você não tem modos e eu, calada, e ele, você não tem grana, você só tem pose, e eu, enumere, vamos, enumere, se não você cai, então diz, porque não diz logo na minha cara, e ele, misterioso, não antes dessa noite, e eu, mas acontece que meu coração também está marcado para esta noite. Estava, quero dizer. E ele, você não tem outra coisa na cabeça, garota? Não, não tenho saco, é isso. E fui descendo, os olhos mareados, porque não posso, porque não devo, não quero, não preciso, porque meu coração não está marcado para hora nenhuma, meu coração a ti pertence e às nove da manhã fiz sinal para o Vila Madalena, subi e então vi aquela muralha de corpos e bancos na minha frente.

Como um horizonte de marcos. Ou cruzeiros. (do conto **Horizontes**)



Toda prosa II
Márcia Denser
Record
251 págs.

Antologias (2)



A partir dos anos 1940 exigia-se uma literatura mais “engajada” na discussão da identidade nacional e menos “exótica”

Passados vinte anos da publicação da primeira antologia de contos brasileiros, vieram a lume duas novas contribuições para a construção do cânone da literatura brasileira, com caráter bastante distinto daquela tentativa de Alberto de Oliveira e Jorge Jobim¹, que, como vimos em artigo anterior, encerrava uma clara intenção de referendar a Academia Brasileira de Letras como repositório natural da cultura brasileira. Agora, sob o impacto das transformações políticas promovidas pela Revolução de 30, que havia contrariado os velhos interesses da oligarquia mineiro-paulista, e das transformações estéticas introduzidas pelas idéias modernistas afinal vitoriosas, pensava-se o Brasil de maneira diversa. Exigia-se uma literatura mais “engajada” na discussão da identidade nacional, e menos “exótica”, e para isso valorizava-se, nos autores antigos, o que de “moderno” eles pudessem conter.

Além disso, se os poetas até o fim da República Velha mantiveram-se em posição de destaque na sociedade, com poder de controlar a política literária (“a poesia era tida como o gênero social e intelectualmente mais rentável”²) e não é à toa que Alberto de Oliveira emprestara seu prestígio à nossa primeira antologia de... contos), agora cediam espaço para os ficcionistas, devido principalmente à consolidação do mercado editorial brasileiro, pois romances e contos registravam “maior aceitação” do público, possibilitando uma comercialização mais segura do livro. Por outro lado, a crítica (mesmo que ainda formada basicamente por jornalistas especializados em literatura) assumia com mais empenho o papel de estabelecer os critérios de “canonicidade” dos autores.

Mudam-se os personagens: homens como Alberto de Oliveira, consagrado poeta, irretorquível em suas preferências aos 65 anos, idade que tem quando organiza **Contos brasileiros**, dão lugar a jovens desconhecidos na tarefa de referendar autores e obras. Tem 28 anos, em 1942, Donatello Grieco, filho do irascível crítico Agripino Grieco (1888-1973), ao publicar sua **Antologia de contos brasileiros**, pela Editora A Noite, do Rio de Janeiro³. Também 28 anos tem Almiro Rolmes Barbosa e 32 anos Edgard Cavalheiro (1911-1958), quando lançam **Obras primas do conto brasileiro**, pela Editora Martins, de São Paulo, em 1943.

A recolha de Donatello Grieco é surpreendente, pois, de sua lista de 16 autores, alguns recém-publicados, a maioria manteria seu nome inscrito nos manuais de literatura futuros. Ao lado de Machado de Assis (1839-1908), sua opção, entre os que haviam estruturado uma carreira, recai sobre Artur de Azevedo (1855-1908), Afonso Arinos (1868-1916) e João do Rio (1881-1921)⁴, já mortos à época, e Alberto Rangel (1871-1945), Monteiro Lobato (1882-

1948) e Gastão Cruls (1888-1959), ainda vivos. Além disso, recupera três “esquecidos” — J. Simões Lopes Neto (1865-1916), Valdomiro Silveira (1873-1941)⁵ e Lima Barreto (1881-1922) — e faz suas apostas em nomes “novos”, Antônio de Alcântara Machado (1901-1935), já falecido, e Mário de Andrade (1893-1945), Ribeiro Couto (1898-1963), Darci Azambuja (1903-1970) e Marques Rebelo (1907-1973), estes em plena atividade. Infelizmente, de Otávio de Teffé (?-1927?) não consegui obter maiores dados biobibliográficos.

Escolhas

Em relação à lista de Alberto de Oliveira, Donatello Grieco aceita apenas sete autores, eliminando todos aqueles execrados pelos primeiros modernistas como antiquados ou passadistas (Coelho Neto à frente, como símbolo a combater), os fundamentalmente romancistas, críticos literários e poetas e os diletantes. Talvez cometa pelo menos um grande equívoco, quando, ignorando Julia Lopes de Almeida (1862-1934) e Hugo de Carvalho Ramos (1895-1921), inclui Otávio de Teffé, que sucumbirá sem deixar rastros. Entre os “novos”, Alcântara Machado, prematuramente desaparecido, Ribeiro Couto e Mário de Andrade já desfrutavam de fama à época, principalmente em função do extenuante trabalho de divulgação e “catequização” realizado pelo último. Dos “novíssimos”, Darci Azambuja tornara célebre sua coletânea **No galpão**, lançada em 1925, e recentemente editara **Romance antigo** (1940), enquanto Marques Rebelo já dera ao público o melhor de sua pena: **Oscarina, Três caminhos e Stela me abriu a porta** (contos) e **Marafa e A estrela sobe** (romances).

De natureza bastante diversa é a antologia **Obras primas do conto brasileiro**, surgida um ano depois da seleta de Donatello Grieco. Os organizadores, Almiro Rolmes Barbosa e Edgard Cavalheiro, partiram do resultado de um inquérito patrocinado pela Revista Acadêmica⁶, que, ouvindo “as figuras mais destacadas dos nossos círculos literários”, propunha-se a apurar quais eram os dez melhores contos brasileiros de todos os tempos. “Verificamos, porém, que dez contos seriam pouco, muito pouco para

formar um panorama mais ou menos completo do conto brasileiro; mesmo porque inúmeros nomes foram significativamente votados e somente por acaso não ocuparam um dos dez lugares estabelecidos pelo regulamento do concurso.”⁷ Então, ampliaram a lista para 28 trabalhos, acrescentando, por conta própria, duas fábulas populares, recolhidas por Barbosa Rodrigues (1842-1909) e por Lindolfo Gomes (1875-1953), fato bastante significativo se lembrarmos que o momento era de busca de nossas raízes mais profundas.

Por outro lado, Barbosa e Cavalheiro constataram, surpresos, que “quase todos” os escritores divergiam dos entrevistados pela Revista Acadêmica quanto aos seus contos escolhidos, e, então, na antologia foi dada preferência aos títulos apontados pelos próprios autores, o que amplia ainda mais o interesse pelo livro, tanto por parte dos pesquisadores quanto por parte do público em geral, que o transformou num grande sucesso editorial, haja vista as sucessivas edições tiradas entre os anos 1940 e 1960⁸. Prevenido contestações, os antologistas anotam um habeas-corpus preventivo na introdução: “Estamos vendo daqui os protestos pelas exclusões, não só de certos medalhões, como de inúmeros novíssimos”, e, dando às costas aos primeiros, procuram tranquilizar os últimos, anunciando a organização de um novo volume “no qual procuraremos dar ao público a justa medida da importância desse grupo” — e citam uma enfiada de 33 nomes, “entre outros”.

Autores consensuais

Bem mais eclética que a interessadamente modernista de Donatello Grieco, a antologia de Barbosa e Cavalheiro contempla autores consensuais, como Afonso Arinos, Artur Azevedo, Hugo de Carvalho Ramos, João do Rio, Machado de Assis e Monteiro Lobato, junto a outros recém-reavaliados, como Lima Barreto, J. Simões Lopes Neto e Valdomiro Silveira (todos eles hoje canônicos). Inclui ainda escritores rebaixados a segundo plano, como Julia Lopes de Almeida, Gastão Cruls e Coelho Neto (1864-1934) — além de José Veríssimo (1857-1916), que, embora tenha um lugar de honra reservado na literatura brasileira como crítico e historiador, não é mais cogitado como ficcionista. Entre os “novos”, nomes consolidados como Antônio de Alcântara Machado, Mário de Andrade e Ribeiro Couto, e outros em ascensão, como Aníbal M. Machado (1884-1964), Graciliano Ramos contista (1892-1953), João Alphonsus (1901-1944), Orígenes Lessa (1903-1986) e Marques Rebelo.

E completando a lista, alguns autores que pouco ou nada nos dizem hoje, como Amadeu de Queiroz (1873-1955), Afonso Schmidt (1890-1964), Peregrino Junior (1898-1983), Ernani Fornari (1899-1964) e Luis Jardim (1901-1987). Não é de estranhar, no entanto, a presença desses nomes, se lembrarmos o caráter

abrangente do “círculo literário” que aceitou participar do inquérito da Revista Acadêmica, resultado seguido de perto por Barbosa e Cavalheiro. Só para termos uma idéia das ainda não muito claras referências do gosto estético vigente à época, tomemos a resposta do “Papa do Modernismo”, Mário de Andrade, ao questionário, coligida no número 38, de agosto de 1938, em que, fazendo mofa — “os dez melhores contos da literatura brasileira são, pelo menos, duas dúzias” —, cita, entre outros de sua preferência, contos de Roque Callage (1888-1931), Léo Vaz (1890-1973), Menotti del Picchia (1892-1961) e Prudente de Moraes, Neto (1904-1977)¹⁰.

A partir da década de 1950, as antologias de contos iriam ganhar fôlego e se multiplicar, defendendo posições de grupos, etnias, gêneros, até tornarem-se quase onipresentes, como nas estantes das livrarias nos dias de hoje. Para além de proporcionar ao público a possibilidade de tomar conhecimento das inclinações de vários autores num único livro — numa espécie de “degustação literária” que o encaminha para um banquete posterior —, esse tipo de livro continua sendo um dos mais importantes e eficazes meios de fazer política literária. ♣

Notas

¹ *Contos Brasileiros*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1922.

² MICELI, Sérgio. *Intelectuais à Brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001 (p. 159).

³ Da edição não conta a data de publicação, mas sigo nota presente em: COUTINHO, Afrânio. SOUSA, J. Galante de. *Enciclopédia de Literatura Brasileira*. São Paulo/Rio de Janeiro: Global/Fundação Biblioteca Nacional/Academia Brasileira de Letras, 2001. (Volume I, p. 801). Há uma segunda edição, com o título *O livro de bolso dos Contos Brasileiros* (Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1964).

⁴ Embora com toda razão o crítico Renato Cordeiro Gomes, em seu excelente ensaio *João do Rio* (Rio de Janeiro: Agir, 2005 – Coleção Nossos Clássicos), lembre o “quase esquecimento a que fora relegado” o autor, é interessante observar que, pelo menos até a década de 1950, inclusive, o nome de João do Rio aparece em quase todas as antologias.

⁵ A bem da verdade, Valdomiro Silveira, publicando contos esparsos em jornais desde 1894, só terá sua obra editada em livro a partir de 1920, com *Os Caboclos*, seguido de *Nas Seras e nas Furnas* (1931), *Mixuangos* (1937) e *Leréias* (1945).

⁶ Dirigida por Murilo Miranda (1912-1971), a Revista Acadêmica, fundada em 1933, tirou 70 números até 1945, e se transformou num bastião do Modernismo no Rio de Janeiro.

⁷ BARBOSA, Almiro Rolmes. CAVALHEIRO, Edgard. *Obras primas do Conto Brasileiro*. 10ª edição. São Paulo: Martins, 1966 (p. XII-XIII).

⁸ Foram 10 edições, a saber: 1943, 1947, 1950, 1952, 1954, 1955, 1957, 1962, 1964 e 1966.

⁹ Parece, no entanto, que este novo volume não chegou a ser publicado.

¹⁰ ANDRADE, Mário de. *Entrevistas e depoimentos*. Edição organizada por Telê Porto Ancona Lopez. São Paulo: T.A. Queiroz, Editor, 1983 (p. 54).

A partir da década de 1950, as antologias de contos iriam ganhar fôlego e se multiplicar, defendendo posições de grupos, etnias, gêneros, até tornarem-se quase onipresentes, como nas estantes das livrarias nos dias de hoje.

BREVE RESENHA

DOIS POETAS

ÁLVARO ALVES DE FARIA • SÃO PAULO – SP



O cristal dos verões
Sérgio de Castro Pinto
Escrituras
159 págs.



Mais que sempre
Luis Antonio Cajazeira Ramos • 7Letras
159 págs.

Dois livros de poesia, felizmente. No quadro atual da poética brasileira, isso tem significado especial. O país tem ainda alguns poetas que primam pela palavra e pela poesia: **O cristal dos verões**, de Sérgio de Castro Pinto, e **Mais que sempre**, de Luis Antonio Cajazeira Ramos.

Sérgio de Castro Pinto, nascido em João Pessoa, em 1947, está nessa vida de poeta já há um tempo, caminhando sempre com uma poética de criatividade, de quem leva isso a sério, sem enganos. Sobre ele escreveu José Paulo Paes: “Agrada-me o constante empenho de concisão, que beira com frequência a lapidaridade e o gosto da objetividade, que faz dos seus melhores poemas, poemas-coisa, da mais ilustre linhagem da poesia moderna”. É exatamente isso. Professor de Literatura Brasileira da Universidade Federal da Paraíba, Sérgio de Castro Pinto é um poeta desse brilho que falta por aí. O poeta

reuniu neste volume 40 anos de sua poesia, incluindo poemas de **Zôo imaginário**, **O cerco da memória**, **A ilha da ostra**, entre outros livros. Este é um poeta que sabe lidar com as palavras na elaboração do seu poema. Pena que não tenha escolhido mais poemas de **A duas mãos**, de 1996. Escolheu dois. Mas isso, na verdade, revela o que é o poeta consciente de si mesmo. Sua poesia, no entanto, não se resume nos poemas que escolheu para este **O cristal dos verões**. Esta poesia vai muito além. Numa resenha anterior, escrevi sobre **Zôo imaginário** (2005), em que o poeta passeia com os bichos e deles faz retratos exuberantes, poemas perfeitos. Para concluir e exemplificar, vejamos o poema *Zebra*: “a zebra/ é a edição/ extra/ de um cavalo/ que virou/ notícia”.

Luis Antonio Cajazeira Ramos, nascido em Salvador, em 1956, abre **Mais que sempre** desta maneira: “Não leia agora. Aguarde a solidão tomar conta de você”. O aviso é pertinente. E também poético. Este também é um poeta. Poeta de poe-

mas que revelam as imagens que mostram a poesia vista apenas por alguns. Cajazeira reuniu neste livro poemas de toda sua obra, comemorando 50 anos de vida. O poeta diz: “Há anos tento lapidar com cinzel rude esta pedra que se derrubou em meu caminho, que me atraiu para seu campo magnético e cuja radiação me contaminou para sempre”. Uma confissão de fé. A poesia verdadeira necessita, sim, de confissões de fé que não podem ser feitas pelos aventureiros que habitam essa paisagem melancólica da poesia brasileira. Luis Antonio Cajazeira Ramos é um poeta consciente ao lidar com seu ofício de escrever poemas marcados especialmente pelo domínio da palavra e principalmente pelo que tem a dizer em forma de poesia. Um grande sonetista da poesia brasileira, quando falar-se em soneto parece ser loucura para intersetão imediata. Mas não é. É exatamente aí que um poeta pode se mostrar como poeta, conhecedor de sua língua, de sua métrica, de sua música, de sua palavra. Poesia de artesanato fino. Poesia de encantamentos. ♣



nelson motta

Fotos: Mathes Dias/ Nume Comunicação

• Visãozinha de mundo

A literatura foi fundamental para a minha formação profissional e ética, para a formação dos meus valores. Ela entrou na minha vida com muita força. Sempre fui um leitor compulsivo, desde criança. Li os vinte volumes da enciclopédia **Tesouro da juventude**; lia romances infanto-juvenis, **A ilha do tesouro**, **Tarzan**, essas coisas todas. E, sobretudo, li o Monteiro Lobato inteiro. Com treze anos, li meu primeiro livro adulto, **Gabriela cravo e canela**, de Jorge Amado. E aquilo foi uma coisa de louco. Causou um impacto tremendo na minha vida. Era um outro mundo, um mundo cheio de cores, de paixões, de sensualidade. Foram dois os livros que me marcaram nessa época, **Gabriela...** e **O encontro marcado**, de Fernando Sabino. Essa foi a minha entrada na literatura. Só com esses primeiros autores, eu já tinha uma visãozinha de mundo bem organizada. Monteiro Lobato, por exemplo, dava tudo isto: a mitologia grega, o petróleo, a sabedoria, a vida no interior, o Brasil. Esses autores estavam mostrando o nosso país.

• Mudar quem manda

Com dezesseis anos, li Albert Camus pela primeira vez. Li **O estrangeiro**. E aquilo também teve um grande impacto na minha vida, nas minhas idéias. Depois, fui ler várias coisas dele. Hoje, aos 63, acho que a literatura muda o mundo, sim. Não como um jovem talvez imagine, acreditando que um livro pode mudar o mundo, transformar as pessoas, promover uma revolução. Nisso, eu não acredito e acho que nunca acreditei. Mas há esta possibilidade: a de mudar as pessoas que mandam, que decidem, que tomam decisões, que realmente podem transformar a vida das pessoas. Um pedaço de um livro, conceitos e valores de outro — acho que isso vai formando um caráter, um jeito de ser, uma ética pessoal que norteia cada um em sua relação com seu trabalho e sua família, com o Estado, com os partidos, com a sociedade em geral. [...] Assim, acho até que a literatura me deu mais do que a música. Na minha vida, na minha formação, ela teve mais importância do que a música.

• Entretenimento e profundidade

Eu não tenho a menor pretensão de mudar o mundo com a minha literatura, nem um pouquinho. Faço uma literatura de entretenimento, uma literatura pop. Minha grande ambição é alegrar, divertir as pessoas, emocioná-las um pouco, esclarecer uma coisa ou outra. É para isso que eu rezo literalmente, todo dia, antes de escrever: para que meu trabalho possa alegrar, divertir e esclarecer. Não tenho pretensões. Já é muito quando consigo isso com meus livros. Fico feliz da vida, não ambiciono mais. Já é muito difícil você conseguir essas coisas. Muita gente que quer fazer arte não consegue sequer fazer um bom entretenimento. E, às vezes, naquilo que tem o espírito de entretenimento com leveza, você também encontra arte e profundidade.

• Chapa branca, tarja preta

Eu adorava o Tim Maia. Desde que o conheci, tive grande admiração artística por ele. E um absoluto fascínio pessoal. Era meu personagem favorito. Era tão engraçado, tão surpreendente e inteligente, tão livre, anárquico e libertário. Um personagem único. [...] Quando me dispus a fazer sua biografia, fiz questão de dizer isto claramente: **Vale tudo** seria o livro de um amigo, de um fã. No primeiro capítulo, ele e eu aparecemos abraçados, em Nova York, na maior intimidade. E, com um prólogo assim, imaginei que as pessoas fariam: “Ah, esse troço vai ser uma furada. O cara é amigo escancarado do Tim Maia, vai protegê-lo, só vai falar a favor dele”. Teve até uma repórter que me perguntou: “O senhor não acha que o seu livro vai ficar muito chapa branca?”. E eu falei: “Minha filha, o Tim Maia é tarja preta, não tem jeito”. Por isso, as pessoas se surpreendem quando começam a ler o livro. Elas vêem, ali, as maiores barbaridades do Tim Maia. E isso é uma prova de respeito à integridade do biografado. O Tim era um cara apaixonado pelo excesso. Excesso de talento, de peso, de sexo, de droga, de loucuras, de tudo. Ele era excessivo e eu fui fiel a ele. Ele podia ser um bandido, como é em vários momentos do livro, podia ser extremamente mesquinho com um amigo, um músico, um empregado, uma pessoa humilde. Mas, ao mesmo tempo, era de uma generosidade incrível. [...] É claro que, se meu livro fosse muito ruim, ele não teria andado. Mas já sai com este *handicap* maravilhoso: tratava-se da biografia de um personagem muito querido e, sobretudo, muito divertido.

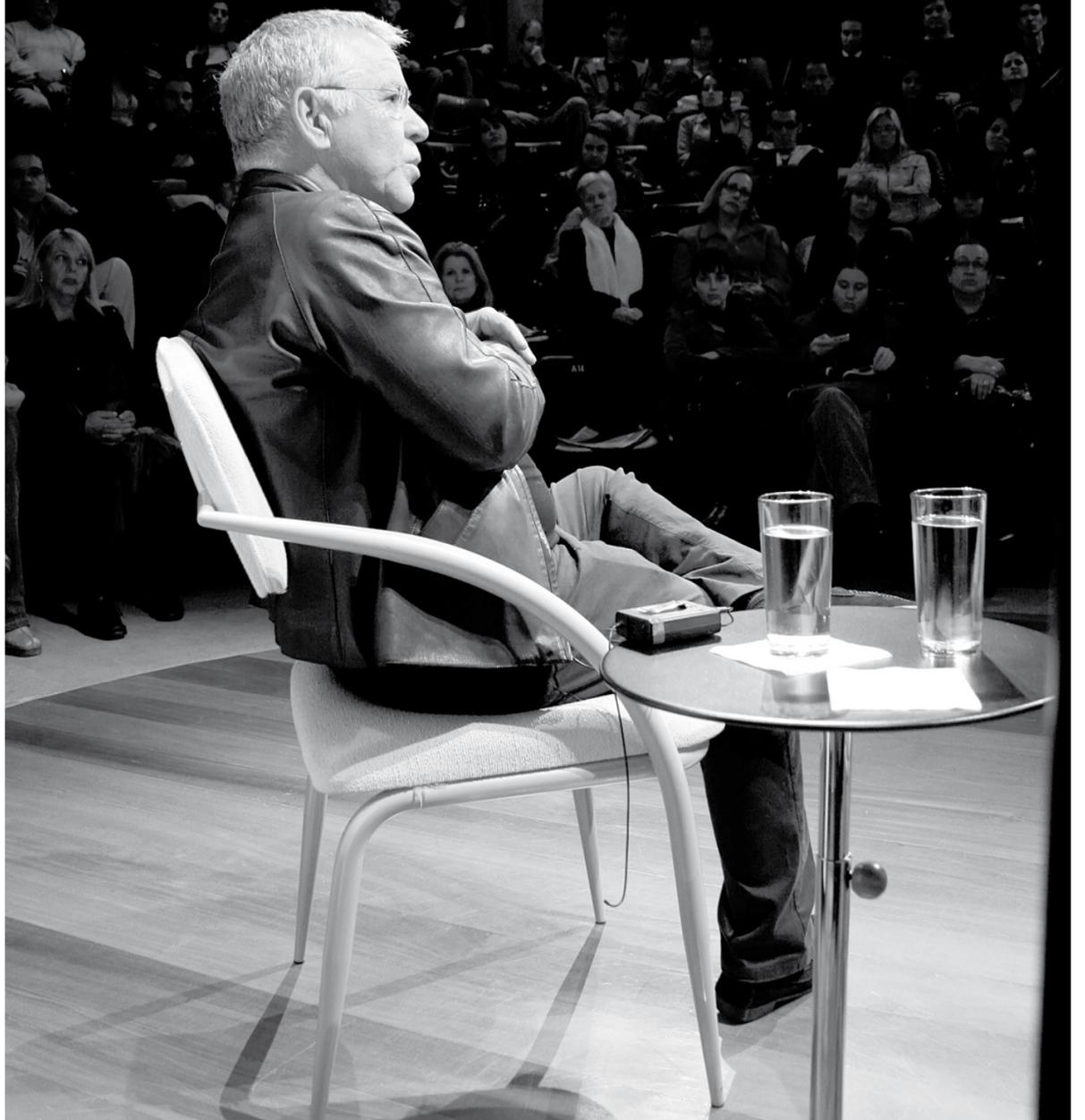
• “A mentira da mentira”

Nesta nossa cultura de celebridades, tudo se nivela. É um escritor famoso, é um ex-BBB, é um não-sei-o-quê, é uma atriz-modelo-manequim. Tem uma ótima da Regina Casé, num baile de carnaval. Ela falava assim: “Pô, todo mundo aqui é atriz, modelo e manequim? E as piranhas? Onde estão as piranhas?”. Essas celebridades vagabunderrimas — e muitas são célebres somente por serem célebres, nada além disso — são uma coisa careta e picareta. Hoje, todo mundo é politicamente correto. Qualquer artista, o mais vagabundo de todos, tem a sua responsabilidazinha social, ajuda com uma coisinha aqui e outra ali. O Tim falava: “Eu odeio a hipocrisia porque ela é a mentira da mentira”. A mentira da mentira. Então, vejam o sucesso de um personagem como ele, Tim Maia, nessa cultura careta, repressiva e completamente desfigurada. Um marginal, um anárquico, um libertário total. Um cara que fez o que quis na hora que quis, que não estava preocupado, que dizia o que queria e pagava suas contas. Ele pagou caríssimo por sua liberdade, mas não ficou botando a culpa em outras pessoas, em uma herança maldita, em um partido, no Brasil, nos americanos. Não: ele viveu do jeito que quis e pagou o preço. Acho maravilhoso um personagem com tanto inconformismo social ser tão bem aceito pelas pessoas. Mesmo um público mais conservador, gente de família ou da minha idade, não se assusta com as barbaridades que escrevi no livro. São coisas de louco, inacreditáveis. E ninguém fala: “Pô, mas esse Tim Maia era um bandido!”. Ninguém fala isso. Porque ali está a integridade de um ser humano e de um grande artista. Mas, do jeito que a coisa vai, essa coisa repressiva e careta de hoje em dia, daqui a pouco vão falar bem assim: “O Tim Maia era um drogado que fazia música de vez em quando”.

• O outro lado da onipotência

Não pude fazer esse livro quando eu queria, em 1998, logo

No dia 7 de maio, o **Paiol Literário** — projeto realizado pelo Rascunho, em parceria com o Sesi Paraná e a Fundação Cultural de Curitiba — recebeu o escritor, jornalista e produtor musical **Nelson Motta**, autor, entre outros títulos, de **Vale tudo**, uma bem-sucedida biografia do cantor Tim Maia. Numa conversa com o escritor e jornalista José Castello, mediador do encontro, e com o público que compareceu ao Teatro Paiol, Nelson falou sobre suas obras e ambições literárias, comemorou o sucesso de seu trabalho, criticou o culto à celebridade no Brasil, discorreu acerca da diferença entre poesia e letra de música, debateu os rumos da política americana atual e relembrou seus tempos de comentarista do programa de tevê *Manhattan Connection*. Confira abaixo os melhores momentos do bate-papo.



“Há muito sofrimento na ficção. Você tem uma liberdade absoluta diante da tela do computador. Não precisa de lei de incentivo, de produção, de microfone, nada. Mas, quando você embatua, ninguém pode ajudá-lo.”

depois da morte do Tim, porque havia um problema judicial com seus herdeiros. Só dez anos depois fui escrevê-lo. Em 2007, já com o Google e o Yahoo, recursos com que eu nem sonhava na época. Isso facilitou muito o meu trabalho. Juntei todo o material que eu tinha, enfiei tudo no meu laptop e fui embora. Fiquei três semanas em Salvador, escrevendo o dia inteiro. Como conheci bastante o Tim Maia, eu também conhecia o seu jeito de falar, sabia como ele agia. Depois, de lá, fui para Recife, onde fiquei mais duas semanas. Só fui mudando de praia. No final do verão, eu já tinha escrito quase 400 páginas e fui terminar o livro em Amsterdã. Outras duas semanas. Passei por Lisboa também, uns dez dias. Fui até lá lançar um livro, mas fiquei por conta do Tim. Meu trabalho rende mais quando estou fora de casa. Então, escrevi esse livro todo praticamente em seis meses. E foi só alegria. Eu já tinha escrito três livros de ficção antes de escrever **Vale tudo**. E olha: com ficção, você fica louco. Várias vezes, você pensa: “Esse troço não vai terminar, essa merda não fecha nunca, eu vou desistir disso”. Há muito sofrimento. Você tem uma liberdade absoluta diante da tela do computador. Ali, você põe uma manada de elefantes, põe o fantasma do Jânio Quadros, põe o que quiser. A tela aceita tudo. Você não precisa de lei de incentivo, de produção, de microfone, nada. Agora, quando você embatua, ninguém pode ajudá-lo. É o outro lado dessa sensação de liberdade e de onipotência absoluta que escrever nos dá.

• Um problema

O Tim Maia é o sonho de qualquer ficcionista. Quem é que vai inventar um personagem como ele? Até estou enfrentando um problema para escrever de novo. O que eu vou fazer agora? Outra biografia? Pior: uma ficção? Onde é que eu vou inventar um personagem melhor que o Tim Maia? Vou voltar para a música. Está na hora de voltar para a música.

• Minhas referências

Eu ouvia João Gilberto em um rádio de pilha. Minha geração pegou toda essa transição do velho Brasil, do Brasil derrotado para o Brasil Bossa Nova. E quando falo em Brasil Bossa Nova, falo também do Cinema Novo, do Teatro de Arena de São Paulo, dos poetas concretos, do Hélio Oiticica, da Lygia Pape, do Ferreira Gullar e de várias outras manifestações. Foi nessa época que surgiram os pri-

meiros livros do Dalton Trevisan, os grandes livros do Guimarães Rosa. Um amigo meu falava: “Época boa. Todo ano você esperava um disco novo do João Gilberto e um livro novo do Rosa”. Mas não sou saudosista, não. Já acho um privilégio ter participado de tudo isso. O meu romance — que também é o meu livro de que mais gosto — **Ao som do mar e à luz do céu profundo** se passa exatamente em 1960, em Copacabana, no exato momento da transição desses maravilhosos anos JK para o governo Jânio Quadros. E Jânio Quadros era a antítese de JK. Era udenista, denunciante e careta, perseguia funcionários públicos, proibiu briga de galo, proibiu o biquíni, proibiu concurso de miss, proibiu corrida de cavalo. E era um bebom também. Era inacreditável, era um hipócrita, um moralista. Foi terrível cair naquele obscurantismo janista. Ao mesmo tempo em que o Rio de Janeiro deixava de ser a capital do Brasil. Os personagens do meu romance são uma turma de garotas e garotos de rua, de 17, 18 anos, e que estão virando adultos justamente nesse momento em que o Rio deixa de ser a capital federal. Então, esse livro é metade história: história de Copacabana, do Rio de Janeiro, das músicas, dos hábitos e da moral da época. E a outra metade dele é ficção, é minha imaginação. São tramas e histórias de amor e amizade, ritos de passagem que vão se entrelaçando nesse momento de transição. São as referências que eu tenho.

• Minha mãe mandou

Minha mãe sempre me diz: “Meu filho, escreva sobre o que você conhece”. Ela é minha primeira crítica. Tem 88 anos. Fuma, bebe e lê. Gosta de música. Tocou piano a vida inteira. Seu nome é Cecília, mas todo mundo a chama de Xixa. Minha primeira leitora. Mas ninguém precisa se assustar quando eu digo que ela fuma e bebe. Fuma uns cinco cigarrinhos, toma dois uisquezinhos. Nunca vi minha mãe bêbada, nunca a vi usando muito. Eu falo para ela: “Mãe, talvez essa seja a sua missão, a missão da moderação”. Sendo moderado, você pode tudo. Até fumar e beber com 88 anos. Pois ela lê um livro por dia, praticamente. E lê Bukowski. Lê tudo, sem o menor preconceito, e eu vou mandando os capítulos dos meus livros para ela, como se fossem um folhetim. E ela os comenta. Sobre um dos meus livros, ela falou: “Tem muito sexo, tem sexo de-

“ Muita gente que quer fazer arte não consegue sequer fazer um bom entretenimento. ”

mais”. E não era uma coisa moralista, não. Porque ela adora. Ela só achou que aquilo estava demais. Fui ver e ela tinha razão, estava demais mesmo. [...] Quando lancei o **Noites tropicais**, eu já tinha escrito outros livros. Sobre Nova York, sobre futebol. E minha mãe me falou: “Mas são livros de jornalista, não é? Se você quer ser escritor mesmo, tem que escrever ficção”. Daí, quando lancei **O canto da sereia**, escrevi: “Para minha mãe, que me mandou escrever este livro”. É a dedicatória.

• Inteligência musical

Paulo Francis falava: “A inteligência média de um músico é comparável a de um profissional de tênis”. E é verdade. Há muitas exceções. Há músicos inteligentíssimos. Mas ele quis dizer que o músico tem outro tipo de raciocínio. O músico lida com silêncio e com som. A partir daí, são mundos abstratos, intervalos, harmônicos. Então, para isso, eles são inteligentíssimos. Mas para quase tudo mais é complicado. Prefiro conversar com escritor.

• Na hora certa

Eu sonhava em ser escritor profissional, morria de inveja de quem era. Queria que alguma editora me contratasse, me pagasse um salariozinho para eu ficar só escrevendo. Mas isso, para mim, teria sido um desastre. Eu não estava pronto, não estava preparado. Nada disso teria dado certo. Foi como tinha que ser, mesmo: eu, ali, com quase 50 anos. E ainda tenho muito tempo. Escrevi cinco, seis livros e espero escrever muitos outros. Mas gosto de manter esse relacionamento com pessoas de fora. Por exemplo: tenho um programa de rádio, dirijo uns shows por aí. Só que estou meio fora desse negócio de música. Até já estava começando a frequentar rodinhas literárias, mas isso também é muito chato. As pessoas repetem os mesmos assuntos.

• Sem alma de repórter

Gosto muito de jovens. Tenho três filhas, de 27, 32 e 37 anos. Então, peguei várias gerações feitas. Gosto de ser questionado, de questionar minhas certezas. Eu me divirto bastante com isso e acho que, no fundo, isso até melhora os meus livros. Opinião da Xixa: “Meu filho, não vá se meter a escrever sobre o que você não conhece”. E tudo o que ela falou está certo, ela tinha razão. Já minha amiga Patrícia Melo, grande escritora, fala que a melhor coisa de ser escritor é que você pode eleger um assunto sobre o qual não conhece nada e dizer: “Meu livro vai ser sobre isso”. Então, você ganha um pretexto para estudar um assunto que não conhece. Foi o que ela fez com o mundo da música clássica quando lançou aquele seu livro magnífico, **Valsa negra**. E mergulhou tanto que acabou casando com o John Neschling, o maestro inspirador do livro. Mas, por enquanto, estou mais com a Xixa do que com a Patrícia Melo. Eu não tenho essa alma de repórter, nunca tive isso de querer fuçar, de ser o primeiro a saber das novidades.

• Um vulcão

Eu estou neste impasse: sou vítima do sucesso do Tim Maia. Adoro escrever. Anoto umas idéias de vez em quando. Tem um livro que comecei a escrever e que era para ser uma biografia do Glauber Rocha. Isso ainda no final dos anos 80. O Zuenir Ventura, meu professor e querido amigo, também começou a escrever uma biografia do Glauber, mas não terminou. Coitado. Toda a pesquisa que o Zuenir fez na Europa, ele deixou num táxi. E o táxi foi roubado com tudo dentro. Eu falei para ele: “Isso é um péssimo sinal, viu?”. Volta e meia, tenho pensado nisso. Mas não quero fazer uma biografia do Glauber. Quero fazer uma falsa biografia, com um personagem de ficção, um falso amigo do Glauber, contando a história. Eu já levantei muita coisa, fui à Bahia, cheguei a fazer entrevistas. Mas, se eu fizer o livro, vai ser assim: uma coisa meio ambígua. Estou gostando é de música. Voltei a fazer umas letras. Fiz letras para o João Donato, que eu amo. E aceitei muitos convites para dirigir shows este ano. Vai haver muita coisa sobre os 50 anos da bossa nova. [...] Mas, quanto à biografia do Glauber, não dá para fazer uma biografia muito estruturada. Ele era um vulcão, um personagem. Vamos ver, vamos ver. Ainda está cedo. Vamos esperar.

• Moças na França, pizzas na Itália

A classe média americana é abominável. Eu detestei sempre detestei aquilo. Aquele *american way of life*, aqueles valores americanos, aquela hipocrisia americana, aquela coisa sexual e careta, é tudo uma hipocrisia. Tenho uma grande admiração pelos Estados Unidos, mas pelo lado do empreendedorismo, da liberdade, da cidadania, da liberdade de expressão. Foi lá que aprendi a trabalhar, foi lá que aprendi a ética do trabalho. Tenho grandes amigos americanos, mas o americano médio é detestável. O americano médio não vê nem o noticiário nacional. Os americanos que moram lá no Iowa, lá no Texas, esses de quem o Bush fala que são os “verdadeiros americanos” — por serem iguais a ele —, são os seus eleitores. Esse tipo de americano vê o seu jornal local, o seu *Ohio TV*, e, quando entra o nacional, ele já muda para o beisebol. Pega um saco de pipoca e acabou. Todo mundo com seus dois carros na garagem. Os caras trabalham das nove às cinco e sua única ambição é a aposentadoria. É lógico que eles trabalham muito, cada um faz a sua parte, e isso é admirável. Há um grande respeito à lei, ao direito, à ordem. Lei é lei para todo mundo. Mas imagine esse cara que não está interessado nem pelo que acontece no país dele, que só está interessado pelo que acontece na sua cidadezinha. Brasil? Ele nem sabe onde é. Tem americano que não sabe onde é a França, onde é a Alemanha, a Bélgica. É uma ignorância assombrosa, a do

americano médio. Então você vê esse George Bush, que não por acaso é o presidente dos Estados Unidos. Esse homem foi eleito com 50 anos de idade. É de uma família da aristocracia americana, riquíssima. E nunca teve a curiosidade de sair dos Estados Unidos, de ir a Londres, de comer umas mulheres em Paris quando era jovem, de ir para o Japão, para a Itália, comer umas pizzas. Nunca. A única viagem que ele fez foi ao México — e com péssimas intenções, porque ele tem um passado negro, não é? Então, você vê um cara desses, que acaba sendo presidente dos Estados Unidos, mas que nunca quis ir a Veneza, à China, a Bali, sei lá. Nunca teve a curiosidade. Brasil? Só interessa a ele na medida em que o Brasil interfere de alguma forma na indústria americana, na exportação americana, na segurança americana.

• Jaba, quanto falta?

Eu já estava havia nove anos nos Estados Unidos. E já estava de saco cheio daquilo lá. Toda a minha família já tinha voltado para o Brasil. Então eu me perguntava: “O que é que eu estou fazendo aqui?”. E ainda tive uma intuição maravilhosa. Pensei: “Essa eleição vai dar merda...”. E deu. Fiquei nos Estados Unidos durante os anos Clinton. Foi maravilhoso. Oito anos pacíficos. A maior prosperidade da história americana. A tecnologia, a explosão da internet. E o Bill Clinton, de quem eu sou fã. Eu parava para ouvir os discursos dele. Daí veio um governo republicano e não deu outra. Quando o Bush foi eleito, eu já estava no Brasil. E foi na hora certa. Eu já estava incomodado e de saco cheio no governo Bill Clinton. Imagine quando entrou esse George Bush com tudo aquilo que veio com ele, com a direita cristã, toda aquela barbaridade. Então, foi ótimo. Voltei por isso. No Brasil, ainda fiz durante algum tempo o programa *Manhattan Connection*. Mas era muito chato gravar no Rio. Você só ouve o que os caras estão falando pelo fone. E aquele estúdio vazio: o câmara em você e você ouvindo o pessoal falar. Você não vê a reação dos outros. Se você fala alguma coisa, não vê como o cara reage. E o pior de tudo: quando eu morava nos Estados Unidos, eu lia jornal americano e revista americana, via filme americano e me interessava pelo comportamento dos americanos. Quando voltei a morar no Brasil, eu me interessei novamente pela cultura brasileira, pelo dia-a-dia brasileiro. Tinha informação pela página internacional e só. Para fazer o *Manhattan Connection*, eu tinha que passar a semana inteira lendo jornais americanos na internet. Ou seja, estudando, fazendo o dever de casa, só para ter alguma coisa que falar na sexta-feira. E isso é muito chato. E ainda fiquei uns meses a mais porque o Arnaldo Jabor também fazia o programa no Rio. E ele, que é mais mercenário do que eu, falava: “Pô, fica aqui comigo. Pelo menos eu não fico sozinho com esse câmara, aqui, no estúdio”. Depois, eu ia irritando o Jabor. Nos últimos programas, como não uso relógio, eu perguntava: “Jaba, quanto falta para acabar?”. E ele: “Faltam 40 minutos”. E eu, logo mais: “Jaba, quanto falta?”. “Trinta e sete”, ele dizia. “Jaba, quanto falta?”, eu de novo. “Porra, pára com isso”, ele falava. “Assim demora ainda mais e esse troço não acaba nunca!” No final, já estava assim. Estava na hora de sair, eu não agüentava. O Jabor ficou lá, ó. Mercenário árabe.

• Preferidos

Adoro todos os livros da Patrícia Melo. Um fracasso retumbante — para mim, inexplicável — foi o clássico **Matador**. Mas vieram depois **Valsa negra**, **Inferno**, **Elogio da mentira**. Do Marçal Aquino, eu li tudo. É um escritor que jamais me decepçiona. Pelo contrário, sempre me surpreende, estou sempre esperando um livro dele.

• Letra não é poesia, é música

Não leio poesia há muito tempo. Agora, depois de anos e anos, ganhei um livro do João Cabral, **A educação pela pedra**, que eu já tinha lido centenas de vezes na juventude. E o reli com prazer. Mas, da poesia, me desliguei bastante à medida que fui mexendo cada vez mais com letra de música. São coisas muito diferentes. A letra até pode eventualmente ser poesia, mas não é para ser. Pode ser poesia, mas em casos excepcionais, de letristas que têm uma grande formação poética — Chico e Caetano, basicamente. Mas eles são poucos, não é? Esse não é o normal. Há letristas que amam tanto quanto o Chico e o Caetano, como o Djavan, o Jorge Ben Jor, o Luiz Melodia. São autores de letras aparentemente estapafúrdias. Tem aquelas onomatopéias do Ben Jor, que não fazem sentido. Tem aquelas letras do Djavan, a letra de *Talismã*, eu adoro aquilo. Aquilo é música, é pura música. Letra de música, antes de ser letra, tem que ser música. Ela tem que soar bem.

• Meu pecado literário

Saramago é um escritor de que gosto muito. Adoro Mario Vargas Llosa, li sua obra inteira. Gabriel García Márquez, também, li tudo, do primeiro ao último. De Jorge Amado, li a obra completa. De Rubem Fonseca também: li tudo, tudo, tudo. Um escritor extraordinário. Desses latinos, desses espanhóis, de Manuel Vázquez Montalbán, gosto muito. E gosto dos americanos. Para mim, talvez o maior escritor vivo seja o Philip Roth. Também adoro o Gore Vidal. E essa literatura misturada com jornalismo, feita pelo Tom Wolfe, gosto muito dela. E da *beat generation* também. Jack Kerouac, William Burroughs. Li muito esses autores, durante certa época da minha vida. Mas meu pecado literário é adorar o John Grisham, que é muito esculhambado. É um fazedor de *best-sellers*. E o homem sabe escrever muito bem. Ele me dá o que muitas vezes eu quero em um livro: uma história em que eu fique grudado. Nas suas histórias de tribunal — o Grisham era advogado —, ele mostra muito da escrotice da vida americana, das lutas pelo poder que sempre se resolvem nos tribunais, porque lá ninguém faz nada sem um advogado. É um reflexo dos Estados Unidos. Ele tem um livro maravilhoso, **O testamento**, que se passa todo no Brasil. Então, não me

envergonho de dizer que gosto muito do John Grisham. Ele é infinitamente melhor do que o Paulo Coelho — que é meu amigo querido. Eu o adoro, mas o Paulo sabe que não leio os seus livros e fica por isso mesmo. E a gente se dá otimamente bem.

• 1968 e as grandes ilusões

Estou louco para ler o novo livro do Zuenir Ventura [1968 — **O que fizemos de nós**]. Ele é o meu mestre e meu grande amigo até hoje. Em 1968, eu era presidente do centro acadêmico da minha faculdade. Já estava com a cabeça no jornalismo e era colunista do jornal *Última Hora*, do Samuel Wainer. Então, acompanhei tudo. A passeata dos cem mil — um momento de grandes ilusões. Você tinha a certeza de que a mobilização popular seria suficiente para derrubar aquela ditadura. “A ditadura está caindo de podre”, diziam. “É só empurrar que ela cai.” Imaginem: havia um controle absoluto do Exército. Órgão de segurança, tudo. Controle total. E eu achava isto: imagina se esses caras são loucos o suficiente para ir atrás do Vladimir Palmeira e do Zé Dirceu? Pelo amor de Deus. Havia muita empolgação naquela época. Mas a política foi mesmo o centro de tudo naquele 68. A música era totalmente secundária. Passou a ser vista como um instrumento de ação política. Músicas participativas, músicas sociais, música e metáfora. O teatro, o cinema. Aquele foi um momento de grande florescimento artístico no Brasil, mas que não tinha necessariamente a ver com a política. Havia o trabalho do Grupo Oficina, com o Zé Celso, uma completa renovação do teatro; o trabalho do Hélio Oiticica, da Lygia Pape e da Lygia Clark com o neoconcretismo. Essas eram formas avançadas de arte, que tinham pouco ou quase nada a ver com o momento político. Já o momento político era mais que de liberdade, era anárquico. O que se invejava era a anarquia. “Isto está tudo errado, vamos acabar com tudo isso e começar de novo. Está tudo errado: a escola, a família, o trabalho, o sexo.” Tudo isso era dito com aquela fabulosa pretensão da juventude. Eu tinha 24 anos e acreditei em muitas bobagens como essas. E não vou dizer que não foi lindo acreditar. Foi. Mas quando veio o AI-5, aí sim, aí nego caiu na real e viu como é que aquela coisa toda funcionava. Mas sempre impliquei muito com essa intromissão, essa cobrança política. Fiz letras políticas também, uma vez ou outra. Mas essa quase obrigatoriedade de você trocar os valores literários, que são valores de caráter permanente, por valores de caráter momentâneo, de conveniência política? Você submeter a arte a isso? Nunca aceitei essa coisa. Acho que é um atraso de vida. Quanto melhor for a arte, mais bonita, mais empolgante, mais inteligente, mais política ela será, porque vai criar e formar melhores cidadãos, cidadãos que sabem dos seus deveres, que sabem respeitar o próximo, que sabem agir na vida.

• Se der mole, o ser humano apronta

Sou totalmente a favor da liberdade absoluta de expressão. Fui contra o ocorrido com a biografia do Roberto Carlos [Roberto Carlos em detalhes, de Paulo César Araújo]. Escrevi dois artigos contra isso. Acho que é um livro extraordinário. E acho que a liberdade de expressão é um direito fundamental que as pessoas têm. Isso funciona nos Estados Unidos e na Europa, no mundo civilizado. Em um estado de direito, a liberdade de expressão é absoluta. Mas a contrapartida disso é assumir a responsabilidade pelo que você está dizendo. Se você vai aos Estados Unidos, se você vai usar a liberdade de expressão para caluniar uma pessoa, para inventar uma mentira, você vai quebrar, vai falir, não lhe tomar até a sua casa. Eu acredito nisso. Acredito que, se você der moleza, o ser humano vai aprontar. Então, a liberdade de expressão é tudo. Quem viveu 20 anos na ditadura sabe o valor que ela tem, a pluralidade de expressão. No Brasil, todo mundo diz o que quer e o que não quer. Em qualquer lugar, há milhares de jornalecos pequenos, médios e grandes. Há a revista *Veja*, a TV Globo, as emissoras pequenas do interior, os sites, os blogs — muito mais lidos que os jornais, hoje em dia. Então, essa é uma sociedade de que gosto, em que todo mundo fala o que quer e se responsabiliza pelo que diz. Isso é que é o mais importante. 🗞

O autor

NELSON MOTTA nasceu em São Paulo, em 1944. É jornalista, compositor, escritor, roteirista e produtor musical. Autor de canções de sucesso como *Dancing Days* (com Ruben Barra) e *Como uma onda* (com Lulu Santos), Motta integrou durante oito anos o programa *Manhattan Connection*, da GNT/Globosat. É autor do best-seller **Noites tropicais**, que vendeu mais de 75 mil cópias. No gênero policial, publicou **Bandidos e mocinhas** e **O canto da sereia**, além do romance **Ao som do mar e à luz do céu profundo**. É autor ainda da biografia **Vale tudo — O som e a fúria de Tim Maia**.

Leia mais no site www.rascunho.com.br

PRÓXIMOS CONVIDADOS

- 12 de junho: MARCO LUCCHESI
- 9 de julho: SÉRGIO SANT'ANNA
- 13 de agosto: LIVIA GARCIA-ROZA
- 10 de setembro: SALIM MIGUEL
- 8 de outubro: JOÃO PAULO CUENCA
- 6 de novembro: BARTOLOMEU CAMPOS DE QUEIRÓS
- 10 de dezembro: LUIZ RUFFATO

apresentação

realização

incentivo

apoio



EU RECOMENDO

SÉRGIO RODRIGUES

• **A coleira do cão**, de Rubem Fonseca

A coleira do cão, o segundo livro de Rubem Fonseca, de 1965, é uma referência meio obscura para os leitores de hoje. Uma pena, porque seus oito contos condensam de forma perfeita todas as qualidades que transformaram RF num dos grandes mestres do gênero. Acabo de abrir meu despedaçado exemplar de 1979 — de encadernação vagabunda como todos os editados pela falecida Codecri — e mais uma vez tomei um susto ao perceber como soa atual a prosa do primeiro conto, *A força humana*, que o crítico Wilson Martins em sua diala escalou entre os melhores da literatura universal. Mais atual e mais vigorosa ainda quando a comparamos com a dos últimos livros do autor, como o recente **Ela e outras mulheres**, com sua reiteração maneirista de estilo. Os ótimos **Feliz ano novo** e **O cobrador**, dos anos 70, têm mais fama, mas (re)lendo **A coleira do cão** eu acho mais fácil entender por que RF foi, disparado, o mais influente autor brasileiro para os escritores surgidos pelo menos até os anos 80. Seria estranho se não fosse. 📖



SÉRGIO RODRIGUES é escritor e jornalista. Mantém o blog sobre literatura Todoprosa: www.sergiorodrigues.ig.com.br. É autor, entre outros, de **As sementes de Flowerville**.

Em terra de faca, quem tem cego é rei

FACA CEGA reúne parte da imensa produção poética de Glauco Mattoso

RAFAELLA LEMOS • RIO DE JANEIRO – RJ

A série *Mattosiana* chega para alegrar os fãs de Glauco Mattoso que, como eu, se perdem constantemente (o que é ótimo!) pelos mais de 2 mil sonetos publicados no site do poeta. São literalmente milhares de versos à minha disposição e isso me deixa particularmente confusa. Não sei quanto à senhora que me lê, mas a mim muito me agradam os livros impressos do tipo para-folhear-e-pingar-gordura-do-almoço.

Dessa vez, sonetos e textos inéditos (e outros nem tanto) serão publicados de acordo com uma organização temática da obra do mais produtivo escrevedor de sonetos que o país já teve. As grandes promessas da série *Mattosiana* para este ano são duas: o ensaio *O sexo do verso: machismo e feminismo na regra da poesia*, teorização formal completíssima sobre os aspectos sonoros do soneto (já disponível em <http://normattoso.sites.uol.com.br/>) e *Rudimentos de sadomasoquismo comparado*, que mistura ensaio, conto e poesia em uma das apresentações mais cruéis da escrita mattosiana. Mas eu estou aqui mesmo é para falar de **Faca cega**, primeiro volume da série.

O livro é composto por quatro ciclos de poemas. O primeiro, *Faca cega*, compõe-se de dez sonetos. Conta a história de Chinelo, deficiente visual vítima do cunhado carrasco com quem a irmã se casara por interesse. A cena se repete na obra de Glauco: conforme é de praxe, manda quem pode, obedece quem não tem visão. Bugre, “o mais raquítico dos rambos”, faz o cunhado de gato e chinelo:

SONETO #1 — Primeiro Ciclo

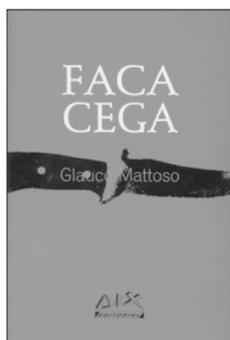
“Chinelo” é como o chama o Bugre, agora que está casado com a sua irmã. É cego o rapazola, e seu afã doméstico humilhar-se a toda hora. Perdendo os pais e os olhos, ele chora consigo, mas perante o Bugre é vã qualquer lamentação. Já de manhã lha calça e engraxa as botas sem demora. A mana até concorda que o marido desfaça do rapaz, pois, afinal, faz jus o peso-morto ao apelido. “Chinelo!”, chama o Bugre. O serviçal ceguinho se ajoelha e, agradecido, massagem faz num pé que cheira mal.

Mas, como bem sabe o poeta — e a senhora também, se curte SM —, quase nunca quem está por baixo se dá mal. Em um enredo engraçadinho, o ceguinho passa de escravo a herói e de pobre-coitado a milagreiro, sendo apelidado de Faca Cega e virando lenda...

Se *Faca cega* dá nome ao volume, não é meu ciclo preferido. É o segundo ciclo, construído por quarenta sonetos, que considero o mais interessante. No prefácio, o poeta dá toda uma atenção a esse ciclo, chamando-o de “mininovelita em sonetos”.

Intitulada *Um aproveitador descarado*, é uma narrativa cujo protagonista é o já conhecido Zezão Pezão, personagem recorrente na obra de Mattoso, que corresponde ficcionalmente ao pé chato e cruel ideal de sua fantasia podólatra. A novidade é que Zezão Pezão assina esse ciclo, assumindo Glauco a voz do carrasco — fato raro em sua obra.

Segundo relatos do autor, o dono do pé chato de que foi vítima de humilhação quando criança converteu-se em elemento sádico arquetípico de sua fantasia masoquista — o que certamente levará a senhora a reconhecer em Zezão Pezão o personagem cruel das dezenas de sonetos ditos autobiográficos de Glauco Mattoso. Aliás, o autor declara, no prefácio de **Faca cega**, ser a narrativa em questão um “retrospecto de cunho autobiográfico”, além de observar, em um óti-



Faca cega
Glauco Mattoso
Dix Editorial
120 págs.

mo jogo de palavras: “Quanto ao lado ficcional, baseia-se parcialmente em fatos verídicos obtidos de várias fontes ou vivenciados por mais de dois depoentes, sendo o relato, portanto, menos fantasioso do que se suponha”.

Ora, a senhora há de sorrir. Afinal, o jogo entre vida e poesia construído por Glauco ao longo de toda sua produção poética é material para outras inúmeras reflexões. Como costumam dizer ultimamente: fica a dica!

SONETO #1 — Segundo Ciclo

Pequeno ainda, eu tinha como esporte fazer outros meninos de cavalo. Montava-lhes no lombo e, nesse embalo, curvavam-se à vontade do mais forte. Um deles, sem amigo que o conforte, é a vítima ideal: posso tratá-lo do jeito que quiser. Tudo que falo, fará, pois seu azar é minha sorte. Ceguinho ele não era, mas perdeu a vista há pouco tempo. Mais gostoso ainda, diante do olho bom, que é meu. De quatro, ele rebela-se, queixoso, mas lembra que é Sansão, e o filisteu aqui sou eu: importa só o meu gozo.

O enredo de *Um aproveitador descarado* é tecido em torno de três partes, subtituladas, respectivamente, *Antecedentes do aproveitador*, com dez sonetos; *Novas confissões do aproveitador*, com vinte sonetos, e *Últimas malandragens do aproveitador*, com dez. Glauco, no prefácio, inclui o protagonista na linhagem dos heróis “sem nenhum caráter” e chama nossa atenção para a função eminentemente performática de sua poesia, que (aqui o cito) “permitindo ao autor mascarar-se em papéis que, autobiográficos ou não, desempenham tipos que todos conhecemos na vida real e que, sob a fantasia de gala representada pelo verso trabalhado, sobem ao palco e fazem o espetáculo”.

É por meio do “verso trabalhado” que a senhora poderá tomar conhecimento da vida de Zezão e de suas peripécias. Mulato, suburbano, órfão e abandonado, faz da companhia daqueles que o “adotam” seu meio de vida: solteironas, namoradas, casais e até um cego aposentado e solitário que “desempenha papel de verdadeiro escravo do aproveitador, para quem trabalha como pedinte em público e como massagista particular”:

SONETO SEM DOR NEM DÓ (#14)

Ficou cego? O problema não é meu! A minha vista é boa! Eu aproveito a vida como quero! Foi bem feito você perder a pose! Se fodeu! Tá achando tudo escuro que nem breu? Tem mais é que sofrer! Eu me deleito sabendo que não tenho esse defeito

nos olhos! Cê que chore o que perdeu!
Enquanto eu vejo o mundo livremente,
você tem que chupar a minha rola
calado! Se eu gozar, você que agüente!
E tire da cabeça a idéia tola
de que outros vão ter dó! Cê tá impotente!
Quem pode pôe-lhe a pica, e eu posso pô-la!

Qualquer semelhança entre o cego sonetado e nosso poeta que transforma virtuosamente perda em lucro não é mera coincidência. A humilhação do cego retorna nesta segunda parte como *leitmotiv*: ao ceguinho resta a desdita e a obediência a quem tem dois olhos são.

Não será diferente nos dois últimos ciclos de **Faca cega**: são parcerias — “pelejas” — em que dois de seus alunos de uma oficina poética se exercitam na arte do verso fescenino espezinhando quem servindo se satisfaz. O primeiro, Danilo Cymrot, paulistano de 1986, é partidário dos limericks e das décimas, glosando brilhantemente contra o mestre. O jovem estudante de direito e músico, já familiarizado com a escrita humorística, é provocado pelo professor:

Já dei aula prum Danilo
que só pensava naquilo.
Na lição de casa
a caneta vaza
e goza a glosa no estilo.

Ao que responde, habilidoso:
Um cego de Xique-Xique
pra gozar tem seu trambique:
pede ao seu pupilo
fixado naquilo
que o goze num limeirique.

A peleja, no entanto, é construída por décimas e a famosa “deixa”: o desafiado que rime o primeiro, o quarto e o quinto versos com o sexto do oponente, medindo a técnica e o veneno da língua. Nesse jogo, Danilo glosa como gente grande o clássico “Buceta, cu e caralho:/ três instrumentos de foda”.

Igualmente digno de nota é o *Epistolário escatológico de Leo Pinto*, que fecha o volume em grande estilo. Leo Pinto, nascido em Londrina, em 1980, sob o nome de Leônidas Pellegrini, é exímio sonetista e é por meio dessa forma fixa que maltrata o “pertinaz masô”, que, obviamente, com tudo goza e de toda sorte de nojeiras se compraz. Se a senhora quer conhecer melhor a obra de Leo Pinto, dou a dica e recomendo o sonetário mais pornográfico que eu conheço: <http://pintolibertino.blogspot.com>. Em seu blog está a “peleja” completa entre mestre e discípulo, da qual faz parte o soneto a seguir:

ENDEREÇADO [LEO PINTO, 18/2/2007]

Senhor Glauco Mattoso, hoje postei
um par de meias sujas no correio,
e de antemão lhe peço por e-meio
seu parecer ao mimo que envie.
Não quero me gabar, mas caprichei,
eu acho, pois usei-as mês e meio
sem tirar, reforçando-as com o alheio
fedor de pés pros quais as emprestei!
Este presente que vai pra você
recende a queijo, bacalhau e atum,
sem perder o seu natural cecê...
Espero, enfim, que goste do bodum,
e aguardo uma resposta receber.
Um abraço do Pinto, e até mais ver!

Ufa! Agora resta à senhora perder-se por mais milhares de versos em <http://glaucomattoso.sites.uol.com.br> enquanto espera pelos próximos volumes... Até! 📖

Encontro com o autor-personagem (2)

O elemento estranho aparece nas narrativas de Índigo de modo bastante atenuado, mas não menos incômodo

O autor-personagem é o indivíduo indivisível repartido em muitas personas, ele é a entidade que instaura ao seu redor outro plano da realidade, mais rico, mais instigante, mais genuíno, no qual a razão abre espaço e a fantasia tem sua importância reconhecida e sua existência legitimada. Conhecer pessoalmente Índigo é conhecer pessoalmente seus personagens fora do palco, vestidos à paisana, indo à feira ou ao supermercado.

Essas personagens têm muito a contar. Todas elas — não devemos esquecer nem mesmo as princesas missivistas: Branca de Neve, Cinderela e Bela Adormecida — estão passando pelo momento mais decisivo de sua existência: a inocência foi quebrada e pela primeira vez na vida elas estão sendo realmente ameaçadas pelo mundo codificado, regrado, burocrático, utilitarista, industrializado, muito mais opressor do que o mundo em que viviam quando ainda estavam mergulhadas na mais abençoada ignorância. Antes tudo era acolhedor e harmonioso, agora as coisas e as pessoas parecem injustas e cruéis. O processo que está subterraneamente em desenvolvimento na alma dessas personagens é o da aquisição de autonomia e maturidade.

Os livros de Índigo me fazem pensar no conceito de estranho, já teorizado por Freud, Todorov, Cortázar e outros interessados no assunto, conceito regularmente aplicado, por exemplo, aos contos de Hoffman, Poe e Kafka. É claro que agora é preciso tomar bastante cuidado, pois a natureza da ficção de Índigo é muito diferente da natureza da ficção dos três nomes apontados. A autora brasileira não escreve histórias de suspense gótico, seus contos e romances não pertencem ao gênero fantástico, ou ao sobrenatural, ou ao realismo mágico. Digamos que o elemento estranho aparece em suas narrativas de modo bastante atenuado, mas nem por isso menos incômodo, aprisionando delicadamente as pessoas e os acontecimentos numa bolha de desconforto e solidão.

Na vida e na literatura o estranho se caracteriza justamente por algo ou alguém que é normal, amistoso e familiar e se torna subitamente anormal, misterioso, excêntrico. Essa mudança às vezes inexplicável, provocada pelo estreitamento dos limites entre a realidade e o imaginário, faz surgir no sujeito o angustiante sentimento de estranhamento, sentimento que é alimentado não por uma fonte distante ou desconhecida, porém, ao contrário, por algo ao mesmo tempo familiar e anormal, conhecido e desconhecido, agradável e desagradável, que supera qualquer esforço do indivíduo para se separar dele. No seu grau máximo a experiência do estranho, que é terrificante justamente porque não pode ser adequadamente explicada, é o que alimenta muitos livros e filmes de terror e de ficção científica.

O reencantamento do mundo

Raríssimas histórias escritas para as crianças dão à moleira um papel relevante na trama. N'A **maldição da moleira**, quando o recém-nascido Igor tem sua moleira fechada pela avó, ele não ganha apenas consciência e discernimento. Ele também ganha uma passagem sem volta para outra realidade. Para uma realidade estranha, muito estranha. O pequeno Igor, assim que desperta para essa nova e definitiva realidade (sua maldição), percebe que o mundo é levemente perverso e as pessoas que o povoam, tanto os adultos quanto as crianças, são meio esquisitos. Apesar do recém-adquirido poder de reflexão, no momento da ação narrada — a história é contada no tempo passado — Igor ainda não fala, apenas pensa, ruma, reflete, comenta, pondera, analisa em silêncio. A maneira atrapalhada ou exagerada como a avó, o pai, a mãe, o irmão maior (Comandante Oscar) e seus amigos (na verdade, seus soldados), os bonecos no berço (Cubo, Crock, Coelho e Laa-Laa) e o felino da família (Gato Selvagem) aparecem na sua história indica, mesmo que Igor nunca afirme isso com todas as palavras, que não se trata de criaturas normais. É como se o dom da reflexão e a perda da inocência tivessem aguçado os sentidos do bebê da casa, que agora consegue perceber os desvios de comportamento, as neuroses, os medos e as obsessões de todos. Mas Igor vê tudo isso nos outros, jamais em si mesmo. Por não poder partir para outro lugar nem mudar radicalmente a situação na qual está



preso, o bebê aceita os fatos e segue vivendo da melhor maneira possível sua vida na companhia da família. Mas o leitor sabe que ele não pertence totalmente a esse grupo. Igor é o herói mitológico que, graças a um fenômeno mágico, foi subitamente transportado para um território encantado, às vezes absurdo, às vezes grotesco. Apesar de ele também cometer seus desatinos, sendo Igor o herói da própria narrativa é natural que aos seus próprios olhos todos sejam meio distorcidos, meio estranhos, menos ele mesmo. Aliás, isso facilita a identificação do leitor com o protagonista.

A **maldição da moleira** trata de certas dificuldades provocadas pelo crescimento e pelo estressante pressentimento de que o fim da infância está se aproximando depressa demais. **Perdendo perninhas** também trata do mesmo assunto: a pressão que as mudanças sempre fazem. Para Ágata, ter que deixar o útero confortável e acolhedor da quarta série para enfrentar o mundo hostil e assustador da quinta série, isso é traumatizante. O que ocorreu com o pequeno Igor também ocorre com ela: assim que põe os pés nessa nova e definitiva realidade (o primeiro ano do ensino fundamental), Ágata percebe que o mundo é levemente perverso e as pessoas que o povoam, tanto os adultos quanto as crianças, são meio esquisitos. Diferente de quando era apenas um bebê entre bebês, agora ela tem que lidar com as pequenas perversões dos colegas e dos professores, e com a desgastante e cotidiana defesa de seu território emocional, sempre que está com as ami-

Os livros de Índigo me fazem pensar no conceito de estranho, já teorizado por Freud, Todorov, Cortázar e outros interessados no assunto, conceito regularmente aplicado, por exemplo, aos contos de Hoffman, Poe e Kafka.

gas Mirela, Cintia e Alexandra. Nesse momento ocorre também o questionamento religioso e o profundo conflito existencial em torno da figura de Deus. Então tudo começa a parecer muito estranho, principalmente o demônio verde que, surgindo nos momentos de tédio, passa a dar palpites na vida da menina.

No início do primeiro capítulo de **Saga animal**, livro de estréia de Índigo, o protagonista se apresenta já reclamando: "Meu nome é Igor, tenho dez anos de idade e portanto sou considerado um criança. Tenho uma vida restrita por um monte de obrigações, regras e, acima de tudo, proibições. Muitas proibições". São essas obrigações, regras e proibições impostas de cima para baixo (principalmente pela Dona da Casa, sua mãe) que dão a Igor — ele não compreende essas leis e esses limites — a sensação de viver em liberdade condicional, vigiada, restrita. Igor não entende, por exemplo, por que não pode ter um bicho de estimação. As leis e os limites tornam seu mundo estranho, e sua imaginação aumenta mais ainda essa sensação: Igor decide pedir ajuda a Deus, logo em seguida sua mãe engravida, Igor relaciona as duas coisas e, desconfiando de que Deus realmente age de maneiras misteriosas, conclui que sua mãe está grávida de Conan, o Cão, seu futuro irmão-cachorro de estimação. Bizarro? Muito. E esse é só o primeiro capítulo dessa saga cheia de bichos temperamentais e observações ácidas sobre o totalitarismo dos adultos, que continuará em **Um dálmata descontrolado**.

A leitura mais simplista diria que os dilemas e a inquietações dos protagonistas desses e dos outros livros da autora parecem indicar o caminho do consultório do psicólogo ou do psicanalista. A leitura mais simplista diria que esses protagonistas, por estarem passando por uma séria crise de amadurecimento, por estarem enfrentando graves dificuldades de adaptação à dura realidade do mundo contemporâneo, precisam de ajuda profissional, do contrário nunca encontrarão a satisfação e a felicidade. A leitura mais simplista, essa leitura precisa ser deixada pra lá. Porque a adaptação à dura realidade do mundo contemporâneo, por meio de qualquer tipo de terapia, é o castigo que nenhum desses heróis merece receber, tampouco a autora que os criou, testadora e herdeira de todas as suas estranhas e delicadas idiossincrasias. Nossa época terrivelmente materialista e burocrática tem sido muito cruel com a fantasia e a imaginação, duas de nossas faculdades mentais mais estimulantes. Em toda parte, esse modo pacífico e sutil de interagir com a realidade — o prazeroso exercício da fantasia e da imaginação — tem sido sistematicamente desestimulado e desvalorizado. Ninguém merece ter as arestas da imaginação aparadas apenas para melhor se encaixar no espaço pré-determinado que a sociedade reservou para cada um de nós. Nossa sociedade quer indivíduos bem construídos e bem acabados, quando na verdade o grande sinal de saúde é estar sempre em construção, é estar sempre em busca do melhor acabamento. Os protagonistas de Índigo, provando dessa experiência poética genuína, vivendo na realidade resultante da mistura da razão com a fantasia, estão em perpétua construção emocional e intelectual, e não devem ser cerceados.

Na vida imaginária ou na vida real a construção dessas fantasias também pode ser uma atividade irreverente e bem-humorada. No Diário da Odalisca, Índigo escreveu, no dia 23 de Abril de 2008 (quarta-feira):

Voltando de Marte

Ontem um homem da NET veio aqui em casa me ensinar a usar o controle remoto. Minhas perguntas eram tão imbecis que, para me sentir um pouquinho melhor, expliquei que havia passado muito tempo em coma, tinha acabado de voltar e agora estava me inteirando das novas tecnologias. O bom de gente que trabalha com televisão o dia inteiro é que eles acham tudo normal. Primeiro ele parou de usar gírias. Depois ele começou a falar muito lentamente comigo. Quando passamos por um canal com o Ronald Reagan, pedi a ele que voltasse. Ouvi durante alguns minutos e disse que tudo bem, ele podia prosseguir. Mas o moço não entendeu a piada, ou ficou com dó mesmo. ●



**GAZETA DO POVO.
200 PROFISSIONAIS DE
REDAÇÃO TRABALHANDO
COM A MESMA IDÉIA:
UMA NOVA FORMA
DE FAZER JORNAL.**

A nova Gazeta do Povo é muito mais do que uma moderna reforma visual. É uma revolução de idéias e pensamentos, uma reunião das mais ousadas opiniões e pontos de vista. Um jornal pautado por algumas das mais importantes cabeças do país, com análises, debates e discussões. Um jornal aberto à sociedade moderna e totalmente conectado com o leitor. E, acima de tudo, indispensável para quem quer estar sempre bem informado.

Gazeta do Povo. Uma nova forma de fazer jornal.

GAZETA DO POVO
INDEPENDENTE

www.gazetadopovo.com.br



Ramon Muniz



18 ernesto sabato

A RESISTÊNCIA

19 edward o. wilson

A CRIAÇÃO

20 fogwill

OS PICHICEGOS

21 fora de seqüência

FERNANDO MONTEIRO

22 jon e. lewis

O GRANDE LIVRO DO JORNALISMO

23 flannery o'connor

CONTOS COMPLETOS

www.itaipu.gov.br

Se as Cataratas do Iguaçu
consumirem as suas
energias, a Itaipu tem
14 mil megawatts
para recarregá-las.

Além das belezas naturais, dos inúmeros passeios, compras e roteiros de ecoaventura, em Foz do Iguaçu você pode conhecer também Itaipu, a maior usina hidrelétrica do mundo em produção de energia. As maravilhas da natureza e da tecnologia esperam por você. Venha conhecer.

Integração
que gera energia e
desenvolvimento.



Gobierno Nacional
¡Namó pú'a Paraguay!



RESISTIR

em tempos indigentes

o autor

ERNESTO SABATO nasceu em Rojas, província de Buenos Aires, em 1911. Doutorou-se em Física pela Universidade Nacional de La Plata, em 1938, tendo trabalhado na pesquisa sobre radiação atômica no Laboratório Curie, em Paris. Em 1940, dois anos após o nascimento de seu primeiro filho, voltou a Buenos Aires. Em 1943, abandonou a carreira científica para se dedicar à literatura e à pintura. Em 1945, ano de nascimento de seu segundo filho, publicou a coletânea de artigos **Nós e o universo**, apresentando suas primeiras críticas aos avanços abusivos da ciência e à desumanização de um mundo tecnocrata, temas que irão marcar toda a sua obra ensaística, a exemplo de **Homens e engrenagens**, de 1951, e **Heterodoxia**, de 1953. Influenciado pelo existencialismo, publicou em 1948 seu primeiro romance, **O túnel**. Treze anos depois, lançou **Sobre heróis e tumbas**, considerado o melhor romance argentino do século 20. Entre seus relatos biográficos e reflexões sobre a atividade literária, destacam-se os livros **O escritor e seus fantasmas**, de 1963, e **Antes do fim**, de 1998. Em 1983 foi eleito presidente da Conadep (Comissão Nacional sobre o Desaparecimento de Pessoas), cuja investigação deu origem ao relatório **Nunca más**. Ao longo de sua vida literária, recebeu diversos prêmios, entre os quais o Prêmio Médici, em 1977, o Prêmio Cervantes, em 1984.

absolutos”, que o tempo dos relógios desconhece, e o consumismo em larga escala desmorona. Foram esses instantes que alimentaram não apenas a vida de Sabato, mas sua escrita como um todo, e, em especial, este seu ânimo em convocar a juventude de uma época dessacralizada à escuta da alma, no apelo a que cada um cumpra o dom que lhe é misteriosamente reservado, em respeito a si mesmo, ao outro e aos seus antepassados. Assim o escritor pressente uma chance, talvez a derradeira, de construção do novo homem, repatriado às origens do mito e à consciência da dignidade.

Em diversas páginas, ao longo das cartas, o leitor se depara com o mote que sintetiza a força de uma obra e uma existência, lado a lado: “a fidelidade ou traição ao que sentimos como destino ou vocação a cumprir”, o que se traduz, nas palavras de Rilke, em “uma direção pura do coração”, da qual irradia a capacidade humana de admirar as coisas e estabelecer com elas uma inviolável relação de pertencimento, que une a tudo e a todos em um plano além do alcance da razão. Foi a partir dessa direção pura, aliás, desse retorno para dentro de si mesmo, que Sabato, fiel ao seu destino, abandonou aos 30 anos uma respeitável carreira de físico, indo viver em um rancho no meio das serras de Córdoba, onde uma tarde conheceu Che Guevara, ainda um jovem médico, que passava por ali, também a caminho de sua vocação.

O problema do mal

Criticado por seus colegas cientistas a ponto de ser acusado de charlatanismo, Sabato perseverou na certeza íntima de optar por um caminho dentro da literatura e da vida que, malgrado todas as dificuldades materiais, recolocava-o no centro de uma existência verdadeira, devotada à criação. Em duas principais vertentes, a do romance e a do ensaio, ele se dedicou simultaneamente a refletir sobre o papel do escritor na contemporaneidade e a fixar em sua própria literatura um olhar atento sobre o problema do mal.

Os abusos do racionalismo, a permissividade moral, a febre da eficácia são diferentes sinais de uma mesma doença do espírito



A resistência
Ernesto Sabato
Trad.: Sérgio Molina
Companhia das Letras
112 págs.

que o escritor vê se alastrar desde as altas esferas do poder e da ciência ao cotidiano das pessoas comuns. Mesmo nos interstícios da atividade literária, a palavra “transcendência” carece de adesão. E, no desprestígio do pensamento mágico, em meio à esterilidade geral em que o sagrado se corrompe e se esvaíza, o resgate de uma unidade perdida é o porto de chegada a que Sabato aspira em sua descida aos abismos da linguagem. “O momento de maior empobrecimento de uma cultura é esse em que o mito começa a ser popularmente definido como uma falsidade”, diz ele. O poeta, se continua a cantar, canta agora em uma língua estrangeira.

A leitura do epílogo de **A resistência** emociona, dada a trajetória de um homem que, tendo titubeado algumas vezes em sua fé, mas nunca em seus valores, alcançou enfim o sentido elevado da esperança. Relutante em se despedir, Sabato transforma sua tenacidade em gratidão:

Esqueci grandes trechos da vida e, em compensação, ainda palpitam em minhas mãos os encontros, os momentos de perigo e o nome daqueles que me resgataram das depressões e amarguras. Também o de vocês que acreditaram em mim, que leram meus livros e me ajudarão a morrer. ♡

trecho • A resistência

Não podemos esquecer que nestes velhos tempos, já gastos em seus valores, há quem não acredita em nada, mas também há multidões de seres humanos que trabalham e permanecem à espera, como sentinelas. Na história, os cortes não são terminantes: nos estertores do Império Romano, seus cidadãos já frequentavam seus vizinhos bárbaros e certamente já tinham amores com eles; do mesmo modo, os praticantes de outro modo de vida já estão entre nós. Hoje, assim como naquela época, há multidões de pessoas que já não pertencem a esta civilização, à civilização pós-moderna. Muitas estão tragicamente excluídas e muitas outras parecem ainda formar parte das instituições sociais, mas sua alma está prenhe de outros valores.

A passagem implica um passo atrás para que uma nova sensação do universo vá tomando o lugar da velha, assim como no campo se levantam os restolhos para que a terra nua possa receber a nova sementeira.

Quem dera nos apaixonássemos por essa passagem!

Quem dera, em vez de alimentarmos os caldos do desespero e da angústia, avançássemos com paixão, revelando um entusiasmo pelo novo que expressasse a confiança que o homem pode ter na própria vida, justamente o contrário da indiferença! Parar de erguer muros em volta de nós mesmos, desejar um mundo humano e já estar a caminho dele.

(Do **Epílogo** — A decisão e a morte)

Em **A RESISTÊNCIA**, Ernesto Sabato presta tributo à vida na sua abundância de “instantes absolutos”

MARIANA IANELLI • SÃO PAULO – SP

Em Paris, há quase vinte anos, um escritor argentino e um filósofo romeno encontraram-se para uma longa conversa durante a qual descobriram afinidades um tanto desconcertantes. Esse encontro entre Ernesto Sabato e Cioran está presente no livro **Antes do fim** como parte de um comovido testemunho que Sabato dedica aos jovens de seu tempo. Reconstituindo as conquistas e as desilusões que marcaram sua história pessoal, o escritor expõe em primeiro plano, sem eufemismo, sua angústia em relação a um fim de século fraturado pelo barbarismo tecnológico e a penúria espiritual.

Pois é com a mesma honestidade e inteiro coração que Sabato se dirige mais uma vez aos seus leitores e publica **A resistência**, em 2000, prestes a completar noventa anos. Lançado somente agora em edição brasileira, o livro, no entanto, mantém absolutamente intacta a pertinência dos questionamentos que o autor faz em relação ao chamado mundo pós-moderno, em forma de carta às novas gerações.

Embora retome boa parte dos temas já abordados em **Antes do fim**, Sabato dá um passo além e, nesse passo, promove o salto que afinal o distancia de Cioran, com quem naquela tarde de 1989, próximo ao boulevard Saint Germain, compartilhara opiniões bem semelhantes, como “a necessidade de desmistificar o racionalismo” e “a imbecilidade dos que crêem no progresso e no avanço da civilização”.

Se o escritor reforça no livro sua denúncia à tecnocracia, ao individualismo e à atrofia do espírito, ele o faz desta vez com redobrada coragem, assumindo o desafio de, no lance final de sua própria vida, ultrapassar o pessimismo e conceder um voto de confiança no homem.

A cultura ocidental testemunha sua falência, a banalização dos desejos se generaliza, a vida é malbaratada pelo automatismo, a violência social e a corrupção da justiça andam par a par com a destruição planetária: tudo isso Sabato reconhece, ao que revida com um golpe de afeto, pois “toda desgraça é frutífera, quando o homem é capaz de suportar o infortúnio com grandeza, sem claudicar em seus valores”. Essa medida da força humana, atestada na adversidade, serve também como emblema da resistência de um dos grandes poetas do início do século 20 — Rainer Maria Rilke, que “ousou tocar a lira, mesmo na escuridão”.

Superfície da vida

Tal paralelo não é gratuito. Ao mesmo tempo em que **A resistência** chega às livrarias brasileiras, **Os cadernos de Malte Laurids Brigge**, único romance escrito por Rilke, reaparece em nova tradução de Lya Luft (Editora Novo Século), após décadas fora de catálogo. Uma casualidade, à primeira vista, não fosse a citação de uma das memoráveis passagens do romance já na segunda das cinco cartas que compõem o réquiem de Sabato: “Será possível que, apesar de tantas invenções e avanços, apesar da cultura, da religião e do conhecimento do universo, tenhamos ficado na superfície da vida?”. Para essa pergunta, Rilke e Sabato encontram a mesma resposta afirmativa, que transpõe a distância de quase um século entre os livros desses dois autores para atualizar a urgência de uma só tarefa: resistir em tempos indigentes.

Diante de uma era paradoxalmente globalizada e cindida, informatizada e alienante, quando antigas cosmogonias se pulverizam e o homem vai perdendo o pouco que resta da sua memória, Sabato aposta no ressurgimento de valores que ainda podem restaurar um senso de comunidade. Onde impera o utilitarismo, a pressa e as conveniências individuais, ele ousa falar em transcendência, serenidade, amor desinteressado. Nas terras do menosprezo, ele planta as raízes da solidariedade, à espera de que amanhã sejam fortes o bastante para concretizar o dever de uma responsabilidade histórica.

Próximo da morte, o autor presta tributo à vida na sua abundância de “instantes

Ramon Muniz

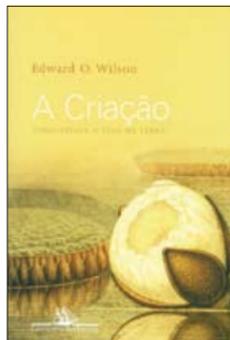


Carta ao presente

Em **A CRIAÇÃO**, Edward O. Wilson faz uma radical defesa da preservação da vida, do reencontro com a Terra e da essência do homem

RODRIGO GURGEL • SÃO PAULO – SP

Quando o entomólogo Edward Osborne Wilson decidiu escrever **A criação — como salvar a vida na Terra**, talvez não tenha se inspirado em **A nova Heloísa**, de Rousseau, ou em **Pamela**, de Samuel Richardson. E, com absoluta certeza, seu objetivo não foi seguir o modelo escolhido por Chordelos de Laclos em **Relações perigosas**. Mas, ao eleger o gênero epistolográfico para compor seu longo ensaio em defesa da preservação da biodiversidade, Wilson se inscreveu em uma das mais prolíficas — se não das mais prazerosas — categorias literárias.



A criação — como salvar a vida na terra
Edward O. Wilson
Trad.: Isa Mara Lando
Companhia das Letras
192 págs.

Não poderia ser diferente, contudo. Destacado intelectual, biólogo que ascendeu à classe dos humanistas, era previsível que, próximo de completar 80 anos, Edward O. Wilson se filiasse ao seletivo grupo de missivistas que concederam ao coloquialismo de suas cartas uma inflexão de perenidade. Em um grupo tão díspar quanto extraordinário, no qual encontramos Cícero, Petrarca, Maquiavel, Madame de Sévigné, Voltaire, Goethe, Flaubert e Gramsci, Wilson optou pela epistolografia para gravar sua concepção de uma ética não só possível, mas profundamente desejável.

Dirigindo-se, em tom fraternal, a um hipotético pastor protestante, filiado ao criacionismo, Wilson não dispensa, em sua proposta de diálogo sincero, a colocação, desde o início, das diferenças entre ele e seu interlocutor. O que o move é a certeza de que há uma luta comum — necessária, urgente — capaz de unir ambos: salvar a Criação, pois “a defesa da natureza viva é um valor universal”.

Em certo trecho, Edward O. Wilson afirma: “a Criação — quer o senhor acredite que ela foi colocada neste planeta por um único ato de Deus, quer aceite as evidências científicas de que ela evoluiu de maneira autônoma durante bilhões de anos — é a maior herança, além da própria mente racional, que já foi oferecida à humanidade”. O autor não se furta, portanto, à franqueza. Não se permite o uso de quaisquer subterfúgios. O terreno para o qual convida seu interlocutor não é neutro, pois a neutralidade é impossível, mentirosa. Se há uma ética comum — “com base na razão, na lei e em um senso inato de decência” — e valores comuns a serem defendidos — “segurança, liberdade de escolha, dignidade pessoal” —, o local do encontro é “o lado de lá da metafísica”.

Riqueza de gêneros

Mas **A criação** não é apenas uma longa carta. Outros gêneros confluem na elaboração dessa defesa daquela “parte do ambiente original e de suas formas de vida que permanece depois do impacto humano”, ou seja, da natureza, segundo a definição de Wilson.

Esse biólogo ganhador de dois prêmios Pulitzer — em 1979 (por *On human nature*, Harvard University Press, traduzido entre nós pela T. A. Queiroz, mas infelizmente esgotado) e 1991 (por *The ants*, Belknap Press, escrito em parceria com o mirmecologista Bert Hölldobler, sem tradução no Brasil) — envereda pela memorialística e pela narrativa de viagens. Recordar não só a própria formação intelectual, mas inclusive parcela de sua história familiar. E se revela um cronista atento aos sinais, no espaço urbano, de que a natureza ainda respira, de que a vida ainda tem uma oportunidade. Certa frágil planta, nascida em meio ao concreto armado, surge como “o último bastião da resistência, a vanguarda da inevitável volta do planeta Terra para o verde e o azul”, esperando que os homens mudem sua maneira de pensar e agir.

A missiva ao religioso imaginário é também um exercício de investigação biológica que incorpora pes-

quisas históricas. Wilson viaja até os dias de frei Bartolomé de las Casas para esclarecer as razões de uma praga de formigas que assolou o Caribe durante os séculos 16 e 17. Mas não se trata de um estudo gratuito. Suas conclusões são de que “a história das formigas é um reflexo fatídico do que está acontecendo com o restante da vida no planeta. Com o aumento da globalização, do comércio e das viagens internacionais, aumenta também a difusão das espécies alienígenas, inteiramente como resultado da atividade humana. Todos os países são hospedeiros, em geral inconscientemente, de uma multidão desses seres invasores, uma maré que só tende a aumentar”. Quanto às consequências dessas invasões crescentemente sistemáticas, todas são terríveis: pragas agrícolas, agentes exóticos de doenças humanas, prejuízos incontáveis, extinção de espécies nativas e, a mais séria de todas, a “homogeneização da biosfera”, ou seja, a destruição do maior patrimônio da natureza: a sua diversidade.

Wilson sabe equilibrar os péssimos prognósticos — “os cientistas estimam que, se a conversão dos habitats naturais e outras atividades humanas destrutivas prosseguirem no ritmo atual, metade das espécies de plantas e animais da Terra pode desaparecer, ou, pelo menos, estará fadada à extinção precoce até o final deste século” — à inesperada visão dos pormenores de uma realidade que, infelizmente, ninguém jamais nos ensinou a observar: “a voraz lagarta de uma obscura mariposa da América tropical já salvou as pastagens da Austrália do excesso de cactos”; “um ‘matinho’ de Madagascar, a pervinca rosada, forneceu os alcalóides que curam a maioria dos casos da doença de Hodgkin e de leucemia infantil”; a “substância derivada de um obscuro fungo da Noruega possibilitou realizar os transplantes de órgãos” — e, dentre inúmeros outros exemplos, uma maravilhosa substância encontrada na saliva das sanguessugas, a partir da qual “foi feito um solvente que evita a coagulação do sangue durante e após as cirurgias”.

É verdade que Edward O. Wilson se permite um discurso apocalíptico em determinados trechos. Mas a defesa radical da natureza — e a defesa, principalmente, do que *não* conhecemos da biodiversidade, ou seja, sua maior parte — não estariam justificadas pelo simples fato de que “cada espécie, por mais humilde e quase invisível que nos pareça, é uma obra-prima da biologia, que bem vale a pena salvar”?

Franciscanismo

Resguardadas as devidas proporções, o discurso de Wilson fez-me lembrar, em vários trechos, de São Francisco de Assis. E a analogia não surge apenas desse amor à criação, a todas as criaturas — “[...] nossa mãe a Terra/ que nos carrega e nos alimenta,/ que produz a diversidade dos frutos/ com as flores matizadas e as ervas...”, diz o *Cântico do irmão Sol* —, mas, principalmente, pela proposta de “volta às fontes”, “sinal e penhor de renovação e progresso”, como bem assinalou o medievalista Jacques Le Goff: “Volta às fontes, porque não se pode esquecer finalmente que o franciscanismo é *reacionário*. Em face do século XIII, moderno, ele é a reação não de um inadaptado [...], mas de um homem que quer, diante da evolução, resguardar valores essenciais”. De fato, o pensamento de Edward O. Wilson assemelha-se ao “contraponto franciscano” — uma “necessidade do mundo moderno”, uma “*sancta novitas*”, plena daquela rara pureza, sempre indispensável.

Busca do consenso

Mas **A criação** tem outros aspectos peculiares. O livro comporta a ensaística de cunho pedagógico: além de desenvolver um método para o ensino da biologia, questiona-se sobre a necessidade de se formar biólogos e naturalistas. As respostas de Wilson inscrevem o autor no rol daqueles pensadores que, não satisfeitos em explorar os domínios de certa ciência, partem em busca do saber acumulado por todas as culturas:

Da liberdade de explorar vem a alegria de aprender. Do conhecimento adquirido pela iniciativa pessoal advém o desejo de obter mais conhecimentos. E ao dominar esse novo e belo mundo que está à espera de cada criança, surge a autoconfiança. Cultivar um naturalista é como cultivar um músico ou um atleta: excelência para os talentosos, prazer por toda a vida para os demais, benefício para toda a humanidade.

O gesto de estender a mão em busca do diálogo e de um consenso para a defesa do planeta é mais do que louvável. A única resposta diante do fato de que “menos de 10% das

formas de vida são conhecidas pela ciência, e menos de 1% destas já foram estudadas além de uma simples descrição anatômica e algumas anotações sobre sua história natural” só pode ser a recusa a pactuar com qualquer forma de destruição ou, pior, de acídia. Mas Wilson dá outro nome a essa tibieza que acomete os seres humanos: “filosofia do excepcionalismo”. Segundo o biólogo, há duas formas de excepcionalismo: “a primeira é leiga: não vamos mudar de rota agora; a inteligência humana há de prover. A segunda é religiosa: não vamos mudar de rota agora, estamos nas mãos de Deus, ou dos deuses, ou do carma da Terra, ou do que quer que seja”.

Descartando todos os aspectos artificiais de nossa civilização, Wilson recusa a ignorância em relação ao meio ambiente e a educação científica inadequada, que chega muitas vezes a ser obscurantista:

As raízes espirituais do Homo sapiens se estendem até as profundezas do mundo natural, por meio de canais de desenvolvimento mental que ainda hoje permanecem, em geral, desconhecidos. Nosso pleno potencial não será atingido sem que compreendamos a origem e, portanto, o significado das qualidades estéticas e religiosas que nos tornam inefavelmente humanos.

Verdadeiro tratado de tolerância religiosa, **A criação** não nos convida, entretanto, ao frio exercício da virtude — esse ato solitário e, convenhamos, às vezes nascido de um evidente egocentrismo —, mas à preservação da vida, ao reencontro com a Terra e com a essência do homem. ♣

O autor

EDWARD OSBORNE WILSON nasceu em Birmingham, Alabama, EUA, em 1929. Professor da Universidade Harvard há quase cinco décadas e autor de mais de vinte livros, é considerado um dos mais proeminentes biólogos do mundo. Já recebeu diversas honrarias, incluindo a Medalha Nacional de Ciências dos Estados Unidos e o Prêmio Crafoord, concedido pela Real Academia de Ciências da Suécia para áreas não abrangidas pelo Prêmio Nobel. Além de **A criação — como salvar a vida na Terra**, foram publicados dele no Brasil: **Biodiversidade** (Nova Fronteira), **Da natureza humana** (T. A. Queiroz), **Diversidade da vida** (Companhia das Letras), **Naturalista** (Nova Fronteira) e **A unidade do conhecimento — consiliência** (Campus).

trecho • A criação

Tanto o senhor como eu somos humanistas no sentido mais amplo: o bem-estar da humanidade está no centro dos nossos pensamentos. Mas a diferença entre o humanismo baseado na religião e o humanismo baseado na ciência se irradia por toda a filosofia, e até pelo sentido que atribuímos a nós mesmos como espécie. Essa diferença afeta a maneira como cada um de nós valida a nossa ética, nosso patriotismo, nossa estrutura social, nossa dignidade pessoal.

O que devemos fazer? Esquecer as diferenças, digo eu. Encontrar-nos no terreno comum. Isso talvez não seja tão difícil como parece à primeira vista. Pensando bem, nossas diferenças metafísicas têm um efeito notavelmente pequeno sobre a conduta da sua vida e da minha. Minha suposição é de que somos ambos pessoas éticas, patrióticas e altruístas mais ou menos no mesmo grau. Somos produtos de uma civilização que surgiu não só da religião como igualmente do Iluminismo fundamentado na ciência. De boa vontade nós dois serviríamos no mesmo júri, lutaríamos nas mesmas guerras, tentaríamos, com a mesma intensidade, santificar a vida humana. E, com certeza, compartilhamos o amor pela Criação.

Depois daquela GUERRA

OS PICHICEGOS aborda a capacidade do ser humano de abandonar valores e ideais quando submetido a condições extremas



Reprodução

PAULO KRAUSS • CURITIBA – PR

É providencial que **Os pichicegos** — **Malvinas: uma batalha subterrânea**, de Rodolfo Fogwill, tenha chegado ao Brasil somente 25 anos após seu lançamento clandestino na Argentina. O romance é tão bom que merece uma leitura descontaminada do calor da guerra, o que seria impossível um quarto de século atrás.

Ainda que algumas cópias clandestinas também tenham circulado em nosso País na época da Guerra das Malvinas, o livro ficou distante das livrarias e de grande maioria dos leitores, o que podemos considerar um privilégio. Em 1982, ano da batalha, vivíamos, assim como os argentinos, sob o anseio do fim da ditadura militar, o que transformaria **Os pichicegos** em um libelo contra a guerra e contra os militares. Não que a função não lhe coubesse, mas o livro é muito mais que isso — **Os pichicegos** é puríssima boa literatura.

A maior qualidade do romance de Fogwill é justamente a sua isenção política, ainda que tenha sido escrito por um argentino, na Argentina, durante os



Os pichicegos — **Malvinas: uma batalha subterrânea**
Rodolfo Fogwill
Trad.: Maria Alzira Brum Lemos
Casa da Palavra
144 págs.

últimos dias da guerra contra o Reino Unido pela posse das Ilhas Malvinas. Em nenhum momento de **Os pichicegos** há questionamento direto da guerra ou dos militares, mas Fogwill criou um relato ficcional tão forte que, indiretamente, o leitor é induzido a uma repulsa a qualquer guerra ou a qualquer ditadura belicosa.

Os pichicegos são um grupo de desertores do exército argentino, que trocam a guerra contra os britânicos pela luta pela sobrevivência no inverno congelado das Malvinas. A exemplo do pichi, animal similar ao tatu, eles criam um abrigo secreto subterrâneo, para escapar do frio e das patrulhas argentinas, que não perdoariam os desertores.

Os pichicegos só deixam ou retornam à toca à noite, para não serem flagrados. Para sobreviver, trocam favores com os ex-inimigos, traindo não apenas a pátria, mas também os soldados argentinos. Para receber alimentos, agasalhos ou pilhas para lanternas, eles fornecem aos britânicos a localização de alvos estratégicos que são destruídos pelos aviões ingleses.

No plano real, a trama de **Os pichicegos** caminha no sentido contrário a tudo que os generais argentinos sustentavam como justificativa para a guerra, como o nacionalismo, a soberania, o patriotismo, e é por razões óbvias que o livro foi proibido na Argentina.

Tradição

Na ficção, **Os pichicegos** faz jus às maiores tradições da literatura argentina, com sua fantasia, com sua narrativa seca e sem escrúpulos, com seu paralelismo à realidade. No livro, não há tempo nem espaço para um pichi ferido, que é abandonado à morte. Também não há comiseração dos pichis pelos soldados argentinos que serão vítimas das informações repas-

o autor

RODOLFO FOGWILL nasceu em 1941, em Buenos Aires. Formado em filosofia pela Universidade de Buenos Aires, transita pela poesia, pela ficção e pelo ensaio. Escreveu **Os pichicegos** em 1982, durante a Guerra das Malvinas. O romance foi proibido na Argentina e circulou clandestinamente no Brasil e em outros países da América Latina. Atualmente, Fogwill colabora para jornais e revistas, como *El País*, *La Voz del Interior* e *La Nouvelle Revue Française*.

trecho • Os pichicegos

Alguns achavam que um pichi conseguiria agüentar toda a vida vivendo assim. Nessa altura, vê-los, depois de ter visto gente verdadeira na vida, provava que os pichis não atravessariam o inverno. Nem rosto tinham: inchados — seria pela fumaça da estufa —, a barba crescida, os olhos secos e muito fundos, o cabelo duro como um couro acima da cabeça e as maçãs do rosto vermelhas, como os macacos, queimadas pelo frio e pelas queimaduras da época em que se iniciou a guerra.

O rosto, onde não era barba ou assadura, era pele preta, encrostada com uma mistura da gordura que se usava contra o frio com a argila lá de baixo. Às vezes alguém abria a boca para rir ou bocejar e não dava para acreditar que a língua estivesse úmida, vermelha e limpinha. Porque ao ver seus rostos parecia que já estavam podres, secos e pretos por dentro também.

sadas aos britânicos. Mas qual a diferença entre essas mortes e aquelas causadas pela ditadura argentina?

Esqueçamos os militares argentinos e as Malvinas. **Os pichicegos** é o melhor romance sobre a Guerra das Malvinas, sem ser sobre a Guerra das Malvinas. **Os pichicegos** é um livro sobre a capacidade do ser humano de abandonar valores e ideais quando submetido a condições que extrapolam qualquer estoicismo. A fome, o frio, o medo e a ameaça torturante da morte deram origem aos pichis, semi-homens, semi-animais, que tiveram que criar um mundo à parte para sobreviver, um mundo com um novo código de organização e de condutas.

Na guerra, o jargão militar chama o campo de batalha de teatro de operações. Os pichicegos vivem num teatro do absurdo. No espaço apertado e escuro do abrigo subterrâneo, resta aos pichicegos passar as horas conversando, enquanto aguardam o fim de uma guerra pela qual não lutam. São homens sem grandes afinidades, vindos de diferentes lugares da Argentina para um lugar que a Argentina quer para si, mas eles não entendem exatamente por quê. São diálogos banais, centrados na oralidade e não no significado. Com o uso acentuado da linguagem oral, Fogwill deixa que os personagens dêem seu testemunho, que revela cada vez mais a sua incompreensão sobre o que fazem naquela ilha.

Os pichicegos é um grande contraponto dentro de si mesmo. O homem é capaz de criar uma coisa tão estúpida como uma guerra e, ao mesmo tempo, hábil para criar um livro que tira todo o sentido da guerra. Obviamente, não se compara aqui Fogwill aos generais argentinos. Mas, no romance, talvez sem querer, foi o que o próprio Fogwill fez. Os generais argentinos, e outros tantos generais mundo afora, nos dão a guerra. Fogwill está entre os escritores que transformam o teatro de operações em teatro do absurdo.

Em tempo: os argentinos perderam a batalha de 40 dias, que teve mil mortos. As Malvinas continuam sob domínio inglês, com o nome de Falklands. A real existência dos pichicegos permanece um mistério, mas isso pouco importa. A literatura sobreviveu à guerra. ♣

Entre tapas e beijos.

Coloque mais tempero no seu namoro.

A intrusa na sombra

Fragmento do romance inédito que encerra a Trilogia Graumann

O que eu penso é muito claro: NÃO SE DE-
VIA PUBLICAR UM ORIGINAL QUE O
AUTOR NÃO LIBEROU, DE MODO MUI-
TO CLARO E EXPLÍCITO, PARA A PUBLI-
CAÇÃO, sim.

O caso reprovável mais recente é o da publica-
ção, nos Estados Unidos, de *Edgar Allan Poe & the
juke-box: Uncollected poems, drafts and fragments*, de
Alice Quinn, a respeitada editora de poesia do
“New Yorker”. Desde que o livro foi lançado por
Farrar, Straus & Giroux, com cerca de 120 tre-
chos de textos não publicados por Elizabeth Bishop,
que corre solta a discussão entre críticos, leitores
da poeta norte-americana — que publicou apenas
90 poemas em vida — e editores defendendo a
publicação dos manuscritos e fragmentos (“repre-
sentam uma visão importante sobre o processo cri-
ativo de Bishop, além de saciar a sede por um
pouco mais da sua magra produção”, etc.), en-
quanto outros consideram que a Bishop, famosa
pelo rigor na composição de poemas (que ela que-
ria não menos que perfeitos, recusando-se a publicá-
los antes de dá-los por plenamente acabados), ja-
mais permitiria a publicação de tais rascunhos,
como enfatizou Helen Vendler: “Se Bishop tives-
se sido consultada sobre a publicação, 25 anos após
a sua morte, de poemas rejeitados, além de alguns
rascunhos e fragmentos, ela teria respondido, acre-
dito, um horrorizado **não**”.

Segundo Vendler, “poetas contemporâneos,
temendo uma Alice Quinn em seus futuros, es-
tão queimando todo seu material ainda sem o
acabamento final” — conforme foi preocupação
até do nosso pedestre Fernando Sabino, nos seus
últimos meses de solidão, na rua Canning, em
luta contra o câncer. Após a morte do cronista,
no seu testamento se revelou isto: lá se encontra
a proibição da publicação de “inéditos” de qual-
quer tipo, incluída pelo autor de *Encontro marca-
do* e não de noventa poemas em busca da perfei-
ção (com ou sem a ajuda de Marianne Moore).
PS: Há uma carta — muito estranha — na qual
Marianne reclama, a um terceiro escritor, da
amiga e, digamos, discípula Elizabeth Bishop. Eu
li essa carta no original, pois ela foi suprimida
da publicação da correspondência da poeta que,
juntamente com Valéry, teve a influência mais
forte sobre o jovem João Cabral de Melo Neto...

Dito o quê, passo a afirmar não o contrário
— conforme sei que novos intrigantes alegarão,
babando sobre este inédito publicado até com
açodamento nos EUA, concordo — porém a
minha crença final de que **[este trecho foi su-
primido por desejo do Espólio Graumann]**...
nas “camadas superpostas” do livro entendido
como um trabalho do tipo experimental em
voga na Ledig de então, aquele texto metalite-
rário na medida em que se auto-critica com
ironia e um quê de cínica ternura pelo que
Donald Lederer chama de “o artifício da litera-
tura” (pois tudo no romance inacabado reme-
teria para “o olhar sobre a máquina de narrar
avariada”, segundo o crítico americano).

Concordo com ele. Também acredito que
Alba de Céspedes colaborou pouquíssimo com
este volume ou com o *Ferragante* — do qual só se
conhecem três capítulos ruins. E a Alba que eu
conheci não teria condições de “colaborar” (no
caso deste livro) com mais do que a “sugestão”
do título. Uma senhora americana que conhe-
ceu Alba e Lúcio — ela foi socorrida por este
num acidente em frente da Ledig House — reve-
lou-se uma boa fonte de informações a respeito
do período em que Graumann escreveu *A intru-
sa na sombra* “em parte na instituição nova-
iorquina” (onde não foi coincidência que ele
acabasse se sentindo justamente como um “in-
truso”, naquele meio confortavelmente médio-

cre, de escritores seguindo cartilhas como carnei-
ros aprendendo a dar as marradas mais ou me-
nos “certas”). Mais do que isso: o tempo todo
da minha visita — desde que ela abriu a porta,
ajeitando uma mecha de cabelo grisalho com cer-
ta vaidade ainda coquete, em face da visita mas-
culina? — pensei no quanto se parecia (descon-
tados os anos) com a leitora do “anel exterior”
que Paulo de Tarso Correia de Melo aponta, no
seu ensaio sobre *O mantenedor de visibilidades*.

À vista do que ela me disse — sem autorizar
a divulgação do seu nome —, é possível deduzir
que não terminou muito bem a “amizade” entre
ambos (Lúcio e Alba, bem entendido). Agora,
recentemente, ficou-se sabendo que eles não se
conheceram em Hudson, mas em Roma, dez anos
antes, quando a escritora feminista trabalhava na
redação de *Epoca*. Parece justo supor que Alba
teria se apaixonado, então, pelo jovem brasileiro
na sua primeira temporada na Europa, entre ruas
de pedras redondas e lambretas dos jovens
subproletários urbanos de *Acatone*. Outros insi-
nuam que Alba era lésbica e não teria interesse
em brasileiro jovem ou velho, antes e depois de
conhecer Lúcio numa época febril, quando tudo
ainda parecia ir acontecer no mundo. A presen-
ça do passado recente intensificava as coisas — e
havia um futuro jorrando da pressa e do resto de
esperança da libertação de Paris, ainda, das itali-
anas de vestidos de casa atraídas para a rua, a
fim de saudar soldados cansados e sujos. Des-
cia-se das colinas, na madrugada, com o gosto
de melancias geladas no meio da *Mattinata* arris-
cada por tenores improvisados. O medo dos ale-
mães apenas começara a passar, para alguns, en-
quanto outros seguravam velhos rifles roubados
dos salões de casas senhoriais arrombadas com
os dedos sem as unhas arrancadas pelos broches,
enquanto muitos estavam mortos havia dois,
havia três, havia quatro longos anos de refúgios
trocados nas vilas e nas montanhas, trocando o
dia pela noite e a madrugada de sussurros e lan-
ternas, “de novo no meio das desgraças da Itália”
(como Alba escreve, em *Albor*). O sofrimen-
to entorpece, como o frio do metal, as notícias
de morte e a fome continuada nos lugarejos dis-
tantes das montanhas fartas, de aldeões
entesourando salames e conservas, vinho e má
consciência que não era propriamente “má”, por-
que o campo sempre havia sofrido debaixo do tacho
do patrão e das tropas, nacionais ou estrangeiras.
Já pode se ver uma jovem de cabelo preto amarra-
do firmemente, atravessando uma praça cheia do
som de caminhões, depois da passagem pesada e
destruidora dos tanques? Pois é Alba, e, se não for
Alba, é outra como ela, fechada nas perdas, ves-
tindo roupas talvez um número a mais ou a me-
nos, embora isso tenha sido mais de dez anos da
época da redação de *Epoca*, quando conhecera
Graumann numa outra Roma.

Há um conto “romano” de Lúcio sobre a re-
lação de um estudante *brasileiro* com uma jor-
nalista italiana, “filha de um diplomata cuba-
no”. Tudo indica que o relato é autobiográfico
(o título é *Fugue*, e não *Funghi* — conforme já vi
citado), embora a “jornalista” venha a morrer
atropelada, ao se atirar na frente do pontual car-
ro que o autor aluga com a poeta do
convencionalismo, para pôr fim à angústia da
perda do amante mais jovem, etc. Alba talvez
não fosse capaz de tais arroubos e, de qualquer
modo, morreu em casa, de doenças da idade
avanzada. A narrativa curta não faz parte dos
Contos reunidos, escolhidos pelo próprio
Graumann. Contos à parte, Lúcio e a “escritora
feminista” — conforme é sempre rotulada — iri-
am se rever na Ledig, uns dez anos depois (quan-
do se mostrava mais nítida, talvez, a diferença

de idades), e parece que houve, ali, um renascer
das esperanças da jornalista-escritora, até tudo
terminar apenas alguns meses depois do aciden-
te com a vizinha “daltônica” — que possui um
pequeno arquivo *LG*, no seu bem montado estú-
dio com vista para um parque onde há esquilos
que comem ração das mãos dos passantes (todos
se conhecem, todos são vizinhos, em Hudson, e
todos amam os animais — que nunca apresenta-
ram sintomas de qualquer doença gástrica).

É uma tarde encantadora, os pequenos ani-
mais, tímidos, estão em paz antes de chegarem
ao pé da cerca (onde paramos, a fim de ali-
mentar os bichos)... A conversa entrecortada
dos nomes que ela havia destinado aos esqui-
los, ali protegida por lentes escuras — embora
eu pudesse ver que lhe agradara ver que tam-
bém eu não nutria simpatia pela pessoa e pela
obra de Alba de Céspedes, pois os óculos se vol-
taram, com reflexos do sol frio, para a surpresa
daquela confissão de antipatia gratuita: “não
gostei dos livros, nem da autora”.

“Nunca li nenhum, e acho que nunca vou-
ler” — ela fez vibrar a declaração gelada, depois
olhou na direção da Ledig (a nova): “Sinto falta
do prédio velho. Aconteceu tanta coisa ali...”

E, então, passou um dado que faz supor que
Lúcio Graumann se encontrava já doente, nos
EUA. Ele viveu, eu sei, mais vinte anos, ainda,
até vir a falecer em Pernambuco, vítima da “do-
ença do sangue” — para usar os termos lacônicos
do comunicado oficial da morte que aquela estra-
nha decifrou perfeitamente. Só não sabia que o
seu “amigo” sequer chegara a receber o prêmio,
na capital sueca (que ela trocava por Helsinque).
Vivia fora do mundo, uma senhora ainda bonita,
num bosque público, com os esquilos também pú-
blicos e bem alimentados por rações compradas
pelos moradores de Hudson, NY. O Nobel é me-
nos Nobel ali, na verdade ela só ficara sabendo
que Graumann ganhara “um prêmio muito im-
portante”, havia morrido logo depois e, bem, a
vida prosseguia — como sempre.

Quando eu toquei a campanha do seu aparta-
mento, e me identifiquei prontamente, falei de
Lúcio Graumann, disse ao que viera, pedi para
entrar (fazia frio), ela tinha os olhos de uma cega
que custasse a lembrar das visões perdidas na ado-
lescência. Esse tema — o da adolescência — me
leva a dizer algo em defesa de Lúcio, no seu rela-
cionamento com a “daltônica”. Quando ele a co-
nheceu, ela não era nenhuma garota balthusiana
de pernas distraidamente pousadas sobre o braço
de algum sofá necessitando de conserto, mas uma
jovem freqüentadora de salas de música, leitora
dos livros recomendados pela crítica e pintora nas
horas vagas. Aqui, não pude imaginar nem bone-
quinha de seda com o sexo louro se anunciando
sob o tecido grosso da calcinha de lã incapaz de
emocionar um Capote. Fazia frio, aliás, mas não
tanto assim, para o caso da lã íntima (eu sei que
eu tomara duas doses a mais), e ela não reclama-
va de frio, naquela hora e na recordação de si
mesma, caída, desacordada, debaixo do sinal com
o aviso para dirigir devagar, por causa dos esqui-
los e das crianças; de maneira que foi levada para
dentro da Ledig, apertada contra as cores confun-
didas da camisa de Lúcio (o que sua memória
para cores registrara bem nítido).

“Eu escrevi sobre ele, não quero publicar
nada; apenas escrevi” — C. repetiu, quase ner-
vosa, colocando os óculos por algum tique ou
hábito, antes do esforço para sorrir e atenuar o
tom enfático da frase. Seria, pleno, talvez o
mesmo sorriso da moça acordando, trinta anos
atrás, com o aroma do café forte que Graumann
sabia fazer como um turco.

— Nem tudo é para virar literatura. ♣

FABIO SILVESTRE CARDOSO
SÃO PAULO – SP

Estilo e profundidade

O GRANDE LIVRO DO JORNALISMO traz textos que se tornaram clássicos na história da imprensa mundial

Em um momento em que o jornalismo, enquanto elemento central das sociedades democráticas, está sob forte ataque perpetrado pelo advento das novas tecnologias, que pode ser traduzido pela recente (e, ao que parece, interminável) guerra entre blogueiros e jornalistas, **O grande livro do jornalismo** traz uma coletânea de reportagens com o objetivo de apresentar os clássicos de um tipo de narrativa que, para o bem ou para o mal, só pode ser produzido por jornalistas. Em outras palavras, o leitor que atravessar os 55 textos produzidos, não por coincidência, pela nata do jornalismo mundial há de constatar que, sim, a internet pode até mesmo assassinar os jornais diários tal como estes existem hoje; entretanto, o gênero reportagem permanecerá intocável nos corações e mentes. Em muitos casos, vale a pena salientar, trata-se do texto que apresenta um universo desconhecido aos olhos da multidão.

A propósito, um paralelo pode ser feito entre esse lançamento e a seleção mundial da World Press Photo, ora em exposição na cidade de São Paulo. Tanto na fotografia quanto no texto, o que sempre chama a atenção do leitor é a força das imagens construídas a partir das palavras e das imagens. Nesse sentido, é bastante acertada a introdução do livro ao assinalar que a reportagem é uma espécie de rascunho da história, posto que elaborado e sobretudo no caso desses textos, por testemunhas oculares dos acontecimentos, sendo, assim, de interesse central para o público. É dessa forma, por exemplo, que o leitor trava contato com acontecimentos marcantes em um primeiro momento graças a esses relatos que fazem história, como nas grandes tragédias, nos conflitos mundiais, ou, ainda, quando surge uma figura singular para a sociedade. No que se refere a essa última característica, talvez hoje esse seja um dado corriqueiro, já que o mundo das celebridades parece ter tomado de assalto todos os veículos. Mesmo assim, os jornais não deixam de refletir o estado das coisas de sua época, naquilo que alguns teóricos do jornalismo classificariam como Teoria do Espelho. Enfim, de volta ao livro no próximo parágrafo.

Qualidade incontestável

Em certo sentido, as reportagens selecionadas por Lewis também podem ser lidas como uma espécie de momentos capitais da sociedade mundial nos últimos dois séculos. É bem verdade que, escolhidos aqui e acolá, esse processo de seleção ignora solenemente a idéia de pluralidade estabelecida em determinadas listas. Com isso, se é correto afirmar que textos brilhantes foram deixados de fora, também é preciso ressaltar que os textos escolhidos primam pela qualidade incontestável de seus autores, alguns deles nomes fundamentais para a literatura universal. É o caso de Charles Dickens, cuja trajetória como escritor freqüentemente se confunde com a de repórter. E isso porque, muito tempo antes do maneirismo *Jornalismo Literário*, o autor de **Um conto de duas cidades** já emprestava a seus romances elementos do jornalismo da mesma maneira que aos relatos jornalísticos já fazia uso das técnicas narrativas originárias da literatura. No caso de *Um homem é guilhotinado em Roma*, o autor narra com grande impressionismo, se assim é possível qualificar, o momento da execução de um condenado. Devido à riqueza dos detalhes, o texto dá ao leitor a sensação de algo que acaba de acontecer, e não de um evento datado; além disso, humaniza um acontecimento absolutamente corriqueiro àquela época.

Também nesta linha de que nenhum acontecimento é alheio à reportagem, em *A França se rende*, lê-se o depoimento de William Shirer sobre a rendição dos franceses à época da Segunda Guerra Mundial. O texto, originalmente produzido para o diário pessoal do autor, torna único um acontecimento que ganhou tons grandiosos nas aulas de História. Para quem não se lembra, trata-se do exato momento em que Hitler e seu séquito receberam dos franceses a rendição no mesmo lugar em que havia sido assinado o armistício da Primeira Guerra Mundial, episódio que, ocorrido em 1918, foi capitalizado pelo nazismo como momento de humilhação dos alemães ao fim da Primeira Guerra. Pois Shirer mostra com precisão absoluta como se deu o encontro e de que forma os franceses se tentaram até o último momento se resignar diante à imposição alemã. Não é apenas o rascunho da história, mas, também, o depoimento de quem esteve lá.

Ainda no tocante à Segunda Guerra, há também espaço para perfis, esses retratos elaborados sobre um determinado personagem, famoso ou não, apresentando suas idiossincrasias, além de levar em consideração, por conseguinte, o ambiente que o cerca, assim como das pessoas que pertencem ao seu convívio. Nesse segmento, há



O grande livro do jornalismo
Jon E. Lewis
Trad.: Marcos Santarrita
José Olympio
377 págs.

As reportagens selecionadas por **Jon E. Lewis** também podem ser lidas como uma espécie de momentos capitais da sociedade mundial nos últimos dois séculos. É bem verdade que, escolhidos aqui e acolá, esse processo de seleção ignora solenemente a idéia de pluralidade estabelecida em determinadas listas.

que se destacar o texto *Um retrato de Hitler*, assinado por John Gunther, jornalista *freelance* para a publicação *Inside Europe*. O texto se destaca porque dá ênfase à personalidade do líder-símbolo do Nazismo, uma vez que trata desde os anos de formação até a sua relação com o poder e com a religião, passando, claro, por sua posição junto aos judeus. Se se considerar que esse texto foi editado em 1940, anos antes dos estudos mais profundos sobre ele, há que se lembrar que a reportagem é uma precisa análise em tempo presente, como mostra o trecho a seguir:

Hitler nasceu e foi educado como católico romano. Mas cedo perdeu a fé e não assiste a ofícios religiosos de nenhuma espécie. O catolicismo nada significa para ele; é indiferente até ao consolo da confissão. Ao formar-se, seu governo quase imediatamente iniciou uma feroz luta religiosa contra católicos, judeus e protestantes, sem distinção.

De todas as reportagens, a mais bem elaborada, no que se refere ao seu estilo, é o do escritor e jornalista John Hersey, que, para a revista *The New Yorker*, escreveu o artigo: *Hiroshima*, texto que traz o relato de seis personagens que sobreviveram ao ataque atômico em 1945. A reportagem, editada apenas em 1946, sofre várias alterações feitas pelo editor, outro ponto que caracteriza esse tipo de texto. Mais do que apuração e estilo, uma reportagem também se constitui com a participação dos editores, cujo trabalho, apesar de ficar fora dos holofotes, é elementar.

Por se tratar de uma coletânea de textos, alguém pode imaginar que os textos são envelhecidos porque seus autores não representam a atual produção do jornalismo. Entretanto, essa afirmação só seria verdadeira se Jon Krakauer ou Robert Fisk não tivessem textos selecionados para a obra. De Fisk, aliás, autor renomado por sua atuação como correspondente das áreas de conflito, o livro traz duas reportagens: a primeira sobre a invasão do Líbano perpetrada por Israel; e a segunda traz o registro da segunda invasão ao Iraque, em 2003. Os dois textos não chegam por impressões que, muitas vezes, fogem à lógica da objetividade. Mesmo assim, são relatos que dão vivacidade aos temas abordados, deixando, com isso, a eventual aridez dos temas em segundo plano. E aqui isso não acontece porque o jornalista faz uso das técnicas do jornalismo literário. Mas, sim, porque o repórter apresenta os fatos de maneira quente, como se efetivamente aquele relato tivesse as impressões de quem esteve no campo de bata-

lha. De maneira semelhante, só que com mais participação por parte do autor, o livro conta com um artigo de Hunter Thompson, sobre a Convenção Republicana em 1972. Talvez a cobertura jornalística sobre as eleições americanas de 2008 ganhasse em interesse se houvesse um jornalismo mais autoral em vez das infundáveis análises dos especialistas que tomam de assalto o noticiário.

Como disse Eugênio Bucci na série *Jornalismo sitiado*, há muitos fatores que fazem com que o jornalismo esteja, atualmente, sob pressão. Para além da tirania da imagem e da intolerância, é preciso acrescentar, ainda, o fato de que, por diversos fatores, a reportagem tem sido deixada de lado tanto nos veículos impressos como nos eletrônicos. Isso se deve, parcialmente, à equivocada idéia de que a informação instantânea pode substituir os textos mais densos, como a reportagem. Em **O grande livro do jornalismo**, o leitor nota que esse tipo de conteúdo é imprescindível. ☛

o organizador

JON E. LEWIS nasceu em Hereford, Inglaterra, em 1961, e atualmente mora no sul do País de Gales, onde trabalha como escritor e crítico *freelance*. Seus livros anteriores incluem várias antologias, como **Os melhores contos de faroeste**, também publicado pela José Olympio.

trecho • O grande livro do jornalismo

Numa manhã de sábado (8 de março), um homem foi decapitado aqui. Nove ou dez meses antes, ele assaltara na estrada uma condessa bávara que viajava como peregrina a Roma — sozinha e a pé, por certo — e fazia, diz-se, esse ato de devoção pela quarta vez. O homem de viu trocar uma peça de ouro em Viterbo, onde ele morava; seguiu-a; fez-lhe companhia na viagem por uns 64 quilômetros ou mais, sob o traíçoeiro pretexto de protegê-la; atacou-a, no cumprimento de seu implacável propósito, na Campagna, a muito pouca distância de Roma, perto do que se chama (mas não é) o Túmulo de Nero; roubou-a e espandou-a até a morte com o cajado da própria peregrina. (de *Um homem é guilhotinado em Roma*, de Charles Dickens)



HITLER e a Segunda Guerra Mundial são temas de reportagens de **O grande livro do jornalismo**.

Fragilidade humana

JONAS LOPES • SÃO PAULO – SP

Uma injustiça histórica está sendo reparada com o lançamento no Brasil dos **Contos completos** de Flannery O'Connor, em edição suntuosa, com a habitual sofisticação visual da CosacNaify. A escritora norte-americana, até então, tivera uma recepção quase nula no país: há alguns anos, a pequena editora Arx publicou a coletânea de contos **É difícil encontrar um homem bom** e o romance **Sangue sábio**, ambos esgotados e encontráveis só em sebos e com traduções apenas medianas. O novo volume, com conversão impecável do poeta Leonardo Fróes para o português, acaba em abranger todas as narrativas curtas, gênero que O'Connor dominava com excelência — não é exagero colocá-la no mesmo nível de mestres como Tchekhov, Maupassant, Hemingway ou Cheever.

São 31 contos, o que pode parecer pouco para uma compilação de contos completos. É que Flannery não viveu muito, apenas 39 anos (morreu de complicações geradas pelo lúpus, doença que também matou seu pai e outros familiares). A obra pequena não reflete a grandiosidade de suas histórias, pequenas jóias que, estranhamente, dizem bastante sobre a vida norte-americana de hoje ao falar de um tempo e de pessoas com raízes fincadas no passado e apenas no passado. O'Connor filia-se à literatura sobre o chamado Sul Profundo, que possui claros predecessores (Mark Twain, William Faulkner, Tennessee Williams e Carson McCullers, outra autora que morreu jovem) e sucessores (Truman Capote, Cormac McCarthy, Toni Morrison). Uma região que, na primeira metade do século 20, padecia com o massacre imposto pela derrota na Guerra Civil: seus costumes e valores definham dia após dia; a religião, antes um refúgio, tornara-se um fardo, motivo para angústia e desconfiança; a família era uma instituição de ódio e desagregação.

Ódio racial

Para não falar do imenso ódio racial que emanava de todos os cantos e que corroeu a alma do país até, no mínimo, a década de 60 (de certa forma permanece vivo até hoje, embora muito bem mascarado). A abordagem de Flannery O'Connor em alguns dos contos é direta. Em *O gerã-*

nio, um velho desocupado passa as suas tardes esperando o vizinho colocar um vaso de gerânios na janela, até que um negro se muda para o apartamento do lado, provocando sua revolta. O liberal Rayber, de *O barbeiro*, sofre constantes gozações de seu barbeiro por declarar voto em um candidato progressista. “Você então é pelos negros?”, pergunta o barbeiro. Um senhor de *O negro artificial* leva para Atlanta o neto pequeno, que nunca viu um negro — lá eles se tornam objeto de deleite e assombro do menino, uma espécie de zoológico humano exótico. Os trabalhadores negros de fazenda (em *O refugiado de guerra*) são descritos como seres preguiçosos, vagabundos, ladrões. A solução é contratar os judeus recém-chegados à América, aqueles que conseguiram escapar dos campos de concentração nazistas. Esses sim são competentes.

O'Connor não foi poucas vezes chamada de racista devido a esses textos. O que é uma tremenda tolice. Ela, em alguns momentos, é até condescendente com os negros; venenosa, parece mais interessada em ridicularizar a inconsistência dos sentimentos altruístas dos brancos. O próprio personagem de *O barbeiro* acaba cedendo à estupidez do barbeiro e seus amigos preconceituosos e parte para a briga, ou seja, utiliza o mesmo método sujo dos bárbaros que combate. Já a senhora que contratara o judeu para fazer o serviço da propriedade acaba o mandando embora, sentindo-se ameaçada por sua produtividade. Melhor continuar com os negros: inúteis e vagarosos, porém fáceis de controlar. Mais do que no debate racial, a autora parece interessada em investigar a condição humana — no caso, a violência física e espiritual que nós podemos cometer, independentemente de cor, raça e classe social.

Violência velada

A violência atinge os melhores momentos nos contos quando é velada, subentendida, sem as referências explícitas de alguns textos. Caso do maravilhoso *Um homem bom é difícil de encontrar* (o título ficou diferente do da tradução da Arx), em que uma família viaja de férias e resolve, graças à insistência da vovó falastrona, fazer um desvio para visitar uma casa de antepassados. A violência está no desprezo que a família sente por ela, na introspecção disfarçada de expansão que a velhinha é obrigada a assumir como defesa para se mostrar mais forte, para não se sentir um fardo para os outros. Somente no final a brutalidade emerge sem subterfúgios, quando um assassino fugitivo esbarra na família e dá cabo deles sem piedade. Outro murro no estômago é *Gente boa da praça*. Um jovem

Contos de Flannery O'Connor discutem a violência física e espiritual, refletida no ódio racial e na decadência da religião



Contos completos
Flannery O'Connor
Trad.: Leonardo Fróes
CosacNaify
715 págs.

a autora

FLANNERY O'CONNOR nasceu em Savannah, Georgia, Estados Unidos, em 1925, filha única de uma família católica. Com menos de 30 anos começou a publicar livros. Escreveu dois romances e 31 contos, com os quais se eternizou. Morreu de lúpus, doença que herdou do pai, em 1964. Seu romance **Sangue sábio** virou um filme dirigido por John Huston (de **O falcão maltês**).

trecho • contos completos

Olhando para a estrada de lado a lado deserta, Hulga, furiosa, achou que havia sido enganada, que o rapaz só queria, com todo o plano concebido por ele, fazê-la andar até ali. Mas de repente ei-lo que surge, vindo de trás de um arbusto no barranco do outro lado, de corpo inteiro e muito alto. Sorrindo, tirou para cumprimentá-la um chapéu novo e de aba larga. Como ele não o usava na véspera, perguntou-se se ele o teria comprado para a ocasião. Era um chapéu cor de torrada, com uma fita vermelha e branca em volta e um pouco grande para ele, que saiu de trás do arbusto ainda carregando sua mala preta. Continuava com o mesmo terno e as mesmas meias amarelas, que, de tanto andar, já se enfiavam pelos sapatos adentro. O rapaz atravessou a estrada e disse: “Eu sabia que você vinha!”.

Como ele podia saber?, perguntou-se a moça, azeda. Ela apontou para a valise e perguntou: “Por que você trouxe as Bíblias?”.

Sempre a sorrir acima dela, como se não pudesse parar, ele a pegou pelo braço. “Nunca se sabe quando a gente vai ter necessidade da palavra de Deus, Hulga”, disse. (do conto **Gente boa da roça**).

vendedor de Bíblias inicia amizade com uma doutora em filosofia com perna de pau. Mostrando pureza e fé em Deus, ele a seduz, apenas para, mais à frente, divertir-se cruelmente à custa de sua deficiência física. A senhora extrovertida e a aleijada anti-social possuem características bem particulares de personagens da autora: são solitárias e orgulham-se disso. A necessidade que sentem em mostrarem-se fortes e seguras acaba fazendo que, num momento de fraqueza, elas se abram para completos desconhecidos — pessoas a quem não precisam transmitir uma imagem de auto-suficiência. Deixam-se entregar e terminam por se arruinar.

Outro elemento essencial — talvez o primordial — nas histórias de Flannery é o catolicismo e a religião de modo geral. Ou a decadência dela, já que vários de seus heróis, antes crentes irrecuperáveis, blasfemam contra a Providência. “Jesus morreu para te redimir”, lembra uma mulher. “Eu nunca pedi a Ele”, responde um homem. A imagem ideal para a fé algo cambaleante dessas figuras está no conto em que um menino é levado pela babá a um culto fervoroso. O pastor se oferece para batizá-lo. A criança, filha de pais ateus, ignora o significado daquilo. De todo modo, emociona-se e fica encantado com a suposta beleza do sacramento — o que vale é o ritual, não as crenças ou os dogmas que o acompanham. Por isso Sheppard, de *Os aleijados entrarão primeiro*, sonha em ajudar um delinqüente social com pé torto que cruza seu caminho. Leva o trombadinha para sua casa e lhe dá tudo, a ponto de negligenciar o próprio filho. Age como um novo Jesus Cristo (o próprio delinqüente o acusa disso), embora diga que não tem fé em Deus, motivado apenas por soberba e vaidade, para provar sua enorme benevolência e ocultar o fracasso com o filho. Afinal, declara alguém em uma das narrativas de **Contos completos**, é preciso saber o que é pecado para ser capaz de pecar. ☛

Assim como na Irlanda, vamos comemorar o Bloomsday. Só que sem cerveja quente.



Entrada Franca.

Dia 16 de junho é Bloomsday. O dia em que Harold Bloom, personagem do livro *Ulisses*, de James Joyce, entrou para a história da literatura mundial. Para comemorar esse dia, participe do evento.

Palestra com Caetano Galindo, sobre *Ulisses*, a obra-prima de James Joyce, na Livrarias Curitiba, do Shopping Curitiba. Dia 16 de junho, 19h30, com leitura dramatizada.


Livrarias Curitiba

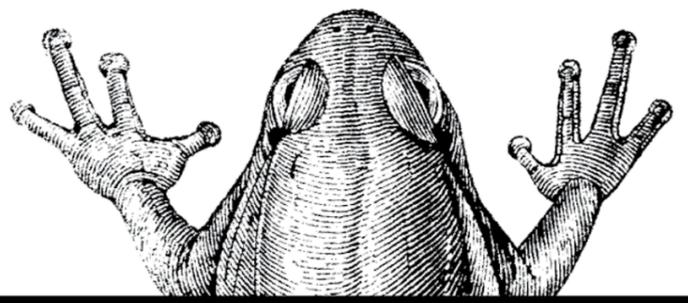
EM BREVE



QUINTANA
café & restaurante

AVENIDA BATEL, 1440

CURITIBA • PR



Esterilizar

Carlos Eduardo de Magalhães

Chegou em casa passava das nove. Deixou a pasta na cadeira, descalçou os sapatos, pés sobre a mesa de centro. Em frente à televisão comeu fria a pizza que pedira dia anterior, a coca-cola ainda tinha gás. Arrotou. Bebeu mais coca-cola, num gole, e arrotou Meu nome é Paulo. Tirou os sapatos, as meias, levou o pé ao nariz, até fechou os olhos para sentir a força do seu chulé. Levantou-se da poltrona só o suficiente para desencostar-se do assento e soltou um pum, sonoro, depois outro. Sentiu-se feliz. Tentou ainda um terceiro, que não veio. Em volta, restos do café da manhã daquele dia, do dia anterior, de segunda-feira. Em cada canto um par de copos sujos que ele mesmo tinha usado. Jornais espalhados no sofá, sapatos e meias junto à porta do lavabo. Queria só ver a cara dela. E sorriu. A empregada semana seguinte voltaria das férias, em uma manhã punha tudo em ordem. A cama desarumada, o lado dela tomado por revistas, embalagens vazias de chocolate, correspondências sem importância. Dormiu com a porta fechada e a janela escancarada. Acordou segundos antes do despertador. Fez a barba num banho demorado, como ela não deixava. Largou a toalha na pia, pegou a última cueca da gaveta. Apanhou o jornal, o iogurte na geladeira, o litro de leite. Teve uma surpresa ao notar que não havia mais copos limpos no armário. Saco!, disse para si mesmo, antes de abrir a torneira. Lavou o primeiro copo, quando

percebeu tinha lavado um segundo, um terceiro. Pôs mais detergente na esponja, lavou todos os talheres espalhados sobre os pratos na bancada da cozinha. Lavou os pratos também. Tirou o relógio, arregaçou as mangas. Foi à sala e recolheu toda a louça, dali a pouco estaria tudo secando no escorredor. Finalmente sentou-se para ler jornal. Não conseguiu. Guardou os sapatos, encheu o cesto de roupa suja para logo em seguida esvaziá-lo na máquina de lavar. Juntou os jornais e papéis e colocou-os numa caixa, na lavanderia. Pronto. Pegou a pasta, a chave do carro, estava atrasado. Mas não saiu, a sala precisava de uma vassoura. Eram quase onze quando decidiu que precisava dar um jeito nos vidros, todos manchados. Às duas da tarde o telefone tinha tocado muitas vezes, sem que ele tivesse atendido. Já tinha passado a enceradeira na sala, pano no chão da cozinha, estendendo as roupas no varal. Fim de tarde o andar de cima estava impecável. Paulo espreguiçou-se junto à janela, de lá, a vista do jardim causou-lhe incômodo. Antes de escurecer tinha aparado a grama, podado as árvores, tirado todas aquelas florzinhas amarelas que caíam da sibipiruna do vizinho. Não atendeu o telefone, quando entrou em casa. Os armários, lembrou-se. Era madrugada quando terminou de organizá-los. Passou a casa em revista. Tudo em ordem, e aquele cheiro perfume francês misturado com lavanda fica-

ra muito bom. Quando foi verificar um pequeno risco no espelho, Paulo enxergou-se. Estava imundo, como se ele tivesse absorvido tudo o que tirara da casa. Despiu-se na lavanderia, a roupa direto na máquina. Tomou um banho rápido e eficaz, fez outra vez a barba. Não ficou satisfeito. Havia algo de errado na sua nudez refletida. Não estava bom. Os primeiros a raspar foram os do peito. Depois raspou a perna, as axilas, nem os pêlos pubianos escaparam. Não contente, foram-se o cabelo e as sobrancelhas. Por um momento chegou a sorrir. Logo seus olhos ficaram sérios e Paulo foi buscar um esfregão. Debaixo do chuveiro esfregou até a água mudar de cor. Quando mudou esfregou com mais força. E o telefone tocava, e ele não atendeu.

Ela chegou com as crianças no sábado. Seus olhos chegaram a lacrimejar com a beleza que encontrou. Móveis lustrados, azulejos brilhando, e aquele cheiro delicioso no ar. Nem sinal de Paulo, e ela fez parar a água que o chuveiro insistia em derrubar.

Paulo sempre fora um desleixado, mesmo. ♣

CARLOS EDUARDO DE MAGALHÃES nasceu em 1967, em São Paulo. É autor de *O sujeito ao lado*, *Mera fotografia* e *Os jacarés*, entre outros.

Queixume

Francisco Pipio

“Mulher aqui só entra uma, que sou eu”, Marta foi dizendo embravecida entrando no barraco que eu fiz de um amontoado de madeira, folhas de zinco e papelão.

“Que danado de tanto queixume é esse mulher?”, eu disse, esparramado no sofá velho azul-marinho.

Não entendi o amofinamento dela.

Empacada no meio da sala, tapando um dos olhos com o dorso da mão esquerda pra se livrar do sol que lhe empantava a vista entrando pelas gretas das ripas da janela, ela me olhou quieta.

Atocaiado no meu espanto, fiz-me de desentendido.

Perguntei-lhe pelo de-comer:

“Trouxe alguma coisa da rua pra gente adular o estômago?”

Ela franziu a sobrancelha num gesto enfadonho. Não respondeu. Andou de um lado pro outro, sem parança, pelos dois cômodos do barraco.

Resmungou. Deixou escapular a frase que soltou quando entrou, em compasso com o dedo martelado em minha direção:

“Mulher aqui só entra uma, que sou eu!”

De novo, não entendi nada e me pus a olhar pela porta entreaberta a privilegiada vista de um riacho que passava ao largo da cidade.

Um silêncio pouco comum tomou conta de nós. Quebrado de repente pelo filho da vizinha com seu carro de mão e a voz de taquara rachada querendo comprar garrafas vazias de aguardente.

Moleque ladino. Teima em ser jogador de futebol. O danado até que tem talento. Mas não pra bola. Sem um fio de cabelo na cara e já toma pinga. Deve ser revolta.

Marta não deu importância pro moleque. Ele saiu desconfiado aceitando o seu calado como resposta.

Ela arroteou o sofá. Fez o sinal-da-cruz diante de mim que continuava deitado com a cabeça enterrada nas almofadas feitas de retalhos de pano.

Praguejou.

Lembrou-se do retrato do Senhor morto na parede de um dos cômodos. Olhou-o. Outro sinal-da-cruz. Agora de arrependimento.

Caminhou desacomodada até a porta dos fundos do barraco. Voltou minutos depois com o corpo arcado, atracado a uma desarrumada trouxa de roupa.

Pôs a trouxa em cima da mesa velha de madeira forrada com uma encardida tolha de plásticos.

Sem esconder a raiva acocorou-se perto de mim. Fez um semicírculo pra trás jogando a parte da frente da saia dobrada pro meio das coxas brancas. Tirou a calçola do rego da bunda com as pontas de dois dedos e me interrogou decidida:

“Quem foi a mulher? Vamos, me diga!”

“Quer mulher!, Marta?”

“Mulher aqui só entra uma, que sou eu”, berrou, erguendo o punho magro.

Fiz-me agora de entendido e fiquei no meu canto amoitado. ♣

FRANCISCO PIPIO nasceu em Graccho Cardoso (SE), em 1967. É poeta, contista e sociólogo formado pela Universidade Federal de Sergipe. Publicou os livros de poemas *Asas do entardecer* (2005) e *As cidades*.

MÚSICA

DANÇA

MODA

FIGURINOS

ESPETÁCULOS



Lunares®
flamenco

Showroom Curitiba:
Travessa Amando Mann, 187 - SL 2
Mercês - Curitiba - PR
(41) 3779-3301

www.lunaresflamenco.com.br

MÁRIO

Severo Brudzinski

Furioso

17:02

Chamem-me Mário. Tenho quarenta e três anos, sou casado, pai de dois filhos, um rapaz e uma moça. Moro em casa própria, financiada. Tenho um carro usado e um plano de saúde com cobertura total para exames e internações.

Eu sou um cara bom, bacana. Eu sou uma pessoa confiável, competente. Eu auxilio os outros. Auxilio os vizinhos, os colegas de trabalho, os parentes. Nunca fui engraçado, mas sou simpático. Enfim, eu sou o que se pode chamar de “um cara legal”. Mas eu cansei, isto tudo é coisa do passado. Daqui pra frente eu vou ser uma pessoa detestável, arrogante e acima de tudo, mau.

17:12

Depois das cinco da tarde, não se produz nada que preste neste antro. Depois das cinco, o que se deseja é que as horas passem e que os relógios, por decreto da presidência, marquem seis horas.

17:31

A maior parte dos funcionários mantém os olhos nas telas planas de quinze polegadas digitando um memorando interno, um despacho de última hora ou um pedido extra de material. Estes filhos de uma puta, até parece que eu não os conheço... Todos ladrões, cachorros, canalhas. Os que têm seus monitores voltados para a parede, pela expressão de seriedade e retidão, jogam paciência ou se deliciam com a boa pornografia oferecida pela evolução tecnológica, mas sempre com uma outra tela qualquer preparada para o caso da chegada do chefe, outro canalha.

17:50

Onde foram parar todas aquelas máquinas de escrever? Elas batiam e rebatiam os formulários em branco durante todo o dia com uma raiva sobrenatural. Imensas pilhas de papel eram consumidas por hora. A atenção tinha que ser extrema, o menor dos erros exigia a substituição dos formulários e o recomeço do zero.

Aqueles eram dias difíceis para fingir que se trabalhava durante a hora final. Todos se deixavam ralentar

até o silêncio completo das cinco para as seis, onde os desejos se resumiam a uma só vontade: ir embora, alcançar a rua e, para alguns, a liberdade. Talvez isto não ocorra em outros escalões da nossa hierarquia administrativa, mas é por certo o que melhor define os anseios das pessoas que habitam o andar da contabilidade. Um poeta, certa vez escreveu na porta do banheiro masculino: “Além das seis, um lugar ao sol. Até as seis, o barco ainda está afundando”.

18:14

Já havia muito tempo tudo estava engatilhado. O caso é que, de um modo geral, sempre me faltou colhão. Talvez por dúvidas morais ou por medo protelei por tanto tempo o que desejava, mas hoje é o dia, o dia da virada. Esta história me surgiu naturalmente quando percebi que as pessoas se dividem em os que agem e os que resumem suas vidas a idealizações. Eu que resumia minha vida a idealizações resolvi mudar para a ação. A idéia foi parar de apanhar e começar a bater. Hoje é o dia.

18:33

Mostrei-me irritado por ter de fazer um serão que planejei há tempos, ninguém desconfiou de nada. Afinal, eu sou “Caxias”, “CDF” e “FDP”. Além de bom ator, sou grande estrategista. Deixei a papelada atrasar e meu chefe, aquele bosta, prontamente me cobrou resultados. Então, cá estou eu esperando minha vítima.

18:52

Um estagiário esqueceu o cartão de transporte. Não dei papo e ele se mandou. A nota de vinte está valendo, o porteiro me avisou a tempo e eu não fui surpreendido.

19:07

Os últimos rastros do dia desaparecem do céu. O trânsito se avoluma e os bares já estão cheios. O calor dá uma trégua e o mar convida para um passeio na orla. Se não fossem os seqüestros... Dá gosto olhar a cidade do décimo terceiro andar, principalmente quando a noite chega.

Fecho as persianas, preparo o ambiente, apago a

luz e espero. A coisa toda já está acontecendo, eu me sinto bastante calmo, apesar de saber que não há como voltar atrás. Quando se decide caminhar por estas trilhas é preciso estar disposto a tudo, e eu não estou de brincadeira. A coisa não vai parar aqui, vai continuar, crescer, se tornar um vício. A coisa não vai parar. A coisa não vai parar.

19:53

A hora marcada. O prédio está vazio, todas as luzes estão apagadas. O telefone toca, é da portaria:

— A encomenda está subindo.

— Ok, continue de olho!

— Deixe comigo, patrão! — responde o comparsa. Sempre há um comparsa.

19:54

Escuto passos no corredor. A porta se abre. Ela olha em volta e parece entediada. É feia, como pedi. Aproxima-se.

— É você? — pergunta.

— Por quê, esperava o príncipe encantado?

— Não, é que... Nada! Aqui mesmo?

— É! Em cima daquela mesa?

— Qual?

— Aquela grande em que está escrito “Superintendente”.

— Tudo bem. Trouxe camisinha?

Dei de ombros. Ela ficou irrequieta por um instante. Andou de um lado para outro passando a mão na cabeça. Disse:

— Ele te contou? Quer dizer... Ele te falou do meu caso?

— O que é que tem?

— Eu tenho AIDS, cara!

— Foda-se... Eu paguei, não paguei? Então, fecha a boca e deita aí, sua vagabunda! ♣

SEVERO BRUDZINSKI nasceu em Curitiba, em 1973.

É diretor teatral, dramaturgo e escritor. Em 2005,

lançou a novela *Os amores e mortes de Gustavo Carbel*.

A cobra no quintal

Davino Ribeiro de Sena

DAVINO RIBEIRO DE SENA nasceu no Recife (PE). Como diplomata, viveu na Espanha, Austrália, Japão e Estados Unidos. É autor de *Castelos de areia*, *O jaguar no deserto*, *Expedição*, entre outros.

Elas vieram antes de nós. Ergueram templos de ouro ainda vivos na selva. Sobreviveram a cataclismos anteriores à humana era...

A imaginação cria seres sem aura, frias serpentes. Esquivas almas, escondem-se nos grotões lodosos do medo. Esperam um sinal que virá...

A rainha tem uma na bolsa. O príncipe tem uma no relógio. A moda nos devolveu a mata. Mas tudo o que se diz sobre elas parece dissolver-se em fumaça.

Vivem nas entranhas do planeta. Se um meteoro cair e aplastar o azul, é certo que morreremos mas elas não, elas viverão para contar nossa tragédia.

As cidades subterrâneas

têm serpentes que caminham e uma vibração misteriosa anima os rituais onde humanos são reptilizados.

Viu-as o inglês Fawcett antes de ser presa dos kalapalos antes de matá-lo a borduna a cabeça encolhida num saco viu-as e temeu pela raça humana.

A imaginação nos prevenira. Todos os macacos da Amazônia dizem a mesma coisa: elas virão! Se os macacos pudessem dizer diriam do que elas são capazes.

Os símios não precisam nos convencer de mais nada. Tudo já foi dito nas escolas que ensinam aos meninos o sonho da antiga cobra.

Os adolescentes caminham na areia dos próprios anos

como tartarugas migrantes de mochila apensa às costas e sonho apenso ao casco.

Florescemos em netos! Não permita Deus que nós os abandonemos à sorte! Lutaremos contra os seres que o escuro faz mais fortes.

A imaginação nos alerta. Há seres antigos, serpes, que mergulharam na Terra. Linhagem de reis e príncipes longe do azul da atmosfera.

A imaginação nos faz ver a verdade mais absurda das cobras no quintal mas não conduz à luta perdida de antemão.

Elas se movem em naves em estonteante velocidade piruetas em zê fazem

nos fiordes da Noruega nos lagos da Nicarágua...

Dentro da água se movem como se de água fossem como se mandassem na água uma água magnetizada uma água obediente.

As naves aparecem no ar e no ar real, como se movem! Sinta a velocidade, Einstein! Os aviões mais velozes são como brinquedos euclidianos.

Sorriem condescendentes como o ancestral lagarto que ensina o homem a ver mas prefere outra vida entre as folhas, sob pedras.

As cobras vestem-se de folhas. Sabem que a Terra tem dono e o dono é Deus, que pode esmagá-las com um piparote.

Elas não desatam este nó.

As cobras vivem na pedra. Enquanto respeitarem a Terra e a lei divina, nós e os macacos seguiremos nus e engraçados. Elas nada podem contra nós.

“Jesus não nos abandone nesta hora! Venha Jesus com um exército de anjos! Venha com sua espada. Lutaremos a seu lado.

Quando elas vierem, o mundo ficará coberto pelo escuro. Elas fugirão, Jesus, de tua luz que salva o homem do escuro. Tua luz, entre luzes, será Luz.”

A cobra se fez visível uma, duas vezes, e se foi na cantante relva do quintal com gestos de realeza fria serpente princesa. ♣

Ninguém me vê

Carlos Quiroga



O autor é um dissidente da norma "oficial" que o galego usa na atualidade com grafia do castelhano. Neste texto, emprega a norma de aproximação ao português da Associação Galega da Língua, mas é partidário do Acordo Geral para a Lusofonia..

Venha, como se nada. Ponho o indicador e encosto o carro.
 Nom vai realmente frio. Parou de chover. Compostela sempre igual.
 Parece que temos umha fonte por cima. Mas já nom chove. Menos mal.
 Esta hora é boa. Ao escampar isto vai-se encher de gente a pé. Melhor.
 Está bem a gente. Que mirem. Quanta mais gente andando melhor.
 O único terrível seria ficar de carro engasgado. Engarrafado. O único.
 Ficar atrapado seria terrível. Ou levar um golpe no carro. Isso, isso também.
 Mas a esta hora nom. Nem muito carro nem nada. Esta hora é boa.
 Ninguém vai reparar especialmente em mim. Aqui está bem.
 De modo que como se nada. Assim, o indicador. Encosto. Venha.
 Santiago de Chile é ideal. Boa escolha. Fundamental começar com bom pé.
 E esta rua conheço bem, magote de gente sempre.
 Ninguém vai reparar especialmente em mim. Aqui está bem.
 Quanta mais gente melhor. Cada um ao seu. A ver, descer, abrir atrás.
 Assim. Todos andam. Todos miram. Ninguém vê. Cada um ao seu.
 Pego na primeira saca de lixo sem abrir muito a porta. Como se nada.
 Que nom se veja nada do interior do carro. Assim. Com calma.
 Vou deixar a carteira no assento. Nom seja o demo que me caia fora.
 Estas algibeiras frouxas nom dam confiança. Devim deixar em casa.
 Andar com a carteira para estas cousas. Claro que podó ter um percance.
 Mais vale acalmar-se, que percance vou ter! Quem ma vai pedir!
 Com ter precauom todo irá bem. Deixo-a aí e já está. Sem mais voltas.
 Seria estúpido que me caísse ao lado de um contentor! Menudo drama!
 Assim, com mais sacas vazias no assento. Nunca se sabe farám falta. Pronto.
 Todo em ordem. Vamos lá. Com toda normalidade. Calma.
 Muita gente pára um segundo para deitar umha saca de lixo. Mesmo de carro.
 É o mais normal do mundo. Mesmo a esta hora. Sempre se tem um apuro.
 A ver. Isso é, bem fechadinho o lixinho. Reforçado por três bolsas.
 Olha que nom gastei bolsas nem nada. Compradas num pedido no Froiz.
 Que sorte ter em casa reserva. Depois comprarei mais. Prevenir.
 Ainda me quedam essas do assento. Mas comprarei. Noutro hiper diferente.
 Se alguém investiga pedidos do Froiz, quê...? Todo o cuidado é pouco.
 Bom. Cada embrulho é um senhor embrulho. Ninguém repara.
 Foi boa ideia vir a esta hora. Ninguém me vê. Esta hora é boa.
 Mais cedo os contentores estariam vazios. Melhor agora.
 O justo, nem muito cedo nem muito tarde. Ninguém me vê.
 Se ficassem mais tempo da conta era capaz de vir algum cam farejar.
 As meninas bem, faltas de macho, sacam os bichos para passear-se elas.
 Meninas bobas. Nunca se sabe com elas. Levam ao passeio para que caguem.
 Por deixá-los cagar em dissimulo consentem-lhes que mordam o lixo...
 Deuses, que perigo. E se ainda vem algum cam que teime em ranhar?
 A esta hora é impossível. O risco é nulo. Ficam no contentor. Dentro.
 Agora já pouco tempo terám de ficar. Nom vai calor. Nom cheiram.
 Nom, a esta hora o risco é nulo. Nem essas bobas com cam.
 Se chego a vir mais tarde os contentores estariam cheios a rebentar.
 Aí sim. Nom quero nem pensar que ficassem as bolsas à tona. Caindo.
 Mas ficam pelo meio, mais ou menos. Está no ponto. E ninguém vê.
 Os que se ocupam de desabar o lixo das casas deitam por cima outras.
 Deitam por cima e as saquinhos ficam polo meio e tudo. Que bem.
 A primeira um sucesso. Santiago de Chile é ideal. Perfeito.
 Parei-me mais da conta. Tenho que despachar-me. Mas foi arrancar.
 Esta rua conheço bem. Toda a gente vai ao seu. Ninguém repara.
 Era onde vinha encontrar-me com a tia aquela do restaurante *A Roda*.
 Vinha ao seu apartamento foder nela. Foi ela que me ensinou a foder.
 Que puta era, caralho. Que puta era aquela tola...
 Tinha um cu enorme, e um quarto a prova de som. Era o que valia.
 Andava sempre quente. Acabei por afazer-me a que gritasse como umha cadela.
 Mas colheu-lhe gosto ao meu pastor alemám, precisamente. Que porca.
 Eu estava em quarto ano de Direito e tinha pouco tempo para sacar o cam.
 Nom fora grande ideia aquela de ter um cam. E logo passa-me isso.
 Devim suspeitar quando se punha tam contente ao vê-la a ela.
 Se ela nunca o sacava à rua quando lho deixava. E entom? A cabrona...
 Depois um dia apanhei-nos, e ela nom negou. Que descarada.
 Depois custava-me deixar-lhe o cam. Ela ria-se quando lho deixava.
 Ainda duramos. Mas eu tinha ciúmes do Rocki, para que negá-lo.

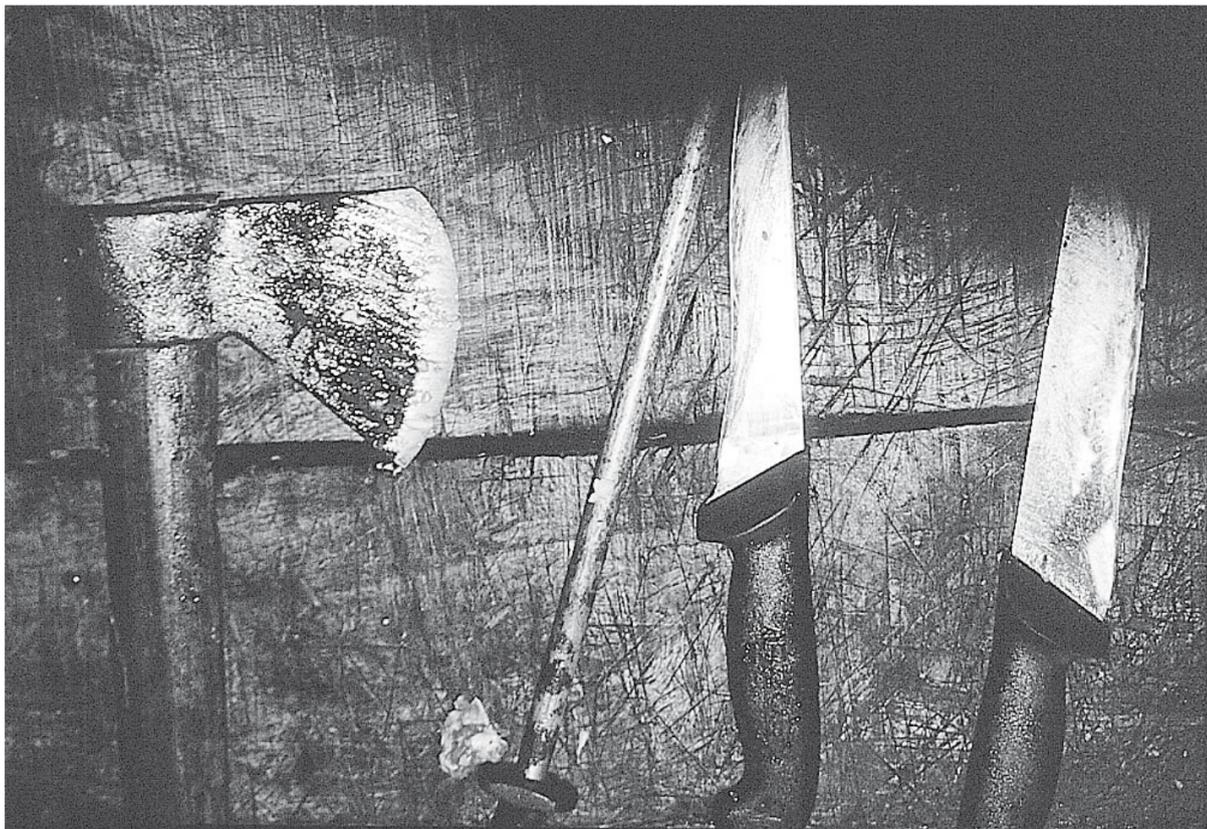
O Rocki queria melhor ficar com ela do que comigo. E um dia mordeu-me.
 Acabei por matá-lo. Que ia fazer. Teria sido melhor matá-la a ela. Puta.
 Esse era o seu portal. Três sacas no seu contentor. Polos velhos tempos.
 Podó deixar mais de umha porque estám bem fechadas. Claro.
 Também nom vou passar horas com isto. Ninguém me vê. A ver.
 Nesta rua até podó fazer outra paragem. Na esquina da praça de Vigo outra.
 Mas calma, tenho de fechar o carro de cada vez, merda!
 A ver se no instante de descer lhe dá por vir algum cabrom meter mao no carro.
 Tenho que pensar em todo, caralho, nom vou estragá-lo agora. Calma.
 Respirar fundo. Assim. Concentrar-se num ponto. Sem nervos.
 Merda, agora começa a chover outra vez. Bulir. Ninguém me vê.
 Vai haver mais trânsito e estará complicado. De modo que arreando. Bulir.
 Claro que devo separar as paragens, nom vá alguém dar-se conta.
 Alguém andando que repara em mim descendo aqui com bolsa e logo ali.
 Seria raro. Poderia haver suspeitas. E se depois algumha bolsa...
 Bom, nem pensar nisso. As bolsas vam sumir no limbo sem ninguém saber.
 E a gente passa de ti, caralho. Cumpre só ter cautela. Pensar em todo.
 Nem muito próximas nem muito afastadas, portanto. As paragens.
 Seria cansativo umha por rua. Cautela inútil. Umha bolsa por rua é pouco.
 Portanto paragens assim afastadinhas. Rápidas. Duas ou três. Depende da rua.
 Do lado do S. Luís passo, nom seja o demo algumha câmara na montra.
 Terei de dar outra vez a volta para entrar na Avenida de Vilagarcia.
 Aqui dá para outras duas. Bar Riky. Pouco movimento.
 Estes metem pouco lixo por cima, seguro. Mas tanto tem, ninguém vê.
 E já vai ficando menos. Ninguém me vê. Aqui nom há problema.
 A cidade velha é que seria lio, mas aqui é perfeito. Os camions engolem. Automa-
 ticamente engolem, daqui a nada. Sem deixar vestígio.
 Esse é o plano. Sumindo para sempre. Está perfeito.
 Na cidade velha estám as câmaras. Que filhos de puta. Espreitam tudo.
 Lembro-me aquela vez com o sobrinho do fulano da Deputaçom de Ponferrada.
 Queria que lho tirasse fora como fosse, claro. E devia-lhe um favor ao velho.
 Aí, que hóstia! Já nom me sentara bem a telefonadela à hora de comer.
 Mas os favores pagam-se. E essa gente é perigosa. Acabei por ir, claro.
 De todos os modos foi curioso. Aguardando que declarasse o merdinha.
 Até o passei bem com o sargento de guarda. O macaco aquele de bigode.
 Devia ser sargento, creio. Divertia-se ensinando na sala aquela os aparelhos.
 Até podia entrar nos quartos das casas, o canalha. Que tipo!
 Putas câmaras, e que bem as movia o tio! Para espiar as tias.
 O que nom teria visto o fulano! O que teria gravado!
 Mas agora jogo à contra. E estou avisado. Na parte nova ainda bem...
 Uff, perfeito. Estou começando a suar. Nom é o peso das bolsas. Serám nervos.
 Hóstia, fechar o carro de cada vez, merda! Em que quedamos!
 Calma, nom passa nada. Simplesmente estar atento. Concentrado.
 Vou tirar as luvas um segundo. Nom passa nada por ir de luvas.
 Pode ser um tipo que vem da finca, eu que sei. O quatro-por-quatro de currante.
 Hóstia, esse quer sair! Nem umha palavra, nem mirar o tio. Calma.
 Tenho de ter cuidado. Vamos fora. Que se abra o semáforo. Abre-te!
 Romero Donalho. Nom dá para encostar, nom é questom de dar nas vistas.
 E o tipo esse continua colado a mim aí atrás. Calma, que passe. Bem.
 Mas aí nas motos pode ser. Bem. Entrou. Assim. Vamos, como se nada.
 Cuidado agora! Se alguém me bate hoje estou perdido.
 Assim. Visto e nom visto. Cada um ao seu. Ninguém reparou.
 Foder, o carro, nom fechei o carro, merda! Que hóstia!
 Mas também nom é para tanto! Aqui era um segundo. E ninguém ao lado.
 Norma é norma. Tenho de fechar o carro de cada vez. Sempre. Claro que...
 Nom nom nom. Tenho de ser lógico. Agora nom era necessário.
 O raro é pôr os piscas a gritar que fecho para afastar-me dous metros.
 Cuidado com os circos. Nom vou andar abrindo e fechando ao momento.
 Fecho de regra. Mas em casos assim nom fecho. Sentido comum.
 Vamos aos lados do *Corte Inglês*. Esses palhaços vendêrom-me aquela vitrocerámi-
 ca. Ardeu aos dous meses.
 Palhaços. Como ia deixar eu ligado toda a noite!
 Vou-lhes dar eu Semana Fantástica. Vou-lhes dar eu *le devolvemos su dinero*.
 Estes contornos de casas novas nascêrom com eles. Palhaços!
 Aí vai propaganda, quatro sacas. Até devia atirar-lhes no estacionamento.

>>> Continua nas próximas páginas

Umha bolsa num canto e outra noutro, para que limpem eles! Que loucura! Que bobagem! É bobagem, mas devia! Bobagem... Estou ficando nervoso, tenho de controlar. Mijar fininho. Ter precaução é a divisa. E deixar-se de delírios. Sem mais voltas. Estou ao que estou. Concentrado. Firme. O feito feito está. Agora sair desta o melhor que puder. Resolver isto. É fácil. Um groló de genebra, creio que é o momento de atemperar os nervos. Para algo preenchim a lata de Coca-Cola com ela. Que bem senta. Nom estou nervoso. Realmente estou melhor do que esperava. Pensei que me ia custar mais do que me está custando. O certo é que o duro já passou. O único que podó fazer agora é concluir. Acabar com isto. E esta parte é fácil. O difícil foi o outro... Agora concentrar-me. Atender ao que estou a fazer... Mas que estou a fazer? E se me param? E se cheiro a aguardente? Basta, um groló nunca senta mal, caramba. A ver se vou pôr-me paranoico. A genebra é medicinal, mesmo. A vida é líquida como a genebra. Seguimos! Castinheirinho. Aí é um cante. Polo Paz Nogueira dá melhor. Assim, nesse beco um instante. Vamos dentro. Pronto. Ninguém me vê. Fechar o carro. Assim, concentrado vou fazendo a direito. Começo a respirar. Sem nervos. Calma. Assim. Todo vai bem. Vou dar volta à rotonda e rumo à Rua do Hórreo. Essa também presta. Mas no final. No princípio pode haver câmaras no Parlamento. Cuidadinho. Vamos, como se nada. Na Galuresa sempre há algum zarolho que se mete. Calma agora. Nem que se parem aí querendo ir para a esquerda. Aguardo. Hoje nom se pode dar a nota. Nem de tartaruga nem de fittipáldi. Nem com chulos como aquele que me rascou aquela vez. Foi bem hostiado para casa, pois foi. Chorou baba e ranho. Hoje aturar o que seja. Que armem barulho outros. Eu nom existo. Assim. Subo sobre o passeio. Este carro sobe polas paredes! Foi boa ideia vir com este, o outro seria um cante. As cidades estám cheias deles. Cante seria andar de desportivo com as bolsinhas. Para além do espaço, claro. Outra. Tenho de engraxar o portom traseiro. Qualquer dia abre-me a cabeça. A verdade é que resulta triste ver em que deu o gajo. Mandril. Aí... Moveu-se! A bolsa moveu-se! Dou-lhe com a manivela do gato! Toma! Toma! Mas como se ia mover...? Estou tolo? Que imbecil! Que estúpido! Agora rompim a bolsa. Que putada. Está manchando o tapete de goma. Que porcaria. Isto tem um aspecto horrível. Hóstia, que nojo! Calma agora. Foi um pronto. Alucinei. Talvez até havia aí algo quente... Admitamos que se moveu alguma cousa, que nom. Admitamos que umha bolsa moveu a outra, talvez isso. Que importa! Agora retomar o controlo. Isso é o único que importa! E evitar chamar a atençom. Menos mal que deste lado nom passa ninguém. Do outro lado a gente que mire. Nom vê. E os carros passam sem tempo de ver. Merda! Manchei as luvas! Que nojo! Com essa nom contava! Isto está-se descontrolando! A continuar assim estou perdido! Vou ter de deitar as luvas também ao lixo! Mas isso nunca! Calma. Limpo-as um bocado. Tenho de recuperar o controlo. Agora que todo ia bem. É preciso ter calma. Respirar. Assim. Menos mal que tenho reservas. Rápido, bolsas, todas estas. Já está. Ninguém vê. Ninguém vê. Nom passou nada! Calma, rapaz. Respirar profundamente. Assim. Tudo bem, zen. Vou fumar o charro que guardava para o final. Necessito agora. Calma. Nom devia ter bebido. Mas fumar sim, vai-me relaxar. Tudo melhora fumando. A maria dá saúde. Até os americanos sabem. Devia ser legal. Cona de políticos! Seguro que nom é por algo. Polo menos pode-se ir arranjando sem problemas. Enfim. O pior passou. Como relaxa. Que susto levei. Uff. Foi um arrebató como este o que me meteu no lío. Tenho de serenar-me. Fazer o que tenho de fazer e pronto. Nom vou arruinar a vida por este merda. Pola merda que fica deste merda. Prato de merda. Emporcando o tapete de goma. Como me cabrea! Dá vontade de dar-lhe outra vez com a manivela. Calma. Menos mal que ocupa pouco. O tísico. Sempre foi um verme. Pequeno. Magro. Estou a ver o seu dente a querer rir. Que nojo. Foi isso... Agora que caio na conta, foi isso! O seu sorriso, o filho de puta deitou aquele sorriso que foi a chispa. Foi isso. O chouriço vermelho ardeu-me nos olhos. E a faca na mao. Se até o ia convidar a merendar de bom grau. Se a cousa podia ter passado. Mas nom. Foi aquele sorriso que o filho de puta me atirou à cara. E o chouriço ardeu-me vermelho nos olhos. E na mao a faca. Estou a ver-lhe o último giro dos olhos desorbitados ao ver-me a mao. A faca manchada de couriço Revilla na mao. Os olhos dele um segundo na faca. A seu último giro de cabeça em direçom à mao. O seu último sorriso de dente podre. Foi todo como num filme. Caindo em câmara lenta num ploff. Ploff... Rápido. Limpo. Foi todo assim fluído como este fumo azul. No ar. Subindo. Caindo...

Fumar dentro do carro parado é um alucine. E um nojo. E agora pom-se a chover outra vez. Que chova. Que mal se vê polos vidros. Cheira... Tou ficando torto. Entre a maria e o calor das bolsas vê-se fatal. Mas tenho que bulir. Ainda deve estar quente, o baboso. Ainda causando problemas. Mira que lhe advertim que se metia, que assim nom íamos a nengum lado. Mira que lho advertim. Maltratador ele! E as pastilhas! Calma... Nom vou alterar-me outra vez. Agora nom. Calma... Acabou o charro. Que bem agora. O mundo é mais redondo. Vamos seguir. Melhor pola praça da Galiza e desço por Doutor Teijeiro. Na General Pardinhas é que metêrom essa história de camuflar o lixo. Menos mal que nesta ainda fica o de sempre. Tanta modernice. Nom dá para estacionar. Um instante na raia amarela. Bulindo. Esse tipo creio que já o vim antes... Que mira, o ranhoso? Que mira? Tenho o pulso acelerado. Transpiro. E se me viu noutro contentor? E se lhe chama a atençom que ande deitando bolsas? Se me viu várias vezes... Fazendo o mesmo... Entom...? Era o que temia. Alguém que reparou antes e me reconhece agora! Será o mesmo tipo!? Já estou delirando outra vez! Calma, caralho, calma! Nom pode ser. Nom pode ser. Foi casualidade. Tás a ver? O tipo passa de mim. Foi um alucine. Necessito ter calma. Necessito outro groló de genebra. Calma. Assim. Que bem senta. Já estou melhor. Já estou melhor. O álcool e as drogas baixam os níveis de testosterona... Bobagem! Os meus testes som os que mais se metem e andam sempre saídos. Escorre testosterona a rodos por onde passam. Bobagem. Cousas do tísico. E..., mecagoemtododeus, assim começom tudo! Nem pastilhas nem hóstias! Nem conselhinhos nem hóstias! Toda esta loucura começou por tanta teoria, conversinhas, bobagens! Toda esta loucura por corrigir o que estava bem! Foi ela que se empenhou! Ela! A mim nom me passava nada!

Era ela, era Eva! E o tísico... Olha que sou um tipo tranquilo. Dou-me com todos. Escuito. Já quando falou no anel constritor lho devia ter posto a ele nos colhons. Em hipótese! Porque falava em hipótese! Mas em hipótese e de facto! Devia mesmo! Devia-lhe ter dito sim senhor, mostre a ver, e pôr-lho a ele nos colhons! Tanta conversinha, tanto repaso de infância, tanto conte-me conte-me. E considerar hipóteses. E suplemento hormonal. E... Para a puta que o pariu! Em hipótese e de facto! Via-se em palpos de aranha e lançava aquelas histórias foleiras. Hipóteses. Conversinhas. Tãrefinhas para casa! Correcçom cirúrgica a que lhe figem eu! Toma soluçom final! O piolho era capaz de acabar comigo. E já acabou, de facto! Cabrom! Estafador! Filho da grande puta! Mas também eu acabei! Claro que acabei! Soluçom final! Calma... Estou-me alterando outra vez... Nom pode ser! Vai ser melhor mudar de zona. Estou ficando nervoso de verdade. Nom podó estragá-lo agora. Vamo-nos fora de aqui. Calma... Hóstia, será esse o tipo de antes? Parece que está a mirar o carro! Estará a seguir-me? Veria-me antes...? Fora, cagando chispas! Outra vez o pulso, tum-tum, tum-tum. Estou a suar dentro da roupa. Nom se vê um caralho, esta chuva. E esse merdento de antes! Mas nom pode ser o mesmo tipo. Estou delirando outra vez. Calma! E se é nom passa nada! Ele dirá o mesmo. Dirá, que curioso. Dirá que curioso e ao caralho. Que curioso e ao caralho! Andando! É dos nervos. Só isso. Ninguém suspeita nada. Ninguém me vê. Isto vai acabar bem. Vai acabar sem ninguém saber. Tou fazendo bem. Calma. Assim. Conduzir sempre relaxa. O carro sempre relaxa. Respirar. Uff. Assim. Calma. Tou melhor. Tou melhor. O carro sempre relaxa... Ainda me acordo do Fiat... E do seu banco traseiro. Como relaxava... Estava em quinto ano e fugia ao monte com aquela assistenta do Departamento. Sara, chamava-se Sara, quanto tempo sem lembrar-me de Sara... Despelotava-se toda e ficava só de saltos altos. E o rabo redondinho e duro! Dava-me as costas de corpo banhado pela lua e fazia que mirava as luzes. Ela fazia que mirava as luzes da cidade abaixo e eu mirava para ela. E o Pedroso era como umha catedral para o altar das suas tetas grandes. Enormes. Penduravam por trás do respaldo do Fiat. Bamboleavam sobre a roda de recâmbio. Mirávamos juntos as luzes e agarrava-lhe as tetas e esmagava-lhas todas. Metia-lhe a moca por trás até que lhe doia de gosto. Doia. Mas que gosto! Dizia-me para parar e começar mantendo-me à beira do orgasmo. Até que eu nom conseguia aguentar mais. E estourava dentro. E era bom. Relaxava. Como relaxava conduzir até ali. Ir lá encima... Aquela vez dormimo-nos e acordou-nos umha cambada de velhos. Era o princípio da manhã e ela riu-se alto das suas caras de figo. As suas caras de figo nos vidros embaçados. Ela nom podia parar de rir. E correu atrás deles descalça e em pêlo. Polo meio do monte um trecho, sem parar de rir, a louca. Eles dando com os calcanhares no ar. Ela machucando os pés, rindo. Os saltos altos... Nunca parou de rir com as suas tetas grandes bamboleando como louca. A Sara estava pirada! Mas boa. Estava boa. Relaxava. Como relaxava. Quem ia imaginar que acabaria liando-se com um tipo que podia ser o seu pai. O seu pai duas vezes. Até podia ter sido algum daqueles cara de figo. Zorra... Hóstia! Esse quase me bate. Nom vejo um caralho! Olha que a gente está pirada. Quanto louco solto. Devo estar mais atento. Tenho de concentrar-me nisto. Que estou fazendo. Merda! A magiar tempos de colegial estúpido. Isto é sério, caralho! A ver quantas bolsas faltam. Já deve faltar pouco. Calma. Pola Avenida de Lugo nom presta. Se entro pola lateral ainda dá. Passa, filho de puta, passa, que sobra espaço! Bom, controlando. Menos mal. Fechar o carro, caralho! Fechar o carro, quedamos nisso! Assim. Aí vai um pedaço. Adeus. Seu canalha. Quanto trabalho me dá, o animal. Agora está calado. Vamos à Área Central. Nessas ruas todas também há camiom automático. Assim, controlando. Estava a ir-me de parafuso frouxo. Agora volto estar centrado. Ninguém me vê. Calma. Quanta gente, quanto carro. A gente nom tem que fazer. Comprar. Compre, compre. Compre novos problemas. Para solucionar o problema. Gente. Melhor. Quanta mais mire menos vê. Bolsa. Quanta palavra vai dentro. Apagada, finalmente. Nom devia ter-se metido. Caladinho agora. Já nom pergunta nem anota. Tãrefas sexuais para casa. Já lhe darei eu. Vou-lhe humilhar eu. Tãrefas sugeridas eu. Aqui vou meter três ou quatro bolsas. Tenho de acabar com isto, hóstia! Estou-me angustiando. Quando me angustio acabo por fazer barbaridades. A culpa foi toda do tísico desde o princípio. E da Eva! Eu sou um tipo tranquilo. Dou-me com todos. Sei escutar. Mas nom havia necessidade deste merda. A barbaridade foi essa. Outras duas sacas. Esta é mais grande. Esta merda... Que é o que irá aí? Nom sei... Pola forma... Nom sei. Que imundície. Como deixaram isto à volta. Porcos. Nom seja o demo que ao recolhê-lo abram o contentor e adivinhem. E que vam adivinhar? Nom me sejas outra vez paranoico! Umha saca de lixo. Ninguém se mete no lixo. Umha bolsa mais limpinha que isso aí. Anda, anda, isso sim que é nojo! A gente é bem porca! Tanto tem. Rua. Lixo. O lixo com o lixo. As minhas bolsas é que mereciam ficar expostas aí. Abertas. Todo espalhado. Lindo e lavado, com ficha curricular do animal de origem. O animal que se tinha por grande cousa. Por bonitom até se tinha. E o caso é que o tio ia de frique. O que mais me fode. Ia de frique cobrando. Há que foder-se com o cabrom!



CARLOS QUIROGA é professor na Universidade de Santiago de Compostela, na Espanha. Fundou e dirigiu várias revistas, como *O Mono da Tinta*. É autor de **G.O.N.G. — mais de vinte poemas globais e um prefácio esperançado** (1999); **Periferias** (1999, Prémio Carvalho Calero de narrativa, publicado no Brasil em 2006); **A espera crepuscular** (2002) **O regresso a arder** (2005), **Venezianas** (2007), entre outros.

Já lhe disse que era melhor deixá-lo. Empenhou-se em vir a casa. Nom devia ter-se metido. Pastilhas. Conselhos. Nom devia ter-se metido. Segue comigo. Segue comigo. Nom devia ter-se metido. Como amigo. De colega. Na calada da noite. Após o trabalho. Metendo-se. Seringando. Outras duas bolsas. Vai seringar os bichinhos dos lixinhos! Sem cobrar, dizia. Mas cobrava. Como amigo, dizia. Trinta euros visita, dizia. Isso é o que acabava por dizer. Ladrom. Ladrom!
 Quem o chamou? Estava-me a sacar o coração. O seu é que eu tenho nas maos agora. Escorrendo. Mamom. Grandíssimo merdento! Dá-me vontade de ir pola manivela de novo. Hummm. Cuidado. Estou-me alterando outra vez. Calma. Aqui anda menos gente agora. Que mirem. Nom vam ver. Tinha que soltá-lo ou rebentava. Era isso. Desabafar está bem. Agora estou melhor. Quando me vem à cabeça aquilo, acontece. Nom é para menos, já o sei, já o sei. Mas jogo-me muito agora. Paciência. Já passou. Acabo de umha vez e ainda chamo a Rosário. É boa ideia. Faz-me um trabalho limpo antes de dormir e tudo isto fica esquecido. Amanhá tenho de levantar-me às sete para ir ao escritório de Vigo. A Rosarito é boa tia. Com ela podó estar tranquilo. Eu tenho de fazer o meu trabalho e ela o seu. Se a Rosarito nom fosse assim, algo tatebitati, ainda me valia de secretária. A outra cabra deixou-me colgado. Queixas de que! Era boba, a tia... Sabia de leis, mas da vida nada. E os meus clientes som especiais. Ainda podia ter pensado em ajuda deles para este assunto. O Estif, por exemplo. Mas melhor nom complicar. Quem a caga que a coma. Adiante. Vamos, machinho! Ninguém me vê. Todas estas ruas resultam iguais, tontas. Atenas. Berlim. Viena. Eu que sei... A Eva está em Genebra. Creio. Vou tomar outro groló... Ela está em Genebra. Ela deveu ir pondo-se cachonda com aquelas conversinhas. Ela ficava cachonda com aquelas conversinhas. Certeza. Ia ficando cachonda com as conversinhas do terapeuta, mas eu nom podia. Conversinhas do verme. Baba do verme. Baba do bobo do verme. Ela cachonda mas nom comigo. Eu nom podia nesse momento. Eis o problema. Antes ia-lhe a marcha. Caralho se lhe ia. Ia-lhe a marcha como a mim. Teríamos solucionado o problema nós. Estou seguro. Os dous. A mim nom me passa nada. Está claro. Só fôrom os podres do momento. Fomos arranjar verdadeiro problema para solucionar o problema. Ela antes era cachonda comigo. Claro que era. Por que deixou de sê-lo? Ela antes pedia-me que a atasse à cama e todo. Pedia-mo ela! E eu atava-a e fazia-lhe de todo. E ela gostava de ser rebaixada, que caralho! Umha vez pediu-me que lhe apagasse o cigarro nas tetas. Pediu-mo ela! E que lhe metesse cousas. Quando estava assim pedia barbaridades! E que bem a chupava a zorra, com os olhos em branco! As barbaridades punha-na cachonda. E a mim... Depois nom sei que passou. Sucedeu aquilo todo, um mês difícil. Ela era a mesma zorra mas eu nesse momento era incapaz. Foi daquela fase frenética. O juízo aquele que perdí. Dinheiro. Também bebia mais. Bloqueio. O tempo a passar. E a ideia absurda de buscar ajuda. A ideia do baboso. E nunca mais. Nunca mais ma chupou. Parecia repugnar-lhe a casa, o quarto, todo. E sobretudo eu. Dizia-mo. Que lhe repugnava eu. Todo. A minha roupa nas cadeiras. O meu modo de escovar os dentes. E eu às vezes ouvia-a fechada no banho às duas da manhã respirando ofegante. Isso nom se podia consentir, caralho. Era como umha patada nos colhons. Descobrim-lhe livros eróticos e todo. Bolas vaginais. Cristo bendito. Antes essas cousas pareciam-lhe imundas. Depois nom, a tia. Acabou pirando-se porque lhe petou. E sem tocar-lhe um cabelo. Só aquela vez das escadas. E a vez do pátio-de-luzes. Mais nada. Pouca cousa. Arrebatos. Mas eu antes nom tinha assim tam forte. Toda a culpa deste bolsinha de merda. Deste bolsinhas frescas. As últimas. Presa de merda. Saco de vermes. Vómito em bolsa. Se nom fosse o peido este polo meio ainda estávamos juntos. Creio que quando chegue a casa vou tentar falar com ela. Chamo-a a Genebra. Por que nom? Falo-lhe bem. Desde tam longe que vai temer? Falar só. Prometo que nom lhe toco. Falar, era o que queria ela. Falar com ela. Nom foder, foder só nom.

Até podia contar isto. Como um segredo. As barbaridades ponhem-na cachonda. Digo-lhe que ainda levo aquela foto sua na carteira, a que está em pelotas. Tenho aí na carteira. Deve estar aí, caeria no piso... Mas nom! Nom vou retomar a conversa com umha cousa dessas. Nom ao telefone. Tem que ser doutro modo. A sua irmã deve ter o número de Genebra. Pedir de boas maneiras e talvez mo dá. E por que nom mo ia dar, *mecagoemtodocriso!* Telefonar a Genebra... Vou tomar outro groló... Está a acabar-se. Direi-lhe que estou curado! Já nom bebo. Quase. Pode ser como antes. Falamos. Nom vou contar-lhe nada disto! Como ia contar! Que estupidez. Nom vou assustá-la. Ela vai-me dizer que nom volta... Nom... Ela nom vai dizer nada. Ela nem vai atender o telefone. Ela se atende desliga. Certeza. Nem a irmã vai dar o número. Talvez mais adiante. Quando isto acalme... Ainda nom sai realmente desta. Quem sabe o que será amanhã. Se alguém souber. Umhas férias. Necessito umhas férias com urgência. Amanhá vou arrumar aquilo e desvio a agenda toda para o Valente. Ele tem pouco choio. Já mo tem dito. Passa-me algum quando queiras. Está fazendo umha casa como um castelo. Tem que manter a família, a amante. Fica encantado com os meus clientes. Com alguns nem tanto. O violador tem piada. Esse fará-lhe graça. Seguro... O caso é pirar-me eu. Um tempo. Ventilar. Podia ir a Genebra. Genebra... Mas é loucura. Faria outra loucura em Genebra. As vacas suíças... Necessito outro groló. Como se fosse leite... Que bem senta nas veias. Que calorzinho. Como o leite nas tetas de Eva... Melhor nom! Como vou apresentar-me ali, buscar como um cam ali! Uns dias longe mas para outro lado. Sol. Umha ilha, mulheres. Genebra nom. Tenho que deixar de beber. Esquecer. Terei de procurar outro terapeuta. Nom sei se estou curado. Terei de procurar outro terapeuta... Estarei curado...? Agora sinto-me realmente bem... Até se me pom dura ao pensar na Rosarito. Mas pode-me passar outra vez. E se me passa outra vez? E se cometo outro disparate? Outro aproveitado destes...? Seguro! Nom sei se estou realmente curado. Estou mal. Nom sei... E pode-me passar outra vez. E se me passa...? Calma. Nom vale a pena adiantar-se. O que há-de ser será... Agora voltar a casa e limpar bem todo. O carro. Todo. A sujidade pom-me nervoso. Limpar é o mais importante. E tomar duche até cair a pele... Sim, ou melhor um banho... Atirar estas luvas nalgum contentor. Outro contentor. E voltar a casa. Estou cansado. Tremendamente cansado. Estou realmente mal. E ainda faltam detalhes. Aqui nom há polícias como esses americanos das séries, forenses. Los Angeles, a hóstia. Felizmente... Felizmente ninguém vai saber. Mas toda cautela é pouca. Nunca se sabe. Os imprevistos. Seria a bomba que se soubesse. Já estou vendo as notícias. Mas nom. Nunca. Até agora sempre tenho sido listo. Creio. É questom de limpeza apenas. E cautela. Apenas isso. Pom-me nervoso a sujidade. Só. Nom sei se esquecim algum detalhe. Voltar a casa e acabar com isto. Limpar é o mais importante. Nom deixar pegada. Nada. Cuidar os detalhes. Todos. Por se acaso. Limpar a ferramenta. Recolher tudo. Apanhar a carteira... Deveu cair aí. Depois procuro. Agora sair daqui. Sair, abrir-se, que todos começam a mirar-me! Sair, hóstia! Agora ir! E descansar um pouco. Descansar... ❶

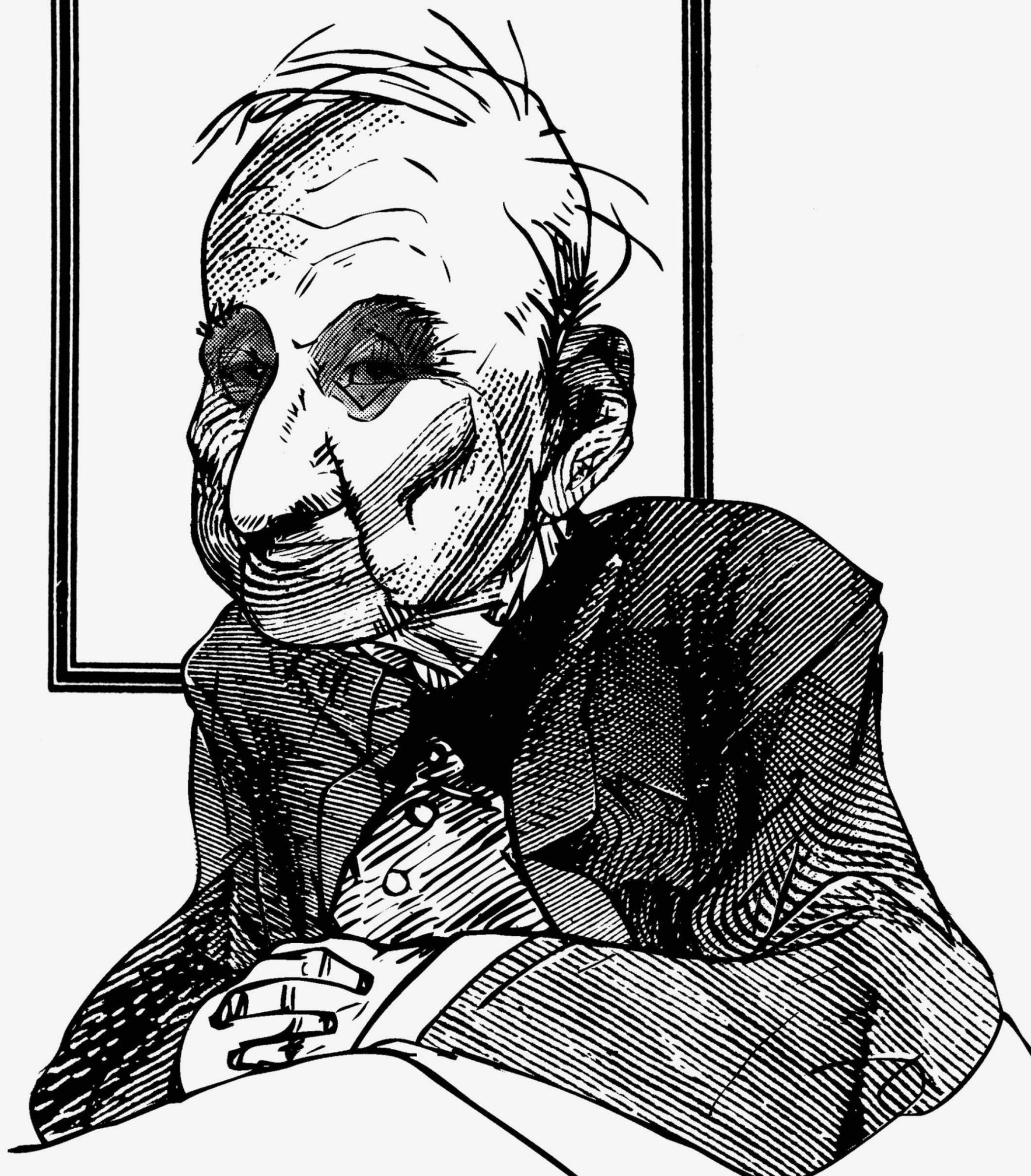
PARENTESES

OTROJO

*ricardohumberto

(Em meio ao turbilhão do mundo
O Poeta reza sem fé)

MARIO QUINTANA





TORCEDORES

Escritores transformam-se em seres muito estranhos quando seus times do coração entram em campo

Certa vez escrevi, num breve ensaio sobre o conto *A cartomante*, de Machado de Assis, que há pelo menos três tipos de leitor: o que nega, o que afirma e o que desconfia.

Talvez se possa dizer o mesmo do torcedor de futebol. O tipo que nega normalmente aparece quando se trata de torcer pela seleção brasileira. Sim, porque para muitos torcedores há uma diferença abismal entre torcer para um clube e torcer pelo Brasil. Quando se trata do seu clube, há torcedores que vibram até com cobrança de tiro-de-meta. Se, no entanto, diante da televisão está o time de camisa amarela, a emoção só acontece mesmo quando é jogo importante, de Copa do Mundo, ou se for contra a Argentina (ai vale até amistoso).

Veja por exemplo o caso daquele torcedor que aparece numa crônica do Nelson Rodrigues. O Brasil acabara de ganhar de 5 a 1 do Paraguai e depois do jogo Nelson esbarra com o amigo lúgubre. “Mas que cara de enterro é essa?”, pergunta. E o outro responde: “Estou decepcionado com o escrete!”

E Nelson conclui: “A seleção não tem saída. Se vence de cinco, se dá uma lavagem, o torcedor acha que o adversário não presta. Se empata, quem não presta somos nós. Durma-se com um barulho desses!”

Há também o torcedor que afirma sempre. Seu time pode estar uma porcaria, mas ele não admite. E torce ufanisticamente pela seleção brasileira, mesmo que seja em jogo-treino contra os juvenis do São Cristóvão. Esse é incapaz de autocritica, pelo menos em público. Pode ser que num domingo à noite, a sós com o travesseiro, ele grite um palavrão contido a ferro e fogo durante o dia e mande seu time inteiro para o inferno! Mas com os amigos, na conversa de segunda-feira, ele volta ao normal.

Os que desconfiam são mais raros. Vão para o estádio com a camisa do time escondida debaixo de uma outra. Seu time é o favorito, aliás, o favoritíssimo, mas ainda assim o torcedor desconfiado não assume sua paixão. E quando algum avisado — preferencialmente o torcedor crédulo, do parágrafo anterior — estranha o hábito de esconder a camisa, ele, cabisbaixo, apenas sussurra: nunca se sabe, nunca se sabe.

Para o torcedor que desconfia, vale uma máxima futebolística: o jogo só acaba quando termina. Seu time pode estar ganhando de 4 a 0 faltando cinco minutos para terminar o jogo, tanto faz, ele só acredita

na vitória quando o juiz pega a bola e apita o final da peleja.

Os três tipos de torcedor de futebol se espalham país afora. E, claro, têm suas manias. Há de tudo nesse tema: as manias de torcedor.

E se algum dia você puder conversar com escritores, talvez se surpreenda com o fato de que também entre eles — cujo ofício parece não ter nada a ver com futebol — existem os que praticam a estranha arte de torcer.

Escritores torcedores

A propósito, fiz recentemente uma seriíssima pesquisa com alguns escritores, perguntando sobre a relação deles com seus times. Relato a seguir algumas respostas.

O poeta Paulo Henriques Britto não é nada ligado a futebol. É capaz de assistir a um jogo e perguntar quem é aquele sujeito vestido de preto com apito na mão (e querer saber por que nunca pega na bola e seu uniforme é diferente dos outros). Ele respondeu assim à pesquisa: “sou completamente ateu em matéria de futebol”.

Pérola das pérolas. Mesmo não gostando do esporte, Paulo reconhece — pelo menos é o que se pode depreender da sua frase — que se trata, mais do que de um mero jogo, de uma verdadeira religião.

José Castello, torcedor do Fluminense, respondeu dizendo que, quando fica nervoso vendo um jogo do seu time (e esse nervosismo é bem freqüente), tira o som da televisão. Diz que, com isso, tem a impressão de que adquire mais controle sobre o que se passa em campo. Faz sentido, se pensarmos que a narração do jogo, as informações do repórter de campo, o barulho das torcidas, tudo isso faz parte do espetáculo. Sem som, a partida perde muito da sua dramaticidade.

Nelson de Oliveira me escreveu surpresa, sem acreditar na incrível coincidência. Disse que, no momento em que recebeu a mensagem, estava justamente trabalhando numa nova antologia de contos brasileiros, que vai se chamar **Geração 90 (minutos): manuscritos de torcedor**. Imagine o que vai sair daí.

Outro torcedor fanático, o Marcelo Moutinho, revela que quando está no Maracanã não tem muitas manias não. Mas diante da televisão, em casa, precisa morder uma caneta (para não acabar com as unhas). E, se o time dele estiver ganhando, não troca jamais o lado da boca.

Meu conterrâneo André de Leões, torcedor do Goiás, é o desgosto do pai, nascido e criado na Vila Nova, bairro do arquirival. Na verdade, André assiste a qualquer jogo de futebol como se estivesse hipnotizado. Ele conta que já cansou de perder o ônibus porque atrás do ponto tem um campinho de terra. Quando o ônibus passa, ele só tem olhos para o jogão que está

rolando entre os moleques descalços.

Outro André, o Sant’Anna, diz que em casos extremos usa a Figa do João Pelado para inutilizar um jogador adversário e que freqüentemente se vale do Método Silva Mind Control. E faz uma revelação bombástica, mantida em segredo por mais de vinte anos: foi ele, André, o responsável pelo tricampeonato do Fluminense em 1985.

A corintiana Ivana Arruda Leite viveu uma situação dramática. Foi ao estádio com um primo muito mau, que a forçou a assistir à vitória do Corinthians no meio da torcida do São Paulo. Ela saiu de lá direto para o hospital, com uma taquicardia que podia ser ouvida a quilômetros de distância.

Torcedora condicional

Cláudia Lage é um tipo interessante de torcedora: a condicional. Torcedor condicional é aquele que vai sempre lhe responder, se você perguntar se ele vai ou não assistir ao jogo: depende. Se o time vai bem, a Cláudia está lá, firme e forte. Se estiver mal, não quer nem saber. Sua única mania: se o time está perdendo, ela dá um tempo e vai consultar o *I Ching* sobre a possibilidade de uma virada.

Não é o caso do Raimundo Carrero, apaixonado torcedor do Sport Recife. Esse é do tipo que joga sandália no bandeirinha e volta descalço para casa, como aconteceu mais de uma vez. E geralmente sonha coisas estranhas na véspera de um clássico. Quando acontece isso, não vai ao estádio, não ouve o jogo no rádio, não vê na televisão. É um dia de muita agonia, e ele repetindo o tempo todo para si mesmo: deixa de ser idiota, Carrero!

Há os torcedores que, calmos no dia-a-dia, de voz macia e semblante tranqüilo, se desfiguram na hora do jogo. É o que acontece com o Gustavo Bernardo. De tanto susto com os berros do dono durante os jogos do seu time, os cachorros da casa precisaram fazer tratamento antiestresse.

E temos ainda aqueles que pensam a longo prazo, zelando não apenas pelo presente imediato mas pelo futuro do seu time. A esse grupo pertence, por exemplo, a gremista Alesca de Assis, que lá de Porto Alegre revelou que todo dia 31 de dezembro dorme com a camisa do clube, para dar sorte no ano seguinte.

O Rafael Cardoso tem tantas manias que se recusou a enumerá-las, com medo (mania das manias) de esquecer alguma e isso prejudicar seu time no próximo jogo. Mas saiu com uma frase muito boa: “o único escritor a ter uma reação lúcida com relação ao futebol foi Lima Barreto, que era louco”.

Comentário, aliás, que lembra o do Milton Hatoum. No meio das suas respostas, ele afirma: “só um louco assiste a um jogo do seu time sem revelar uma reação estranha”. A dele é a de mudar de posição na

cadeira ou se sentar no chão e xingar o técnico quando o Flamengo está perdendo. Às vezes, complementa, tomar uma cachaça pura também ajuda.

Jogo galáctico

Roberto de Sousa Causo não entende muito de futebol, embora tenha decidido agora enveredar pelo tema. Contou que está escrevendo um conto de ficção científica em que o Flamengo está nas oitavas de final do Campeonato Intergaláctico e vai jogar no Maracanã contra um time do planeta Ocixém, um tal de Acirema. Goleada dos caras do outro planeta: 3 a 0. Cá entre nós, achei o enredo excessivamente realista.

Falando em Flamengo, dizem as más línguas — por favor não espalhe isso, pode ser apenas uma intriga qualquer — que o Luiz Ruffato só vê jogo do seu time em casa, sozinho, trancado no quarto, vestindo um pijama vermelho de bolinhas pretas.

O atleticano (do Paraná) Cristóvão Tezza é um torcedor tribal, selvagem. Levanta o tempo todo diante da televisão e tem a mania de dar instruções para os jogadores do seu time, como se pudessem ouvi-lo. “Passa pro Netinho, idiota! Viu? Viu? Perdeu a bola.” Seu filho Felipe, um fanático mais apaziguado (se é que isso existe), disse a ele um dia: “Não adianta falar, pai, eles não ouvem daqui. Vai ler um livro que eu vejo o jogo pra você, vai!”

Affonso Romano de Sant’Anna encarna um outro tipo comum entre os torcedores: o eclético. Torcedor eclético é aquele que tem um time em cada estado do país. Desse modo, seja qual for o jogo, há de haver adrenalina à solta. Mas, no caso do Affonso, o time de coração mesmo é o Tupi (há torcedores do Tupi, por que não?), de Juiz de Fora.

Outro que tem times espalhados pelo país é o Braulio Tavares. O primeiro de todos, no entanto, é o grande “galo da Borborema”. Não está ligando o nome à pessoa, alienado leitor? É o Treze, da Paraíba. Quando tinha uns quinze anos de idade, Braulio inventou que dava azar ao clube. Sem saber se ia ao estádio ou não, escrevia em dois pedacinhos de papel: IR e FICAR, tirando a sorte na hora. Deixou de ver grandes jogos por causa disso e não consta que tenha interferido muito no destino do Treze.

O Dapieve, o Fernando Molica e o Veríssimo responderam que... Bom, esses são botafoguenses. Torcedor do Botafogo merece uma crônica à parte. Fica para o mês que vem. ●

PONT RAIMUNDO CARRERO FINAL

O que é o romance?

Neste momento, a ficção se dilacera entre a obra de arte e a obra voltada apenas para o leitor, transformada em mercadoria

A morte do romance tem sido anunciada ao longo dos tempos. Desde o começo do século 20, por exemplo, quando Georg Lukács viu a narrativa se distanciando da epopéia e, por isso mesmo, perdendo forças. Depois reviu a posição. Nesse mesmo tempo, o texto de ficção passou por muitas experiências, entre as mais notáveis no *Ulisses*, de Joyce, e no *Em busca do tempo perdido*, de Proust, no movimento latino-americano, que revelou Garcia Márquez e Mario Vargas Llosa, até chegar ao mediocre romance norte-americano de hoje, que envolve ainda os grandes vendedores.

Neste momento, portanto, a ficção se dilacera entre a obra de arte e a obra voltada apenas para o leitor, transformada em mercadoria. Aliás, os próprios autores norte-americanos tentaram reunir nas suas narrativas as técnicas do romance policial e a história compra-e-vende dos europeus, para combater, por exemplo, os árabes e indianos, que escrevem — e são educados — em inglês. O mercado se diversifica, numa clara estratégia de mercado, o que não é de todo ruim, alguém tem de vender para sustentar as editoras.

Então nós temos aí duas realidades incontestáveis: a arte e o mercado. Como, então, devem se comportar os escritores? Em primeiro lugar não se preocupando com a questão das vendas, o que deve interessar somente aos editores. Afinal, eles vivem disso. E os escritores não vivem disso? É a segunda parte desta reflexão e que me interessa muito. As vanguardas exauriram a narrativa, até pela própria natureza de movimento literário. Mas só pode haver mudança através das vanguardas? Acredito, sinceramente, que não. No entanto, devemos encontrar um caminho que também possibilite a sobrevivência do romance. E ela se dá entre a simplicidade e a sofisticação, tema do meu próprio livro

sobre o assunto: **As estratégias do narrador**, que deve ser publicado logo pela Iluminuras.

Na simplicidade, o romance deve chegar aos olhos do leitor com tal leveza que não exija nenhum tipo de quebra-cabeça, tornando-se cada vez mais leve. Aí está o segredo. No entanto, isto não quer dizer que o escritor abdicará das técnicas interiores, que se revelarão na sofisticação. Esse caminho, aliás, já estava sendo preparado por Machado de Assis, sobretudo nos contos, e em *Dom Casmurro*, um dos romances mais bem elaborados do final do século 19 e começo do 20, equiparando-se ao que de melhor se escreveu na Europa. Não é sem razão que Harold Bloom escreveu: “Machado de Assis é um milagre”. E que Susan Sontag, surpreendida a cada palavra, dizia que a escrita daquele mulato carioca era tão sofisticada que não podia entender o fato de ele nunca ter se afastado do Rio de Janeiro mais do que alguns quilômetros. Aí reside um tanto de preconceito. Mas tudo bem.

Simplicidade e sofisticação

É claro que ninguém vai imitar Machado nem se quer revolucionar o romance — isso está fora de cogitação. Mesmo assim, chamo a atenção para o fato de que ele pode ser lido por todos, sem qualquer problema. Dois dos seus contos chamam a atenção justamente por causa da simplicidade e da sofisticação: *O Machete* e *Um homem célebre*. Embora *Missa do Galo* tenha se tornado o mais famoso, e reescrito até a exaustão, esses dois reúnem elementos que podem apaixonar qualquer leitor comum — pela simplicidade —, sem deixar de lado aquilo que de mais notável pode se escrever, recorrendo a técnicas de montagem e de desenvolvimento de enredo.

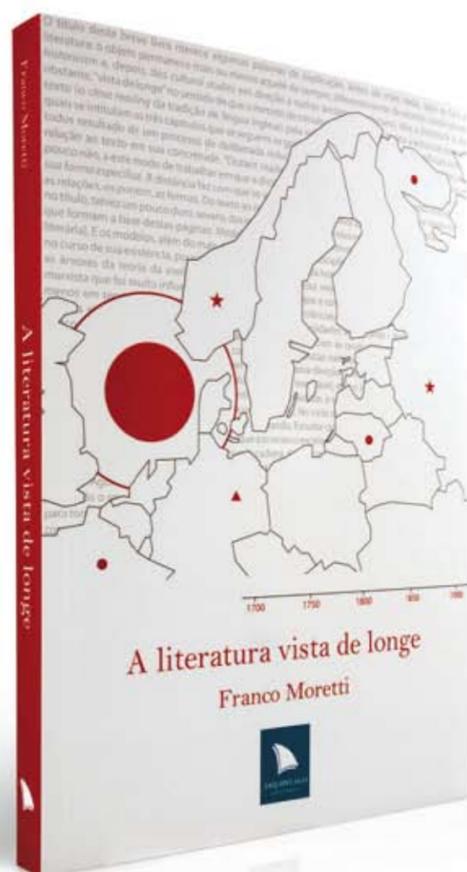
Só para lembrar: *O Machete* começa pela técnica do

personagem ilustrativo, na figura do pai de Inácio Ramos — o personagem central — para desaparecer imediatamente no segundo parágrafo, sabendo-se apenas que ele morreu. Nada mais sutil. Naquele primeiro parágrafo que pode — reitero — ser lido por qualquer um há uma carga técnica impressionante. O personagem — o pai — ilustra o caráter de Inácio Ramos — o personagem — sem cair no lugar-comum e possibilitando uma leitura agradável.

Pelos movimentos internos demonstra-se que a relação pai e filho não é afetiva, embora não diga isso em lugar algum. É possível perceber o afeto e o entusiasmo quando aparecem, logo em seguida, o velho músico alemão e a mãe, esta sim, tratada com muito carinho, e colocada em oposição ao pai. Sem que o narrador tenha que dizer. A leitura, por si só, revelará os sentimentos.

Isso quer dizer: técnica. Não é regra — lembro sempre: não existem regras para a ficção. Mas um caminho a que o escritor pode ou não recorrer para o estudo. Nada mais do que isso. Sem encrencas nem debates. Tenho o maior respeito pelos que divergem de mim. Só quero pensar. Talvez discutir. Mas todos têm razão. E isso é o que importa: o amor pelo romance. Enfim, pela escrita. Por isso mesmo, encontro aí motivos suficientes para que se possa trabalhar o romance, cujos caminhos são cada vez mais ricos, mesmo que se recorra, em certo sentido, ao passado. 

RAIMUNDO CARRERO é escritor, jornalista e professor de criação literária. Publicou, entre outros, *Somos pedras que se consomem*, *As sombrias ruínas da alma*, *Sombra severa*, *Ao redor do escorpião... uma tarântula?* e *O amor não tem bons sentimentos*. Nasceu em Salgueiro (PE), em 1947. Vive em Recife (PE).



A história do romance contada de um jeito pouco romântico. E muito inovador.

A LITERATURA VISTA DE LONGE

Franco Moretti

Em seu novo livro, o intelectual italiano mostra como mapas, gráficos e outros instrumentos das ciências exatas e naturais ajudam a explicar a história literária.

